

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL  
MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL**

**Lailah Garbero de Aragão**

**O estranhamento corporal na sociabilidade do capital:  
Obstáculos e caminhos para a sensibilização do corpo.**

JUIZ DE FORA

2019

**Lailah Garbero de Aragão**

**O estranhamento corporal na sociabilidade do capital:**

Obstáculos e caminhos para a sensibilização do corpo.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Serviço Social (Mestrado) da Universidade Federal de Juiz de Fora, área de concentração Serviço Social e Sujeitos Sociais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Serviço Social.

Orientação: Prof. Dr. Ronaldo Vielmi Fortes

**JUIZ DE FORA**

**2019**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Aragão, Lailah Garbero de.

O estranhamento corporal na sociabilidade do capital :  
Obstáculos e caminhos para a sensibilização do corpo / Lailah  
Garbero de Aragão. -- 2019.

136 p.

Orientador: Ronaldo Vielmi Fortes

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de  
Juiz de Fora, Faculdade de Serviço Social. Programa de Pós  
Graduação em Serviço Social, 2019.

1. Estranhamento. 2. Corpo. 3. Marxismo. I. Fortes, Ronaldo  
Vielmi, orient. II. Título.

LAILAH GARBERO DE ARAGÃO

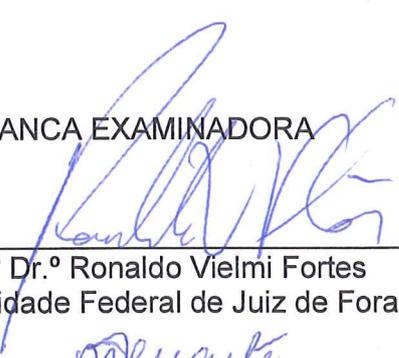
**O ESTRANHAMENTO CORPORAL NA SOCIABILIDADE DO  
CAPITAL:**

Obstáculos e caminhos para a sensibilização do corpo.

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Serviço Social, da Universidade  
Federal de Juiz de Fora como  
requisito parcial a obtenção do grau  
de Mestre em Serviço Social.

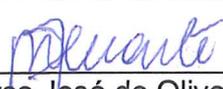
Aprovada em 5 de Setembro de 2019

BANCA EXAMINADORA



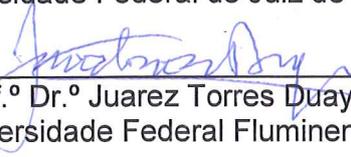
---

Prof.º Dr.º Ronaldo Vielmi Fortes  
Universidade Federal de Juiz de Fora



---

Prof.º Dr.º Marco José de Oliveira Duarte  
Universidade Federal de Juiz de Fora



---

Prof.º Dr.º Juarez Torres Duayer  
Universidade Federal Fluminense

*Para meu sobrinho e minha mãe.  
Presenças física de nove anos e póstuma,  
com que pude compartilhar vinte e um  
anos de amor incondicional e aprendido.  
Tal como o materialismo histórico me  
ensina a olhar para trás para analisar as  
condições presentes e, assim, construir um  
futuro chancelado por bases  
humanamente emancipatórias, assim  
figuram em minha vida: Fátima como  
memória de potência transformadora e  
Ernesto como esperança na construção de  
um mundo possível de se viver com nossa  
totalidade humana e sensível.*

## **AGRADECIMENTOS**

Carrego em mim muitos agradecimentos por cada gesto, momentos, palavras e afetos em todos os níveis de proporção. Todavia, alguns em específico são fundamentais de serem destacados para a possibilidade de escrita desse trabalho.

Agradeço primeiramente ao meu orientador Ronaldo Vielmi Fortes por ter representado tanto suporte ao longo dos estudos. Tive o privilégio de conviver durante dois anos com suas constantes trocas pacientes, abertura frente as questões que eram trazidas por mim no que se refere a temática do corpo, conhecimento imensurável compartilhado, generosidade, assertividade em me nortear e, principalmente, por acreditar em meu potencial para discutir um tema tão desafiador. Foram muitos os momentos de estímulo, dadas as condições que a escrita se desenvolveu para mim.

Ao meu pai Mauricio Sergio de Aragão, que mesmo sendo da área da engenharia civil, agiu de forma extremamente amorosa, carinhosa e confiante com meu objeto de pesquisa. Agradeço todo o suporte estrutural, financeiro, emocional e paciente com meu fuso horário trocado e as ausências para me dedicar a escrita.

A minha irmã Maria Fernanda Gárbero (Nanda) por inúmeros fatores, mas principalmente por compartilhar comigo sua grande experiência na área acadêmica e me transmitir o sentimento de pertencimento no caminho que escolhi trilhar. Agradeço os estímulos incansáveis sobre a minha escolha e, também a forte amizade e amor que compartilhamos.

Ao meu companheiro Rodrigo pelo amor e apoio emocional, por vibrar diante de minhas conquistas e pelos profundos aprendizados de autonomia, sentidos, comunicação, expressão e consciência que se desdobraram de forma indireta em nossa relação atípica e artística de músico e bailarina/pesquisadora.

A minha psicóloga Gisela Fonseca Barbosa pelo afeto e acompanhamento psicológico fundamental, com quem pude organizar e compreender todas as emoções que surgiam junto as demandas cotidianas. Sem seu suporte certamente essa escrita não teria ocorrido.

A minha fisioterapeuta e amiga Camilla Assad, por cuidar de meu tratamento físico diante da lesão de hérnia de disco que me acometeu em meio a escrita, me incapacitando temporariamente. Agradeço pelo cuidado, pelo afeto e pelas trocas de conhecimento que foram muito valiosas nessa dissertação.

A Praxis – Escola de Arte, Cultura e Movimento e a Tamiris Toschi, amiga querida e sócia, durante a curta experiência e grande aprendizado que trilhamos juntas ao fundar e encerrarmos as atividades de uma escola que deixou grandes lições e inúmeros frutos que ainda colhemos.

A Carolina Tagliati, Zezinho Mancini, Marcela Sales, Marco Túlio Vieira, Ximene Rodrigues, Isabela Costa, Isadora Pontes, Adriana Galdino, Hugo Viol, Mauricio Rufino, Caico Delage, Caroline Szabó, Carolina Marinati e Lidia Amoroso. Amigas e amigos que de formas particulares e especiais contribuíram com uma base afetiva e de aprendizagem essencial para as ideias e desenvolvimento desse trabalho.

Ao Lucas Bryan (Lukita), meu grande amigo, um agradecimento especial pelos desabafos, pelo companheirismo incondicional, pelos momentos de diversão e relaxamento ao longo da tensão da escrita e por sempre me estimular e apoiar, independente das minhas escolhas.

A todas as minhas alunas que já passaram por minha sala de aula e que ainda fazem aula comigo. Agradeço os compartilhamentos, a confiança, o carinho e toda a aprendizagem que me fazem ter certeza da escolha de minha profissão.

A todas e todos professores da Pós Graduação em Metodologia Angel Vianna. Agradeço por me formarem a partir de uma pedagogia sensorial, sensível e que acredita na potência do ser humano através da apropriação do próprio corpo. Também agradeço aos amigos de turma pelos compartilhamentos e aprendizado conjunto, em especial Isabela Pizani, Denise Ortiz e Murilo Hernandes.

Agradeço ao programa de Pós Graduação em Serviço Social por representar um campo de possibilidade de desenvolvimento e resistência da teoria crítica e do marxismo frente a tantos retrocessos e violações que atravessamos na conjuntura atual.

Finalmente, agradeço aos professores Juarez Duayer e Marco José de Oliveira Duarte pelo aceite em integrarem a banca de defesa da dissertação, compartilhando

seus valiosos ensinamentos e contribuições. Agradeço também às professoras Ana Selva Castelo Branco Albinati e Maria Lúcia Duriguetto pelo aceite da suplência e as professoras Elizete Menegat e Mônica Hallack pelo aceite e participação na banca de qualificação, contribuindo com pontos importantes para o desenvolvimento que se deu nos meses seguinte até a conclusão do presente trabalho.

*“O que é haver ser, o que é haver seres, o que é haver coisas. O que é haver vida em plantas e nas gentes, e coisas que a gente constrói. Maravilhosa alegria de coisas e de seres... Perante a ignorância em que estamos de como isto tudo pode ser.”*

*Álvaro de Campos*

## RESUMO

O presente trabalho consiste em uma análise que aproxima a categoria do “estranhamento” trazida nos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* de Marx, desenvolvida posteriormente na obra *Para uma Ontologia do Ser Social II* pelo autor György Lukács, aproximando-a e demonstrando suas reverberações sobre o aspecto corporal dos sujeitos sociais. Além disso, buscou-se demonstrar que a incidência dessa categoria condicionou historicamente aspectos que se relacionam a fragmentação dos sentidos humanos, a perda de consciência sobre aspectos subjetivos e o não desenvolvimento de dimensões sensíveis que se relacionam a personalidade e ao desenvolvimento do gênero humano *para si*. Nesse sentido, além do caráter crítico direcionado a divisão social do trabalho e a sociabilidade do modo de produção capitalista como geradores e mantenedores desse metabolismo, foi realizado um estudo acerca de práticas corporais que promovem caminhos possíveis para desvelar parte dos estranhamentos que compõem os sujeitos em sua dimensão corporal, além de um estudo de campo a partir de aulas de dança étnica contemporânea (*tribal fusion*) como instrumentalidade artística e proprioceptiva de um possível caminho interventivo diante da conjuntura problemática exposta.

Palavras-chave: Estranhamento; Alienação; Marx; Lukács; Corpo.

## ABSTRACT

The present work consists of an assessment that approximates the category of "strangeness" from *Marx's Economic and Philosophical Manuscripts*, developed later in the book *For an Ontology of Social Being II* by György Lukács, bringing it closer and demonstrating its reverberations about the aspect of the social subjects. In addition, we sought to demonstrate that the incidence of this category has historically conditioned aspects that relate to the fragmentation of human senses, the loss of consciousness about subjective aspects and the non-development of sensitive dimensions that relate to personality and mankind's development of *for themselves*. In this sense, in addition to the critique directed to the social division of labor and the sociability of the capitalist mode of production as creators and supporters of this metabolism, the research was conducted about body practices that promote possible ways to unveil partially the estrangements that the subjects make on their body dimension, as well as a field study based on contemporary ethnic dance (*tribal fusion*) lessons as artistic and proprioceptive instrumentality of a possible intervention path in view of the problematic conjuncture exposed.

Keywords: Strangeness; Alienation; Marx; Lukacs; Body.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1 ELEMENTOS TEÓRICOS PARA A COMPREENSÃO DO ESTRANHAMENTO CORPORAL.....</b>	<b>24</b>
1.1 A CATEGORIA DO ESTRANHAMENTO EM MARX.....	24
1.2 A CATEGORIA DO ESTRANHAMENTO EM LUKÁCS.....	34
<b>2 A FRAGMENTAÇÃO DOS SENTIDOS E SUAS DETERMINANTES.....</b>	<b>47</b>
2.1 O CORPO COMO MEDIAÇÃO COM O REAL.....	47
2.2 CONTRIBUIÇÕES DE DAVID LE BRETON ACERCA DA FRAGMENTAÇÃO DOS SENTIDOS.....	48
2.3 CONJUNTURA CONTEMPORÂNEA: O CORPO ÚTIL.....	53
<b>3 PESQUISADORES CORPORAIS E SEUS ENTENDIMENTOS.....</b>	<b>63</b>
3.1 MOSHE FELDENKRAIS.....	63
3.2 GERDA ALEXANDER.....	66
3.3 RUDOLF LABAN.....	69
3.4 KLAUSS VIANNA.....	71
3.5 ANGEL VIANNA.....	76
<b>4 ESTUDO DE CAMPO REALIZADO EM AULAS DE DANÇA.....</b>	<b>81</b>
4.1 TÉCNICA UTILIZADA PELA AUTORA.....	82
4.1.1 Histórico da técnica.....	83
4.1.2 Conjuntura atual da técnica.....	89
4.2 A TÉCNICA APLICADA AO CORPO CONTEMPORÂNEO.....	90
4.2.1 Cintura pélvica versus corpo “bloqueado” e tensionado.....	91
4.2.2 Cintura escapular e membros superiores versus vulnerabilidades.....	95
4.2.3 Improvisação coordenada e senhas motoras versus objetividades cotidianas.....	97
4.2.4 Movimentos espontâneos versus condicionamentos motores.....	99
4.2.5 O processo de subjetivação através do <i>Tribal Fusion</i> .....	101
4.3 METODOLOGIA DE ENSINO.....	103
4.3.1 Observações gerais sobre a aula.....	105
4.3.2 Relação com o chão e a gravidade.....	106
4.3.3 Início do aquecimento.....	110

4.3.4 Verticalidade.....	116
4.3.5 Verbalizando experiências.....	118
4.3.6 Aplicando a técnica.....	121
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>128</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>134</b>

## INTRODUÇÃO

Essa escrita se inicia com algumas inquietudes que serviram de base para fomentar a construção de uma análise pautada em trazer à tona um processo investigativo que deixa muitos pontos de partida e, ao mesmo tempo, um campo aberto a muitos outros desdobramentos. As questões que introduzem o interesse desse estudo se pautam na observação crítica extraída do cotidiano, permeado por várias concepções a respeito da vida, das pessoas e que integram o imaginário do senso comum a partir de premissas que estratificam o ser humano em parâmetros restritivos. Por vezes essas estratificações passam por uma naturalização de certos comportamentos que, conforme minha maneira de observar, não se tratavam meramente de comportamentos naturais, imanentes, nem que fossem justificados por um critério de natureza humana. Ao mesmo tempo, percebi que eu não obtinha ainda as instrumentalidades necessárias para poder oferecer uma outra perspectiva, apesar de compreender que o caminho não era por essa via.

Nesse sentido, a conformação em observar a realidade era um incômodo que eu carregava e de certa maneira queria investigar e me apropriar de formas para evidenciar o contrário, contradizendo distorções de ordem biológica e podendo demonstrar que tais questões são decorrentes de construções socialmente engendradas que, apesar de termos nosso nível de individuação e personalidade, muitas de nossas potências ainda são desconhecidas pelas próprias condições objetivas que vivenciamos para poder desenvolvê-las.

Apesar de ser graduada em Direito e ter sido aprovada no quadro da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), tenho contato com o campo das artes como a música e a dança desde criança e, também, com discussões decorrentes das ciências humanas pela educação que recebi em meu núcleo familiar. Na faculdade, meu interesse era na área do Direito Constitucional – ramo em que realizei o exame da OAB, inclusive -, por ser um campo onde era possível traçar uma discussão para além das questões meramente individuais como acontece recorrentemente no Direito Civil com os conflitos jurídicos exclusivamente interpessoais. Me interessava compreender as leis que regem a coletividade, os parâmetros políticos em que nos desenvolvemos enquanto sujeitos sociais e, assim, também fui me aproximando dos Direitos Humanos. Porém, com a conclusão do curso, meu desencantamento com as

possibilidades de atuação profissional frente aos meus interesses investigativos, me conduziu a buscar o desenvolvimento das discussões que não seriam possíveis dentro da restrição aos parâmetros legais da prática como advogada. Assim, fui aprovada no processo seletivo do mestrado em Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora e, ao mesmo tempo, dei continuidade a outro campo que atuava desde antes de começar a graduação, como fonte de renda e canalização do que desde cedo pude ter a oportunidade de desenvolver os aspectos de minha sensibilidade artística: a dança.

Ao falar de dança, entendo que é possível visualizar que posso tratar diretamente sobre Direitos Humanos. Ao falar de Direitos Humanos, também me refiro a fundamental importância de desenvolvimento e aprofundamento em uma dimensão sensível que busco realizar em minhas práticas profissionais. E ao tratar sobre sensibilidade ao longo do desenvolvimento da sociabilidade, me deparo com uma questão que se delinea a nível estrutural e não se relaciona exclusivamente com o aspecto subjetivo e volitivo dos sujeitos sociais: as condições objetivas que somos submetidos socialmente.

Nesse sentido, durante minhas práticas profissionais e com as questões relacionadas a pesquisa do corpo para aplicar uma linguagem técnica estilística que atuo – *tribal fusion*, ou também chamado de dança étnica contemporânea -, pude perceber que o acesso a sensibilização e as capacidades artísticas através de montagens, coreografias e desenvolvimento técnico, iam atingindo as alunas tanto em suas camadas subjetivas como em suas relações, seus gostos, posturas, opiniões, etc. O aspecto sensível de suas personalidades é trazido à tona em todas as aulas mesmo que seja em uma simples conversa de corredor. Ao mesmo tempo, havia uma falta de compreensão de minha parte junto a uma necessidade de delimitar o que pertencia a minha competência enquanto profissional da dança sem atravessar outras abordagens terapêuticas como a psicologia, por exemplo.

Assim, ao mesmo tempo que percebia um despertar de questões sensíveis e o quanto as aulas as tocava de uma forma diferenciada da cotidianidade que vivenciavam, algumas problemáticas iam surgindo: durante a execução de um movimento, muitas vezes apareciam grandes dificuldades por falta de concentração, de tensões localizadas, além das frustrações em não atingirem uma perfeição frente ao que era proposto. Nesse sentido, diante dos meus olhos, foi se desdobrando uma

questão bastante sintomática que entrava na sala de aula junto a todas as alunas: havia registros que estavam “impressos” nos corpos e que por mais que não fossem verbalizados, a linguagem corporal tratava de manifestar. As emoções iam surgindo principalmente porque dançar se relaciona com o campo da sensibilidade e das emoções. As salas de aula de dança, muitas vezes são consideradas pelas alunas como uma prática terapêutica, apesar dos recorrentes alertas que expresse de que é necessário um acompanhamento profissional específico caso as aulas estejam fazendo emergir pontos necessários a serem desenvolvidos a nível psicológico.

Assim, foi se delineando para mim uma conjuntura de corpo em que era necessário haver um trabalho específico para acessar o diálogo da sensibilidade, a capacidade de apreensão dos códigos da arte, da estética etc. Os contornos percebidos por mim demonstravam um corpo amoldado pelas dinâmicas do cotidiano onde era “antinatural” uma possibilidade de insurgência de aspectos que nos integralizam enquanto seres humanos. Buscava também entender as ferramentas para transportar esse corpo cotidiano a um corpo sensível, em que não ocorresse uma dicotomia que somente promove tais aspectos na sala de aula e condiciona uma relação de dependência das alunas com minha abordagem metodológica. A preocupação começava a se tornar uma busca em como apresentar ferramentas que ultrapassassem minhas intervenções e que pudessem ser transportadas cotidianamente para fazer emergir aspectos sensíveis em outros setores de suas vidas a partir do contato com o próprio corpo como recurso.

Nesse sentido, o cenário da dança começava a fornecer questões que me tocavam enquanto advogada não atuante e agente em prol da defesa dos direitos humanos. Pude perceber que a sala de aula de dança guardava muitas semelhanças com os regramentos jurídicos por partir de premissas, postulados e, inclusive, estereótipos que fundamentam a distinção dos seres humanos a partir de interpretações restritivas que desconsideram seus processos de formação social. Diversas vezes as queixas das alunas que já tiveram contato com julgamentos de profissionais da área ressaltavam a falta de aptidão e talento como impeditivos para dançar, se assemelhando aos discursos que atribuem aos indivíduos um naturalismo comportamental que fere a possibilidade de uma perspectiva emancipatória e

garantista<sup>1</sup> aos seres humanos, como verificamos inclusive na base curricular da faculdade de direito ao termos contato com as teorias dos chamados autores contratualistas<sup>2</sup>. Em ambas situações, há uma exclusão de caminhos que permitem uma integralidade da dimensão subjetiva dos sujeitos, que combatam uma dimensão restritiva e que sejam propositivos com maneiras que possibilitem o desenvolvimento do gênero para si<sup>3</sup>.

Dessa forma, ao tratar sobre desenvolvimento de sensibilidade, repertório artístico e todo o restante de possibilidades que tocam no desenvolvimento humano, foi possível observar que na sociabilidade em que estamos circunscritos, residem questões que atingem diretamente o campo da consciência e se traduzem como efeitos de alienação sobre as próprias potências que carregamos.

A partir daí, com o ingresso no mestrado em Serviço Social, deparei-me com a desorganização que havia em minhas concepções que, a princípio, ainda não conseguia conciliar todas essas discussões advindas das ciências humanas e do cenário jurídico junto ao trabalho que eu desenvolvia com a arte a partir da pesquisa corporal nas aulas de dança. Entretanto, pude encontrar na figura de meu orientador Ronaldo Vielmi Fortes um suporte determinante que me forneceu meios para integrar o complexo de complexos que circundavam minha trajetória. Nesse sentido, apesar da escrita dessa introdução ser em primeira pessoa, ressalto que só foi possível ser desenvolvida a partir das trocas, orientações, apoio, escuta generosa e aprendizado que pude receber ao longo desses meses com Ronaldo.

Diante da orientação e das contribuições das disciplinas do curso, pude compreender com maior nitidez que a simples indignação com a realidade não é capaz de transformar suas bases nem tampouco extinguir a sociabilidade destacada e que passou a ser compreendida por mim como engendrada pelo sistema econômico capitalista. Todas as inquietudes que fundamentavam minha busca por entendimento

---

<sup>1</sup> Garantismo penal é uma corrente doutrinária jurídica que visa combater a perspectiva punitivista que desconsidera os aspectos da defesa de direitos fundamentais frente aos comportamentos que recebem tipificações condenatórias, como se reflete em frases do senso comum como “bandido bom é bandido morto”.

<sup>2</sup> Thomas Hobbes é um exemplo muito utilizado para fundamentar o punitivismo e o desenvolvimento de uma concepção de direito penal pautada na ideia de que “o homem é o lobo do homem”.

<sup>3</sup> Categoria analisada no capítulo 1 advinda de Lukács, onde o desenvolvimento das capacidades e potências do gênero decorrem no sentido do aproveitamento para a própria emancipação humana, e não em razão de condições socialmente determinadas pela sociabilidade.

passaram a ser canalizadas como impulsos para produção de conhecimento e aprofundamento que não se esgotariam no simples desejo de entender a realidade, mas sim, intervir em sua dinâmica.

Pude perceber, também, que através do campo teórico que eu começava a entrar em contato havia uma maturidade em compreender que não basta apontar a problemática, mas sim, realizar uma apropriação sóbria e objetiva de suas dinâmicas para fundamentar o que entendo como uma necessidade de transformação e construção de maneiras de agir estrategicamente enquanto ainda habitamos essa sociabilidade.

Dessa maneira, o desenvolvimento desse trabalho partiu da escolha em abordar a questão do Estranhamento em Marx e Lukács como uma categoria socialmente determinada e atuante nas engrenagens apontadas como os “problemas sociais” que moviam minha necessidade de entendimento, junto ao estudo de como tal categoria se relaciona com o “afastamento de si” sob a perspectiva da consciência corporal. Tal pesquisa teórica se desenvolveu ao longo do primeiro capítulo desse trabalho, onde foi possível extrair determinações sociais que atingem diretamente a dimensão do “ser” dos sujeitos sociais, como aprofunda a análise de Lukács sobre Marx, no desenvolvimento da personalidade humana.

Pude compreender que fazer uma crítica ao sistema econômico capitalista não impede o reconhecimento do desenvolvimento das forças produtivas humanas e do quanto as potências do gênero se objetivaram em tais aspectos. Entretanto, também compreendi que tais forças produtivas não se relacionam diretamente com o desenvolvimento da sensibilidade e personalidade humana que, por outro lado, não encontra bases sociais para ser desenvolvida enquanto potência do gênero.

Diante disso, foi possível afirmar que são engendradas personalidades tacanhas e forjadas por determinações sociais que nos dias de hoje se refletem a partir de concepções que norteiam o imaginário do senso comum. São recorrentes, por exemplo, concepções que estratificam os seres humanos a partir de simples diagnósticos que demonstram derivar de concepções imanentes, principalmente no aspecto de suas subjetividades. Contrassensos se expressam, por exemplo, quando conceitos como “egocentrismo” e “ vaidade” coexistem também com sintomas de comportamentos “afastados de si” e “alienados”. Apesar de compreender que há um

desdobramento dessa discussão que se procede em outros campos profissionais, busquei trazer essa questão sem desconsiderar que também existe uma margem de possibilidade de compreensão em outros campos da produção de conhecimento, como realizei no Serviço Social.

A abordagem que psicólogos ou que outros profissionais das ciências humanas realizam com suas próprias categorias analíticas, foi algo que nos preocupamos muito de nos diferenciarmos ao longo da escrita desse trabalho. Assim, o desenvolvimento dessa pesquisa foi realizado através da apropriação de ferramentas que a produção acadêmica e teórica desenvolvida no Serviço Social nos fornece, junto a outras interlocuções advindas do campo das teorias sociais do corpo.

Nesse sentido, enquanto, por um lado, percebia que o advento muito grande do individualismo, do culto ao “eu” e dos egocentrismos nas dinâmicas sociais, por outro lado, também compreendia, diante das experiências que obtive ao longo de minha formação e experiências profissionais, que as pessoas estão cada vez mais afastadas de si mesmas, agindo por impulsos, comportamentos “primários” e emoções mal trabalhadas, pouco conhecidas e que por vezes evidenciam posturas reativas e estimuladas por fatos que nos atravessam cotidianamente. O foco aqui não foi estudar o quanto essa repercussão se desenvolve a nível psicológico, mas sim, o quanto que as condições objetivas em sociedade interferem nas tomadas de decisões dos sujeitos sociais e em suas próprias dimensões individuais.

Como tal polaridade entre “egocentrismo” e “afastamento de si” se apresenta de forma muito latente nas dinâmicas sociais, pude perceber que, na verdade, nos pautamos em estereótipos que apesar de serem facilmente identificáveis, não representam, ao fim, uma compreensão acerca da complexidade do ser social.

Dessa maneira, me atendo a apontar as determinações sociais que pairam sobre os sujeitos no que toca a questões de cunho subjetivo, o que busquei desenvolver ao longo da escrita foi uma abordagem que considerou a existência de duas correntes do pensamento social que se desenvolvem de maneira desfragmentadas, mas que, ao mesmo tempo, contribuem para a compreensão do problema de uma forma abrangente: o grande volume de produção da temática corporal no campo da teoria pós moderna e a análise dessa temática a partir do campo marxista.

Observo que os estudos da questão do corpo sob o viés da pós modernidade, em específico nas correntes fenomenológicas e existencialistas, oferecem uma perspectiva analítica que segue por outros caminhos aos escolhidos nessa dissertação. Autores como Merleau Ponty, Martin Heidegger, Friedrich Nietzsche, Gilles Deleuze e Félix Guatarri são bastante utilizados a partir de suas produções relacionadas ao tema. Entretanto, a escolha em não utilizar tais referenciais teóricos não partiu de uma oposição direta a seus entendimentos, mas sim, de uma visualização de que o campo marxista possui grande possibilidade de trazer contribuições e propor temas que escapam a tais abordagens teóricas.

Apesar de não desenvolver um estudo aprofundado nesse trabalho acerca de tais autores mencionados, pude trazer a contribuição do autor contemporâneo David Le Breton ao tratar sobre as determinantes que permeiam a fragmentação dos sentidos humanos a partir de sua obra *Antropologia dos Sentidos*. O autor não utiliza o referencial de Marx, como buscamos desenvolver aqui, entretanto, desenvolve uma análise específica acerca dos sentidos que apresentou traços valiosos no momento do estudo das determinantes acerca do tema.

Ainda sobre o referencial advindo da teoria pós moderna, a partir do contato que tive com esse campo epistemológico na pós graduação em Consciência pelo Movimento que realizei na Faculdade Angel Vianna, pude perceber que quando se desenvolvem tais discussões sob o viés acadêmico articulado com as particularidades da produção de conhecimento do campo artístico, por vezes é possível verificar um desvio de suas interpretações para um cunho místico, imanente, meramente denunciativo e que também se descolam de uma dinâmica que se relaciona e se intermedia constantemente com a sociedade. Entender dinâmicas sociais, obviamente, é considerar suas nuances completamente heterogêneas, específicas e particulares, mas ao mesmo tempo, compreendo que é também partir de uma processualidade e de uma visão estrutural que nos é fornecida pelo campo materialista, ponto que fundamenta a escolha do referencial adotado nesse trabalho.

Por outro lado, ao nos defrontarmos com a temática da alienação que é bastante desenvolvida nas teorias marxistas, foi possível concluir que não há um tratamento constante das questões referentes as subjetividades e não se articulam constantemente com teorias que circundam a temática das identidades.

Diante dessa dicotomia, a intenção dessa escrita foi justamente reivindicar o marxismo ao se analisar questões referentes ao estudo do corpo, como uma possibilidade de compreensão objetiva e estrutural de questões referentes a subjetividade, respeitando as contribuições advindas de teorias que buscaram esse aprofundamento pelo viés pós-moderno mas, ao mesmo tempo, aproximando e possibilitando uma perspectiva materialista sobre questões pouco desenvolvidas nesse campo teórico, como buscamos realizar a partir da categoria do estranhamento impressa na consciência sobre o corpo humano.

Foi perceptível para mim que as questões relativas ao corpo, à consciência, ao processo de subjetivação e personalidade são tratadas com relativizações que carregam determinações muito taxativas ao se buscar relatividades. O que buscamos demonstrar nesse trabalho foi a possibilidade de construir uma perspectiva estrutural para se relacionar com a temática do corpo, compreendendo que a relativização e o respeito as individualidades levados a vias muito categóricas, também pode, de certa maneira, representar restrições ao desenvolvimento de uma compreensão teórica mais abrangente.

Partindo de um hipotético pressuposto de que não existe uma maneira de compreender um processo subjetivo objetivamente ou ter um certo olhar sobre a unidade do problema, de modo a extrair fatos que se relacionem com processos e estruturas sociais, nos encontramos de mãos atadas para compreender elementos que perpassam a totalidade dos sujeitos sociais. Ainda que cada pessoa tenha suas características, seu processo de constituição, suas individualidades e suas formas de agir, o problema que identificamos “contamina” todos os sujeitos sociais de uma maneira abrangente, dadas as particularidades de manifestação. Assim, se essa problemática afeta os seres humanos em um nível coletivo, entendo como fundamental formular um entendimento processual e estrutural, guardadas e relativizadas as próprias relativizações.

O modo de produção capitalista como regente da sociabilidade que apontamos, depende da dessensibilização<sup>4</sup> e da ausência de consciência. Suas dinâmicas ferem

---

<sup>4</sup> Terminologia que cunhamos para nos referirmos ao fenômeno do desligamento da dimensão sensível dos indivíduos. O significado desse termo no dicionário online Priberam refere-se ao verbo “dessensibilizar” que pode ser interpretado como “anestesiado” ou, também, tornar insensível ou menos sensível. Fonte: <https://dicionario.priberam.org/dessensibiliza%C3%A7%C3%A3o> Acesso em Agosto/2019.

diretamente os fluxos de respeito ao corpo, a saúde mental e física. Possibilitar e garantir um desenvolvimento da conscientização nos sujeitos sociais e em suas dimensões enquanto indivíduos é algo que, conseqüentemente, atinge as dinâmicas de reprodução do capital.

Entendo que o capital não é um ser ou um ente específico, mas sim, um processo dinâmico social que se reproduz a partir da corporalidade, também. E quanto mais atentos e conscientes estivermos para isso, mais instrumentos teremos para construir uma sociedade que se subleve dessa subordinação cotidiana. Assim, também consta no segundo capítulo desse trabalho, a análise que nomeio como “corpo útil” para tratar dos efeitos em que a sociabilidade do capital projeta na corporalidade, nos comportamentos e na fragmentação dos sentidos humanos.

Ao tratar de sensibilização corporal, são perceptíveis várias marcas de violência que foram procedendo, se articulando de maneira ocultada e despercebidas ao longo de nossa existência. Dessa forma, nessas áreas onde se desenvolve o trabalho com as somáticas<sup>5</sup>, muitas vezes pode ocorrer de nos depararmos com uma concepção fragilizada e de vulnerabilidade do corpo. Perceber várias marcas, por vezes nos faz esquecer ou desconhecer a força que o corpo carrega e da potência regenerativa e resistente que ele possui.

Assim, minha tarefa como educadora corporal nesse contexto, se deu principalmente em atentar para o fato de que sensibilizar um corpo não é sinônimo de perceber unicamente sua vulnerabilidade e fornecer a ele somente o que é confortável, tendo em vista que essa é uma tendência que ocorre nas práticas corporais somáticas. O olhar atento que tentamos ter aqui foi justamente para apresentar uma outra relação com nossos corpos, um interesse e uma capacidade dos indivíduos para que seja possível conceber a dimensão corporal tanto como potência como resistência de existência digna. Apesar de entender que é fundamental não estarmos meramente resistindo cotidianamente, compreendo que a resistência ainda é necessária para nos articularmos diante de um sistema historicamente engendrado.

---

<sup>5</sup> Área do conhecimento que se relaciona com práticas relacionadas ao alargamento da percepção e apropriação sobre o corpo.

Parto de uma compreensão da superação do capitalismo como um processo, pois tal circunstância não depende somente de mudanças realizadas a curto prazo por leis, regulamentações formais ou outras soluções que desconsiderem que ele se imprime, inclusive, na histórica constituição corporal dos sujeitos sociais. O capitalismo projetado no corpo humano expressa marcas nos órgãos, na pele e nos músculos. Desvelar todo esse amoldamento também envolve processualidade.

Diante disso, percorri caminhos em minha prática profissional que me forneceram subsídios para entender que atenção, presença e sensibilização são elementos que necessitam de bases instrumentais para serem atingidos. Aprendemos durante o processo de escolaridade como realizar operações matemáticas, escrever etc. Mas não aprendemos como podemos trabalhar estados de presença, percepção do outro, por exemplo. Assim, da mesma forma que somos educados para agirmos conforme um determinado comportamento, também é necessária uma educação progressiva no sentido de outras maneiras de existirmos.

Acredito que a mudança em tais aspectos não se opera efetivamente a partir de simples denúncias e afirmações de uma necessidade de mudança, imputando ao ser humano imperativos imediatistas de transformação como é recorrente nas áreas relacionadas a auto ajuda. E nas novas tendências que operam através de postulados como do simples “pensar positivo” para a materialização de uma realidade romantizada, como também ocorre nas práticas dos *coachs* comportamentais, através de promessas de intervenção sobre a subjetividade com rapidez e abordagens rasas que, muitas vezes, interferem na atuação da prática da psicologia, nutrição, medicina, etc.

Ao longo da escrita, pude ter contato com diversas obras, linhas de conhecimento e também com uma formação de dois anos no curso de pós-graduação que mencionei anteriormente. Essa abordagem deriva da metodologia da educadora corporal Angel Vianna e foi narrada no capítulo três, junto a outros teóricos e pesquisadores somáticos, como forma de ilustrar como se desenvolve a abordagem de tais profissionais e de que forma se expressa o olhar crítico que possuem com relação a sociabilidade.

Com relação a formação que obtive na metodologia Angel Vianna, tal estudo pôde me fornecer bases para aproximar o que entendo como “corpo útil” de uma

perspectiva de “corpo sensível”, que desenvolvi em um estudo de campo realizado em minhas turmas de dança com minhas alunas, momentos em que pude compartilhar no capítulo quatro desse trabalho, junto a explicação de como se articula a minha própria metodologia e, também, como a técnica de dança que desenvolvo é uma instrumentalidade artística que carrega grandes potências de desenvolvimento dos aspectos referentes ao campo da personalidade.

Compreendi ao longo da escrita que uma dimensão útil é válida e necessária para o desenvolvimento das forças e capacidades produtivas “coisais”. Por outro lado, demonstrei a importância em também haver condições objetivas para o desenvolvimento do manejo das emoções, sensibilidade e todos outros fatores e setores que não se relacionam diretamente com as demandas do capital. Nesse sentido, pude perceber que, durante as práticas com as alunas e as que eu mesma me submeti no curso de consciência pelo movimento da Metodologia Angel Vianna, existem trabalhos e instrumentalidades muito fundamentadas para conduzir a esses estágios de desenvolvimento de nossa integralidade enquanto seres humanos. Enquanto pesquisadora que entende que as dinâmicas sociais se interpõem de forma lesiva ao corpo, atento ao mesmo tempo para a necessidade da sensibilização como instrumentalidade que capacite as pessoas a entenderem que o corpo é capaz de resistir a tais violências naturalizadas através do autocuidado e da auto percepção sensível.

A dimensão sensível humana perpassa emoções, e essas muitas vezes são tratadas com abstrações extremamente irrazoáveis, por vezes até poéticas e que as reservam a um tratamento objetivo unicamente nas áreas da saúde que se dedicam a seu estudo. Entretanto, como busquei desenvolver uma pesquisa social sobre o corpo, foi fundamental considerar que as sensações e emoções também são advindas de uma relação com a corporalidade que aqui foi desmembrada: são ativadas por sentidos, são bloqueadas e impressas através de dores e sintomas, e estão em constante relação com o cenário socialmente determinado. Pude compreender que estudar sobre a dimensão do ser é, também, tratar sobre a sua dimensão corporal. Nenhum de nós é paralelo ao corpo, e atentar para as reverberações que se imprimem nesse habitat, é compreender a totalidade do humano.

Assim, buscando produzir um estudo que considere o corpo como o invólucro onde a consciência se processa, busquei demonstrar que o ser humano ainda

encontra-se dessensibilizado de suas dimensões profundas e que tal afirmação não deriva de uma simples evidenciação fenomenológica apreendida de uma prática decorrente de minhas experiências pessoais, mas sim de uma práxis desenvolvida a partir de uma nova discussão no campo do marxismo, que visa, não somente recortar Marx de uma forma descolada ou com parte de seu pensamento, mas trazer a análise objetiva sobre a realidade e o materialismo como diretriz e fundamento desse estudo, para servir como produção no campo marxista de modo a fornecer bases capazes de compreender os aspectos da subjetividade como parte integrante da totalidade das dinâmicas societárias e, ao mesmo tempo, propor práticas interventivas que apliquem as discussões realizadas a nível teórico.

Compreendo, assim, que o problema da alienação – e especificamente da categoria do estranhamento – quando analisado de forma dissociada da dimensão corporal é simplesmente uma conjectura ficcional, pois se processa não apenas em um chão social, mas também em uma materialidade subjetiva dessensibilizada. Ao compreender que a conscientização da materialidade física e sensível do corpo nos fornece bases para um desestranhamento dessa dimensão é muito mais possível vislumbrar uma intervenção na realidade do que simplesmente construir uma teoria que não ultrapasse o cunho denunciativo.

# 1 ELEMENTOS TEÓRICOS PARA A COMPREENSÃO DO ESTRANHAMENTO CORPORAL

Partindo da pretensão investigativa que fundamenta esse trabalho, é necessário delimitar o horizonte teórico que perpassamos para construir a pesquisa. Ao tratar sobre as correlações entre consciência corporal e os processos sociais que revestem esse conceito, deparamo-nos com diversos autores que propõem análises originadas de múltiplas correntes filosóficas distintas.

Diante dos limites que integram a escrita de um trabalho realizado no decurso temporal de uma pós graduação *stricto senso*, destacamos que a seleção bibliográfica se restringiu ao direcionamento que pretendemos traçar ao longo dos capítulos, de modo a demonstrar o problema da consciência como um fato social que se desenvolve de maneira processual e engendrada firmemente no chão social que habitamos. Buscamos afastar, aqui, as concepções que atribuem a alienação enquanto um fator humano, natural do ser, imanente.

Assim, dois autores se localizam com extrema ressonância aos caminhos que pretendemos percorrer, oferecendo categorias de análise que esteiam a compreensão objetiva acerca de questões que tocam ao campo da subjetividade humana. Autores que retiram a alienação do terreno da responsabilidade individual e a analisam seriamente como uma deformação do ser social socialmente posta.

Analisaremos as categorias elaboradas por Karl Marx e, sucessivamente, estudadas e desenvolvidas com mais contornos por György Lukács. Autores estes que, apesar de não contracenarem a mesma conjuntura histórica, se debruçaram em observar com minúcia e denunciar as articulações estruturais que se direcionam na contra mão da emancipação humana.

## 1.1 A CATEGORIA DO ESTRANHAMENTO EM MARX

Muitas pessoas atribuem a imagem puramente economicista a Marx, sem abarcar as demais contribuições que o autor desenvolveu no sentido de análises filosóficas que tocassem em questões ontológicas. Neste trabalho, selecionamos uma obra de grande expressão do pensamento marxiano no que concerne a questões humanas e que somente foi publicada muitos anos após sua morte, em 1932 na União Soviética: os *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*. Essa obra representa uma fase do autor ainda jovem, mas que já carregava elementos que seriam desenvolvidos em suas obras posteriores.

Em seus manuscritos, Marx realiza um trabalho de análise que traz à tona a crítica de uma economia política – a qual ele se refere como *economia nacional* – tendo em vista que, na época, os respectivos teóricos da área não se debruçavam em compreender as reverberações imediatas entre trabalhador e produção (MARX, 2010, p.82). Em Marx, o apontamento das repercussões humanas que estavam sendo articuladas por essa estrutura é representado com uma preocupação evidente ao longo de sua escrita (Idem, p.79).

Destacamos aqui o capítulo *Trabalho Estranhado e Propriedade Privada* onde o autor inicia a exposição desse cenário, sendo bastante enfático em centralizar seu texto em uma conjuntura presente – no momento de sua análise que ocorreu no século XIX –, sem deslocamentos teóricos a períodos primitivos que obscureciam questões pertinentes e nada explicavam, como aponta que faziam os economistas políticos de sua época. A escrita do autor demonstra a todo momento ser comprometida com a realidade posta no contexto em que encontrava-se inserido e suas implicações (Idem, p.80).

Nesse sentido, Marx inicia sua análise detectando as contradições manifestas na produção de riquezas industriais em face do empobrecimento no sentido físico e espiritual dos sujeitos que as produziam. Conforme disserta, a efetivação do trabalho representava, diretamente, a objetivação e desefetivação do próprio trabalhador, configurando assim a sua perda essencial e sua servidão diante de um objeto. Ou seja, aquele sujeito que despendeu sua energia para criar algo, se objetivou de modo a concretizar a si mesmo sob a forma de um objeto externo, alheio, estranho, não pertencente a si próprio e dotado de um poder no momento em que passaria a se constituir como uma mercadoria (Idem, p.81).

Para o autor, quanto mais o trabalhador desenvolvia sua força produtiva objetivada em mercadorias, mais ele tinha diante de si uma impotência quanto a sua própria subjetividade, pois a partir do momento em que sua potência se objetivava em algo externo e estranho a si mesmo, o que lhe restava era otimizar sua vida para que o restante de suas funções – fisiológicas, por exemplo – correspondessem e restaurassem sua disponibilidade física e espiritual para exercer sua atividade produtiva.

Em um momento muito importante de sua escrita, Marx compreende que o advento da valorização do mundo das coisas interpunha-se inversamente proporcional a valorização do mundo dos homens. O autor visualizou, assim, a ocorrência de um *factum econômico* que indicava um efeito da produção incidindo sobre os sujeitos sociais, o qual ele denominou como estranhamento (*Entfremdung*) (Idem, p.80).

É interessante ressaltar que essa categoria se expressa sob um prisma que reflete uma incapacidade dos sujeitos frente aos objetos produzidos por eles próprios. Não se trata somente do fato do objeto não pertencer a ele, já que produz em nome de alguém e para integrar a sociabilidade enquanto mercadoria: ao se objetivar através dessa externalização, é como se o “mundo das coisas” estivesse recebendo mais poder do que o próprio sujeito que as criam, na medida em que a potência individual é despendida através da atividade produtiva que se desenvolve durante as horas de trabalho. Resulta, assim, um cenário que reflete maior pobreza no “mundo dos homens” e maior riqueza no “mundo das coisas”.

Nesse sentido Marx correlaciona esse deslocamento da subjetividade a exemplos que não se relacionam diretamente com o trabalho, utilizando a religião para ilustrar seu entendimento. Explica que quanto mais é atribuído a Deus – assim como na objetivação que resulta na mercadoria -, menos há sobre si próprio:

Na determinação de que o trabalhador se relaciona com o produto de seu trabalho como [com] um objeto *estranho* estão todas estas consequências. Com efeito, segundo este pressuposto está claro: quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando (*ausarbeitet*), tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio (*fremd*) que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, [e] tanto menos [o trabalhador] pertence a si próprio. É do mesmo modo na religião. Quanto mais o homem põe em Deus, tanto menos ele retém em si mesmo. O trabalhador encerra sua vida no objeto; mas agora ele não pertence mais a ele, mas sim ao objeto. Por conseguinte, quão maior esta atividade, tanto mais sem-objeto é o trabalhador. Ele não é o que é o produto do seu trabalho. Portanto, quanto

maior este produto, tanto menor ele mesmo é. A *exteriorização* (*Entäußerung*) do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência *externa* (*äussern*), mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe *fora dele* (*ausser ihm*), independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência (*Macht*) autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha. (MARX, 2010, p.81)

Outra maneira que Marx pretendeu demonstrar a relação de servilismo do trabalhador frente a seu objeto foi através da crítica ao salário, ao perceber que tal remuneração, na verdade, representava uma quantia para que o trabalhador simplesmente fosse capaz de suprir suas carências repositivas, de modo a retornar cotidianamente ao seu trabalho, sendo útil e produtivo para gerar ainda mais riquezas que, ao fim, não seriam suas e nem tampouco estariam contidas em sua remuneração laborativa. Assim, seria como se o salário repercutisse, na verdade, enquanto instrumento repositivo e de manutenção do que Marx entendia como “mercadoria força de trabalho”. A própria existência, dessa forma, estava condicionada a dimensão produtiva, uma vez que as funções vitais que coexistem junto a esfera enquanto “trabalhador” operavam de modo a otimizar essa estratificação reducionista da subjetividade.

Adiante, Marx aprofunda a análise sobre o ato da objetivação e desdobra como esse processo se relaciona com a natureza, tendo em vista que o desenvolvimento das forças produtivas humanas partem da apropriação desta através do trabalho, para concretar o ato da produção sob a forma de mercadoria. Assim, diante desse processo, o sujeito produz para outrem – o mercado – e, ainda, com a finalidade da divisão social do trabalho que é o lucro. Não há uma perspectiva de desenvolvimento humano integralizado frente ao desenvolvimento unicamente das forças produtivas. O trabalho que, a princípio não guarda nenhum requisito que envolva a relação com a condução a estranhamentos, se reveste diante da sociabilidade do capital, que por sua vez, através do trabalho estranhado, se apropria e explora não só a natureza como, também, o ser humano. Nesse sentido:

Quanto mais, portanto, o trabalhador se *apropria* do mundo externo, da natureza sensível, por meio do seu trabalho, tanto mais ele se priva dos *meios de vida* segundo um duplo sentido: primeiro, que sempre mais o mundo exterior sensível deixa de ser um objeto pertencente ao seu trabalho, um *meio de vida* do seu trabalho; segundo, que [o mundo exterior sensível] cessa, cada vez mais, de ser *meio de vida* no sentido imediato, meio para a subsistência física do trabalhador. (MARX, 2010, p.81)

Esse raciocínio se constitui em Marx através de uma dupla via de análise onde a natureza representaria, assim, a subsistência física do trabalhador e, também, a matéria prima que possibilita a produção dos bens materiais. Entretanto, o autor considera, inclusive, que o indivíduo em sua dimensão orgânica é parte da natureza. Assim, ao estabelecer uma relação estritamente conectada aos fins da produção – o lucro – o estranhamento do ser com sua própria condição enquanto gênero seria uma consequência.

É importante pontuar que a objetividade crítica de Marx não se fundamentava em um apelo moral em indicar a subversão dos fundamentos que estavam circunscritos na sociabilidade no tocante ao desenvolvimento do ser humano. Sua crítica direciona-se de maneira sóbria e analítica, expondo a contradição dialética que esse processo estava gerando, resultando em um afunilamento no desenvolvimento da totalidade do gênero humano. Também consiste, principalmente, na crítica direta à divisão social do trabalho que não viabilizava e, ainda, amputava a possibilidade de construção de condições materiais para abranger o desenvolvimento da esfera sensível do ser social. Dessa forma, aponta que a vida produtiva figurava apenas como uma atividade de sanção de carências e manutenção da existência física, minimizando a amplitude do gênero a consciências e comportamentos tacanhos e animais.

Quanto a essa comparação, Marx considerava que o modo em que o trabalho era posto pelas leis da produção manifestava-se muito dissonante no sentido de possibilitar um desenvolvimento na esfera do *ser*, e que apenas nas funções em que os seres humanos se assemelham aos animais era onde os trabalhadores se sentiam livres e ativos. Dessa forma, as especificidades inerentes a nossa individuação enquanto gênero humano não eram aprofundadas e desenvolvidas. Nesse sentido, o autor menciona:

É verdade que também o animal produz. Constrói para si um ninho, habitações, como a abelha, castor, formiga etc. No entanto, produz apenas aquilo de que necessita imediatamente para si ou sua cria; produz unilateral[mente], enquanto o homem produz universal[mente]; o animal produz apenas sob o domínio da carência física imediata, enquanto o homem produz mesmo livre da carência física, e só produz a si mesmo, enquanto o homem reproduz a natureza inteira; [no animal,] o seu produto possui imediatamente ao seu corpo físico, enquanto o homem se defronta livre[mente] com o seu produto. O animal forma apenas segundo a medida e a carência da species à qual pertence, enquanto o homem sabe produzir segundo a medida de qualquer species, e sabe considerar, por toda a parte,

a medida inerente ao objeto; o homem também forma, por isso, segundo as leis da beleza. (MARX, 2010, p.85)

Tal recurso metafórico utilizado por Marx, põe aqui uma exposição da situação em que se desenvolve a vida dos trabalhadores quando afastados de seus trabalhos. Os reflexos da exploração, do esgotamento e da apropriação do tempo de vida através das duras jornadas de trabalho, fortaleciam mecanismos que, além de proporcionar a esfera de consolidação da categoria do estranhamento, resultavam indivíduos com anseios condicionados por uma atividade usurpadora de modos de vida autênticos e livres. As ações realizadas no curto tempo que lhes sobraría, seriam correspondentes as devidas restaurações das condições meramente orgânicas e de subsistência que seriam necessárias para se despender novamente no dia seguinte de trabalho. Assim, se estabelece a relação de servidão.

Marx demonstrou que a relação entre capital e trabalhador se articulava de maneira mútua na medida em que o capital produz o trabalhador e o trabalhador, assim, produz o capital. Ou seja: o trabalhador torna-se fruto de uma constituição social em que produz a si mesmo como um produto vivo do capital. Tal processualidade representa uma conformação social, reproduzindo uma forma de sociabilidade que incide sobre os próprios sujeitos que a engendram, de maneira compulsória e desprovida de consciência. Assim, emergem indivíduos que se constituem na medida e subordinados a sociabilidade do capital (Idem, p.91).

Nesse sentido, Marx considera que aos olhos da produção, o ser humano seria apenas uma *besta reduzida às mais estritas necessidades corporais* (Idem, p.31). Apesar dessas necessidades representarem, também, funções humanas, o autor aponta que eram apenas nesses momentos que havia liberdade em serem algo que não se referia a necessidade de produzir diretamente alguma coisa que pertença a esfera do *ter*.

O trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador. Produz beleza, mas deformação para o trabalhador. Substitui o trabalho por máquinas, mas lança uma parte dos trabalhadores de volta a um trabalho bárbaro e faz da outra parte máquinas. Produz espírito, mas produz imbecilidade, cretinismo para o trabalhador. (MARX, 2010, p.82)

Dessa maneira, como elemento integrante da natureza que é concebida como matéria prima ou subsistência, o ser humano estranha sua própria condição do gênero

e, propriamente, do elemento que queremos demonstrar neste trabalho que é o seu próprio corpo:

O homem *vive* da natureza significa: a natureza é o seu *corpo*, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza. (MARX, 2010, p.84)

Diante das “condições de vida” da sociabilidade analisada por Marx– que podem ser compreendidas, na verdade, como condições de sobrevivência – a conservação da própria existência, em última análise, repercute prioritariamente na manutenção da integridade física. O cotidiano dos trabalhadores estava reduzido a trabalhar e suprir necessidades que garantissem a continuidade da capacidade laborativa. Os sentidos físicos foram sendo tomados pelas necessidades advindas da sociabilidade e da demanda repositora interposta pela produção. Dessa forma a existência humana foi sendo moldada e reduzida por determinações sociais que conduziram a uma relação de manutenção orgânica de fruições primárias, direcionada a finalidades estranhas ao desenvolvimento da esfera sensível dos indivíduos e resultando consciências tacanhas no que se refere ao desenvolvimento da totalidade do gênero, deformada e parcializada pela sociabilidade.

A partir dessa análise, Marx expõe um quadro em que verifica a cisão das concepções entre o gênero humano e sujeito social. Havia para o autor uma diferença substancial entre esses dois elementos porque o indivíduo que é constituído pela sociabilidade do capital enquanto sujeito social, recebe determinações socialmente engendradas que não operam em benefício do desenvolvimento do ser humano sob uma perspectiva integral.

Aos olhos do autor, as “coisas” produzidas pela humanidade através da divisão social do trabalho, não condiziam com o atendimento de finalidades voltadas ao aproveitamento dela mesma como um todo. A diretriz do desenvolvimento questionado por Marx estaria objetivando apenas o lucro. Nessa atividade cotidiana inexistem possibilidades de se produzir, e tampouco desenvolver, uma potência abrangente das particularidades do gênero.

Nesse sentido, configura-se uma fragmentação do próprio ser humano em sua apropriação do mundo, tendo em vista que as inúmeras criações produzidas não representam uma conformidade com as particularidades próprias da condição de

gênero humano. Além disso, dentro da própria atividade que os trabalhadores exerciam, não se verificava que dominassem o conhecimento necessário para a totalidade de seu trabalho. Quanto mais produziam, mais se encontravam alienados de sua natureza. Quanto mais amplificavam no mundo das coisas, menos obtinham em sua esfera subjetiva e mais se esgotavam no mundo dos homens. Dessa maneira, Marx compreende que as determinações interpostas pela sociabilidade na constituição das subjetividades, operam em descompasso com o desenvolvimento das capacidades humanas.

Tal compreensão contribui para nos apropriarmos da visualização das reverberações desse processo na contemporaneidade, revestidas sob outras formas de representação, mas com a gênese processual localizada pelo autor. Destacamos que o estranhamento está fundado na divisão social do trabalho e imbricado na essência do desenvolvimento humano, que se modulou em função da sociabilidade do capital, onde nos encontramos inscritos até hoje.

O estranhamento está presente nos dias atuais por ser uma categoria que afeta diretamente a subjetividade humana na dimensão de suas consciências, comportamentos e formação dos sentidos. Entretanto, não se trata de uma análise simples de causa e efeito sem a compreensão dos contornos que distorcem os sujeitos sociais. A categoria do estranhamento afeta os sujeitos no tocante a sua dimensão sensível, tendo em vista que suas vidas são reduzidas a meras funcionalidades úteis a produção e aos fundamentos da divisão social do trabalho. Quanto a essa fragmentação, Marx entende:

O lugar de *todos* os sentidos físicos e espirituais passou a ser ocupado, portanto, pelo simples estranhamento de todos esses sentidos, pelo sentido do *ter*. A esta absoluta miséria tinha de ser reduzida a essência humana, para com isso trazer para fora de si sua riqueza interior. (MARX, 2010, p.108)

Falar sobre essa fragmentação dos sentidos que o autor propõe é referir-se a deformação causada por um fato social, distante de qualquer circunstância natural ou imanente e que reduzem o ser humano a uma parcela de sua existência. A aptidão e o aprofundamento das qualidades referentes a capacidade de desenvolvimento de suas forças produtivas que a sociabilidade do capital viabiliza, toca apenas em uma dimensão dos sujeitos sociais, aniquilando outras formas de existência que desviem da finalidade da geração de lucro e que, conseqüentemente, esvaziam a esfera sensível e integralizada dos seres humanos.

Diante disso, o decurso do tempo evidenciou a especialização desse processo que chega na contemporaneidade de uma forma remodelada, reconfigurada, mas, ainda assim, tendo como base a manifestação dessa categoria que surge de um fato social com gênese, decurso histórico, formas fixadoras e especialização.

Ainda que os contornos da sociabilidade de hoje sejam distintos da que foi objeto de análise de Marx no século XIX, o aprofundamento do capitalismo se operou essencialmente conservando suas bases, apesar de ter transformado suas formas de manifestação. As contribuições de Marx expõem um processo que engendrou condicionamentos projetados sob o indivíduo, que afetam o campo da subjetividade e que com o passar dos anos vivendo sob o mesmo sistema, cada vez mais aperfeiçoado, apresentam-se remodelados e latentes.

A partir do momento indicado por Marx, foram forjadas relações e teias que iriam atingir vários outros segmentos da existência humana: o campo político, educacional, cultural, religioso, familiar, etc. Todas essas outras dimensões que também compõem o ser social não saíram ilesas desse metabolismo, tendo em vista que seriam articuladas e estruturadas pelos próprios sujeitos, frutos dessa sociabilidade que fragmenta a via subjetiva e atinge o próprio corpo e a consciência humana.

Diante dessa nova maneira de conceber a própria existência, onde a utilidade se impõe em função de sua especialização, da concorrência com outros sujeitos e na venda de sua força de trabalho em troca de um salário que lhe serviria para reabastecimento básico vital, as consequências que incidem sobre a subjetividade humana acabam por resultar um afunilamento restritivo das capacidades de desenvolvimento do gênero.

Com o fenômeno histórico-social do estranhamento foram sendo gestadas inúmeras “regras” de sociabilidade ao entorno dos indivíduos e que encontravam combustíveis que as fortaleciam através das relações de coisificação a que os sujeitos estavam sendo condicionados, como nos automatismos e na redução de suas vidas ao suprimento de necessidades de subsistência orgânicas básicas. Assim, tais incidências se direcionavam sobre elementos que integravam parte de um campo sensível e da própria constituição de suas subjetividades, amputando a possibilidade

de desenvolvimento de peculiaridades – agora sim, imanentes ao gênero humano – que nos diferenciam dos animais e, também, dos objetos.

Esses condicionamento que passariam a atuar nos sujeitos sociais diz respeito, propriamente, a formação dos sentidos que seriam, então, moldados de maneira reduzida a finalidades externas ao próprio ser. Ao passo que as inúmeras dimensões dos sujeitos sociais caminharam em descompasso em face da prioridade advinda do modo de produção, vale frisar que os avanços tecnológicos caminhavam adiante e sobrepondo o processo de desenvolvimento do gênero.

Nos dias de hoje, os sujeitos sociais ainda são acometidos pelo fenômeno do estranhamento. O resultado gestado durante todo o período da análise de Marx até o momento atual, denuncia o que destacamos aqui como uma dicotomia de um corpo útil em face de um corpo sensível, capaz de manejar e ter consciência de vislumbrar as inúmeras potências que possa expressar.

Desenvolvemos máquinas, aparelhos portáteis, inúmeros facilitadores que otimizam o tempo. Diversos instrumentos que evidenciam os sintomas e diagnosticam os efeitos de um corpo concebido para ser útil, movido pela pressa, pela eficiência. Quanto aos demais níveis de desenvolvimento como, por exemplo, o artístico e cultural, são retroalimentados por esse mesmo cenário. As infinitas potências do gênero que operam em lógicas distintas a concepções de utilidade, são amputadas do ser humano por não serem possíveis de coexistir nos moldes que estão postos e que são capazes de encerrar com todas as possibilidades de individuação do ser quando não se referem, diretamente, a esse desenvolvimento parcializado.

O fluxo do corpo no capital não tem espaço para se manifestar em sua totalidade, abrangendo sua esfera sensível e, inclusive, munida de autenticidade e liberdade. O corpo que recebe as repercussões da sociabilidade é cotidianamente moldado para ser útil e produzir. Seu “pulso” corresponde a um ritmo artificial que foi construído ao longo dos anos de distorção da formação dos sentidos. Logo, consideramos possível dimensionar que as engrenagens que constituem e movem os sujeitos sociais atendem as necessidades de produtividade em seu estágio externo, oscilando entre expansão e descanso, mas acompanhado de exaustão, e de uma reposição energética reduzida a funções que não nos distinguem dos animais em sua satisfação de carências orgânicas.

Obviamente representaria um equívoco tremendo realizar uma leitura de Marx sem uma análise complexa e processual. Tem sido muito recorrente algumas alegações de que as categorias marxistas estão ultrapassadas e não condizem mais com a realidade que vivenciamos. Não resta dúvida que se transpusermos literalmente as palavras de Marx para analisar a contemporaneidade, iremos justificar com razão tais críticas. Entretanto, o autor não pretendeu codificar uma realidade estratificada. A análise realizada oferece uma perspectiva genealógica onde podemos observar como foi o curso desse processo através das especificidades da história que ainda se encontra em movimento. Dessa forma, esse trabalho busca expor de que maneira essa repercussão se localiza no atual momento e, especificamente, no campo da consciência dos sujeitos sociais com o próprio corpo.

## 1.2 A CATEGORIA DO ESTRANHAMENTO EM LUKÁCS

A partir da categoria do estranhamento elaborada por Marx em seus *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*, György Lukács dá continuidade a um aprofundamento nos contornos para a compreensão desse fenômeno histórico social em sua obra *Para uma Ontologia do Ser Social II*.

Antes de introduzir suas considerações a respeito da categoria marxiana, trazemos aqui a distinção de dois conceitos que antecedem o capítulo que trabalha a análise do estranhamento e que são articulados em momentos fundamentais de sua escrita. Lukács distingue o que seria generidade *em si* e generidade *para si*, demonstrando uma perspectiva que expõe dois cenários antagônicos no que tange ao desenvolvimento humano, tendo em vista que um se opera nos contornos da sociabilidade e outro proporciona condições emancipatórias aos indivíduos.

Conforme entende o autor, a dupla dimensão do sujeito enquanto indivíduo e ser social se constitui de forma antagônica, expressando um desenvolvimento contraditório do gênero (idem, 427). Para Lukács, toda a história humana até os dias atuais é marcada pelo desenvolvimento da generidade *em si*, tendo como resultante a remodelação ininterrupta e imediata da vida sensível dos sujeitos sociais (idem, p.597). Não há uma possibilidade concreta de condições objetivas para o

desenvolvimento da própria amplitude integral de suas aptidões e características pessoais para além das demandas que reivindicam o aprofundamento do desenvolvimento restrito de suas forças produtivas, em decorrência da deformação dos sentidos que desvia a sensibilidade humana para um afinilamento das determinações sociais impostas pela produção.

Nesse momento, é importante destacar que o direcionamento da generidade *em si* não se reflete somente em aquisições materiais como seria comumente interpretável diante de uma leitura equivocada do exemplo de Marx ao apontar a distorção dos sentidos da esfera do “ser” para o desenvolvimento da esfera do “ter”. O lucro como fundamento da divisão social do trabalho, engendra não somente uma finalidade, mas, também, um *modus operandi* dotado de estruturas que assegurem sua obtenção. Tratam-se, também, de vias que conduzam a este caminho em esferas para além da produção, contaminando todas as relações sociais e sensíveis que compõem o entorno da vida humana, restringindo a existência dos sujeitos a ações, comportamentos e consciências que não desviam dessa finalidade.

Assim, compreendendo a dupla dimensão dos sujeitos sociais e a dissonância inscrita em sua constituição em sociedade, o autor inicia a análise indicando que âmbito individual e social não se desatrelam ao falar em um fato social constituído e nem tampouco haveria o que se dizer a respeito dessa categoria se operar simplesmente no âmbito individual dos sujeitos, apesar de possuir um efeito imediatamente âmbito subjetivo (idem, p.585). Tal afirmação se alinha com a exposição de Marx ao descrever a gênese dessa categoria, indicando um ponto de partida social, em contraposição a imanência dos estados de alienação como próprios do ser humano. Nesse sentido, Lukács reafirma o caráter social da constituição dessa categoria, contrapondo-se a concepções que atribuem o estranhamento enquanto condições inelimináveis e constitutivas da essência humana:

Se quisermos delinear com nitidez e, apreender concretamente o fenômeno do estranhamento, precisamos, antes de tudo, visualizar de modo preciso a sua posição dentro da totalidade do complexo social do ser. Pois se deixarmos de fazer isso – não importa se em consequência de uma compreensão muito ampla ou muito estreita do próprio fenômeno -, a análise inevitavelmente cai dentro de um turbilhão de deformação ideal. Visando evitar isso, deve ser dito logo de início que examinaremos o estranhamento como um fenômeno exclusivamente histórico-social, que emerge em certos picos do desenvolvimento em curso, assumindo a partir daí formas historicamente sempre diferentes, cada vez mais marcantes. A sua constituição, portanto, não tem nada a ver com uma *condition humaine*

universal, possuindo menos ainda qualquer universalidade cósmica. (LUKÁCS, 2013, p.578)

Em seguida, o autor inicia a exposição de algumas das muitas considerações de Marx com relação ao estranhamento, introduzindo por apontar a contradição dialética que decorre dessa categoria no que se refere ao desenvolvimento dos sujeitos sociais. Conforme Marx preleciona e Lukács discorre na *Ontologia*, o processo que engendra os sujeitos sociais diante de situações, comportamentos e estágios de consciência estranhados, não anula completamente o desenvolvimento do gênero. Entretanto, modula a formação do ser genérico em função das finalidades colocadas pela divisão social do trabalho (idem, p.579).

Tal como Marx menciona nos *Manuscritos*, o sentido do *ter* ocupa todos os sentidos relacionados ao *ser*. Diante disso, de acordo com Lukács não restam dúvidas que o resultado concreto dessa fragmentação objetiva-se no desenvolvimento das forças produtivas, que tratam-se, diretamente, de potências do ser humano efetivadas sob a forma de elementos que constituem o chão social capitalista. Entretanto, não se procede o desenvolvimento do que poderia ser compreendido como o desdobramento da potência do gênero humano em curso diante da situação descrita, principalmente no tocante a personalidade.

Reside nessa parcialidade genérica a crítica apontada por Marx e analisada por Lukács, ao indicarem que as repercussões sociais geradas a partir do modo de produção capitalista constituem parte de um determinado desenvolvimento, mas não possibilitam a amplitude total do complexo que representa o indivíduo:

Desse modo, porém, circunscreveram-se apenas os contornos do ser do nosso fenômeno, do estranhamento. O próprio fenômeno, claramente delineado por Marx nos enunciados citados por nós, pode ser assim formulado: o desenvolvimento das forças produtivas é necessariamente ao mesmo tempo o desenvolvimento das capacidades humanas. Contudo – e nesse ponto o problema do estranhamento vem concretamente à luz do dia - , o desenvolvimento das capacidades humanas não acarreta necessariamente um desenvolvimento da personalidade humana. Pelo contrário: justamente por meio do incremento das capacidades singulares ele pode deformar, rebaixar, etc. a personalidade humana. (LUKÁCS, 2013, p.581)

Opera-se um desenvolvimento precário e parcial sobre a extensa magnitude do que os indivíduos seriam capazes de alcançar como potência do gênero. As articulações que agem em curso da consolidação do estranhamento impossibilitam a especialização e, inclusive, o conhecimento das particularidades que representariam potências próprias dos seres humanos.

Nesse sentido, as condições postas pela sociabilidade para o desenvolvimento dos sujeitos, conduz a finalidades que desconsideram o complexo do ser social, principalmente em sua esfera individual e sensível, reduzindo suas vidas a operarem de acordo com as demandas socialmente determinadas. Lukács aponta: “É muito importante compreender claramente que esse conflito se refere à esfera vital inteira do homem, portanto, também à vida dos seus sentidos” (idem, p.593).

Tal problemática é fundamental diante da proposta apresentada neste trabalho. A categoria do estranhamento, ao modular os sujeitos sociais em função de formas de vida parciais e que não possibilitem o desenvolvimento das grandes capacidades do gênero, acaba por refletir diretamente nas esferas sensíveis e sensoriais que integram os sujeitos sociais. Assim, um dos resultados materiais da categoria do estranhamento são distorções no que se refere aos sentidos humanos e o estranhamento do próprio corpo, tendo em vista que é nele onde os sentidos se localizam.

Destacamos o corpo como objeto de análise, recortado das demais repercussões estranhadas, e que esteve contracenando e sendo alterado a medida que essa categoria foi galgando maiores estruturas de fixação e aprofundamento. Dessa forma, compreender o estranhamento como um fenômeno histórico e social trata-se, também, de identificar como os efeitos desse processo se manifestaram ao longo do tempo e como tais repercussões se apresentam na conjuntura presente.

Os sentidos participam do complexo existente ao se falar em comportamentos subjetivos. As ações humanas não se originam espontaneamente a partir de características autênticas que se descolam das condições sociais que ocorrem simultaneamente. Isto porque os sujeitos sociais possuem um critério de expressão que se reflete no aspecto do indivíduo e suas particularidades, mas também enquanto gênero que, sob a atmosfera estranhadora advinda da sociabilidade do capital, não se desenvolve em uma relação para si, mas sim, em função das demandas impostas pela finalidade que decorre do modo de produção:

Só é imperioso jamais perder de vista, para melhor compreender fenômenos como o do estranhamento, que, embora eles se expressem de modo individual no plano imediato, embora a decisão alternativa individual faça parte da essência de sua dinâmica, o ser-propriadamente-assim dessa dinâmica é um acontecimento social, mesmo que muitas vezes seja remotamente mediado por múltiplas inter-relações. (LUKÁCS, 2013, p.585)

Tomando os sentidos como intermediários entre sujeito e materialidade, é a partir deles que a sensibilidade estabelece um câmbio com a objetividade social, seja através da via perceptiva ou participativa na esfera das atividades cotidianas. A partir dos condicionamentos resultantes dos veículos estranhadores, a manifestação dessa categoria também ocorre no plano vital dos seres humanos, resultando, a partir da divisão social do trabalho, progressos inquestionáveis no campo das forças produtivas, em face da deformação da vida humana. Lukács afirma inclusive que, em de certa maneira, toda a história da humanidade a partir de determinado momento da divisão social do trabalho já seria, também, a história do estranhamento humano (idem, p.586).

Tendo em vista que a divisão social do trabalho impõe ditames do modo como os sujeitos sociais devem agir de acordo com suas funções, Lukács compreende que aí reside o que poderia ser exposto como uma escassez das diversas capacidades alheias a essa atmosfera. Entretanto, tendo em vista que *uma personalidade humana só pode surgir, desdobrar e definir num campo de ação histórico-social e concreto e específico*, tal dimensão do ser social acaba por receber, diretamente, os influxos externos que sintetizam as habilidades humanas em realizações tacanhas e uniformizadoras (idem, p.589).

Assim, podemos considerar a personalidade, nesse trabalho, enquanto uma categoria social, constituída e em decorrências dos fatores interpostos pela sociabilidade (idem, p.591). Diante disso, frente as modulações que atingem os sentidos do “ser” e o reduzem a dimensão do “ter”, como Marx preleciona, Lukács aponta que tal fenômeno serve de base ao estranhamento e se reflete diretamente na vida dos sentidos humanos em sua esfera de inteireza, reduzida a parcialidade engendrada socialmente (idem, p.593).

Conforme tais comandos se imputam sobre os sentidos humanos que, afastados de seu funcionamento orgânico não condicionado, se transformam em sentidos socialmente postos em função da produção, Lukács aponta a análise de Marx a respeito da animalização dos sujeitos sociais destacando que o autor indica em seus *Manuscritos* que tal resultante seria consequência dos momentos onde os sujeitos sociais se encontrariam livres e ativos, como analisamos no item anterior: ao comer, beber, procriar e, quando muito habitação, adornos, etc (idem, p.594).

O autor desdobra a análise e entende que quando executadas de maneira estranhadas e limadas de sua amplitude sensória, distorcidamente destinada ao sentido do “ter”, por se tratarem de ações que também se executam nas espécies animais, o exemplo de Marx representa uma abstração pertinente para se expor que as características que propriamente delinearíamos particularidades humanas sensíveis, que se ocultam diante do próprio ser social e perdem lugar a comportamentos meramente reprodutores da imediaticidade da vida. Nesse sentido, Lukács discorre:

Nessa passagem, a metáfora bastante drástica do “animalesco” não é nem usada em sentido meramente retórico, nem pode ser tomada meramente no sentido literal. Corretamente entendida, ela designa, muito antes, com bastante exatidão a condição que certos estranhamentos do homem provocam nele: sua exclusão do complexo do ser do homem, que se tornou possível para ele por meio do gênero (do ser social, do ser personalidade), que é fundamentalmente possibilitado pelo estado da respectiva civilização – incluindo naturalmente o desenvolvimento das capacidades enquanto seu fundamento. O desenvolvimento das forças produtivas do trabalho, que forçosamente se efetua, cujas consequências foram aqui repetidamente definidas no sentido de que o tempo de trabalho socialmente necessário à reprodução do homem enquanto ser vivo diminui constantemente, tem como consequência, pela mediação do campo de ação do consumo economicamente possível em cada caso, que o peso econômico dos atos necessários à reprodução imediata da vida física perde o seu papel de início absolutamente dominante, que surgem necessidades e possibilidades para a sua satisfação que assumem uma posição cada vez mais distante da reprodução imediata da mera vida. (LUKÁCS, 2013, p.595)

Diante da metáfora em questão, é possível compreender que Lukács demonstra e compreende a expressão “animalesco” enquanto ações reativas frente ao mundo exterior que condicionam formas parciais de existência do ser social. O afastamento dessa metáfora refletiria, assim, em ações participativas de moto ativo e prático a partir de um desenvolvimento do gênero *para si*, aprofundando relações cada vez mais enriquecidas na dimensão individual da personalidade, socialmente e na interação entre os sujeitos, partindo também da inclusão da esfera da sensibilidade que é relegada a partir dos contornos do modo de produção (idem, p.596).

Diante disso, a categoria do estranhamento opera como um dos pilares de sustentação dessa sociabilidade restritiva e desigual que favorece poucos em detrimento de muitos, mas que afeta igualmente a todos os sujeitos sociais, reduzindo a esfera de suas personalidades a orbitarem entorno de um único fundamento que se coloca tanto como forma de aquisições e sucesso, quanto como condição de sobrevivência que condiciona a existência, os sentidos e a vida humana.

Tendo em vista que o estranhamento se projeta sobre a esfera subjetiva dos seres humanos, desvelá-lo passa por uma conscientização da condição indigna que se imputa sobre os sujeitos sociais, mas que não se opera sem considerar o caráter social que essa categoria possui:

Com tudo isso, aclara-se para nós o caráter histórico, processual do estranhamento e sua superação (subjetiva, consciente). Porém, compreender adequadamente esse fenômeno implica entender que estranhamento no singular representa apenas um conceito teórico puramente abstrato, noção que já está objetivamente implícita nela. Se quisermos penetrar intelectualmente até o seu ser autêntico, temos de chegar à compreensão de que o estranhamento como fenômeno real do ser social real só pode aparecer na forma da pluralidade. Isso não se refere só às diferenças individualmente distintas. Contudo, o modo pluralista de ser dos estranhamentos, indo muito além disso, equivale a complexos dinâmicos do estranhamento qualitativamente distintos e suas tentativas conscientes, subjetivas de superação. (LUKÁCS, 2013, p.608)

Desvelar as formas de estranhamento trata-se de um exercício com múltiplas implicações. Uma delas, refere-se a reação social que pode variar entre a sublevação ou a submissão a essa contradição que se imprime sobre o próprio desenvolvimento humano e nas particularidades dos sujeitos sociais em sua esfera individual. Assim, é possível que haja a manutenção de algumas formas de estranhamento em face da percepção e da ação ativa para a transformação de outras, como é o caso que o autor exemplifica no contexto da luta de classes e do estranhamento no que se refere as relações que reproduzem comportamentos de dominação dos homens sobre as mulheres: menciona que ocorre com frequência situações em que trabalhadores ativos na luta contra as explorações decorrentes do trabalho hesitam em projetar tal combatividade em seus próprios comportamentos tirânicos frente a suas companheiras na esfera doméstica (idem, p.608).

Além disso, outra situação que repercute da compreensão entorno do desvelamento dos estranhamentos se reflete no decurso dos momentos históricos, como já havia sido apontado por Marx, quando algumas circunstâncias políticas ou sociais, por exemplo, se transformam e os estranhamentos também se modulam, conservando seu nível essencial e configurando, assim, o que Lukács menciona como estranhamentos “à moda antiga” e estranhamentos “à moda atual” (idem, p.612). Um exemplo nesse sentido se refere a questão do tempo de trabalho e suas modificações ao longo da história. Para realizar essa análise, o autor se apoia no texto *Salário, Preço e Lucro* de Marx, onde novamente a metáfora da animalização é trazida à tona de modo a ilustrar a vida dos trabalhadores abdicada de tempo livre para o

desenvolvimento humano, em face da tomada desse tempo pelo trabalho e por interrupções meramente restaurativas de sua fisicalidade, como dormir, comer, etc. Nesse exemplo da obra em questão, Marx menciona que diante disso o indivíduo seria *menos que um animal de carga* (MARX apud LUKÁCS, 2013, p.624).

A partir desse exemplo, Lukács analisa que não se trata apenas da forma com que o estranhamento se manifestava no século XIX, mas sim, do teor e da capacidade de cooptação da vida interior do trabalhador e que, em outros momentos no decurso da história, o efeito dessa categoria se manifesta igualmente, mas sob outros aspectos formais:

Quer um trabalhador, digamos, no século XIX, considerasse a jornada de doze horas como um destino humano universal, quer um trabalhador de hoje considere a sua manipulabilidade pela organização megacapitalista do consumo e das prestações de serviço como um estado de bem-estar humano finalmente alcançado, esses dois modos do estranhamento – tão diferentes quanto à forma – correspondem exatamente às respectivas finalidades socioeconômicas do grande capital. Nesse tocante, está claro que quanto mais intensamente o estranhamento se apoderar de toda a vida interior do trabalhador, tanto mais desimpedidamente poderá funcionar a dominação do grande capital. (LUKÁCS, 2013, p.625)

Tais análises demonstram que o estranhamento como categoria não é apenas dinâmico no sentido histórico, mas também nas reverberações que se operam no presente, explicitando um grau de complexidade que afasta simplificações para se pensar a questão dos efeitos decorrentes desse fenômeno histórico e social.

Lukács cita Wright Mills para ilustrar essa situação, valendo-se da temática específica da moral:

O mal-estar moral do nosso tempo tem sua causa no fato de que os homens e as mulheres que vivem numa época de instituições superpoderosas não se sentem mais comprometidos com os antigos valores e modelos. Por outro lado, porém, os antigos valores e modelos não foram substituídos por valores e modelos novos, que pudessem conferir importância e sentido morais à rotina à qual os homens do mundo moderno estão sujeitos. (MILLS apud LUKÁCS, 2013, p.581)

Em outro momento, o autor também faz referência a Adam Ferguson, demonstrando a submissão ao estranhamento como instrumento eficaz no desenvolvimento da manufatura, salientando que as qualidades espirituais humanas figuram como empecilhos na produção:

Muitas atividades produtivas de fato não exigem nenhuma capacitação espiritual. Elas são mais bem-sucedidas quando se reprime totalmente o sentimento ou a razão, e a insciência é a mãe tanto da operosidade como da superstição. [...] Correspondentemente as manufaturas prosperam mais onde menos se consulta o espírito e onde a oficina pode ser encarada, sem sujeitar

a fantasia a grandes esforços, como uma máquina, cujas partes singulares são homens. (FERGUSON apud LUKÁCS, 2013, p.582)

Dessa forma, enquanto uma categoria que não se estratifica, mas sim que se ajusta e se manifesta sob diversas maneiras diferentes e especializadas, Lukács analisa que tal fenômeno conta com as chamadas “armas ideológicas” que conferem garantia a sua reprodução e assimilação na vida humana, de modo a operarem como veículos condutores do estranhamento que atrofiam a vida dos sujeitos sociais restringindo-as aos parâmetros delimitados pela sociabilidade do capital (idem, p.609).

As referidas armas ideológicas são, por exemplo, princípios ordenadores da vida social, como o direito, a moral e os costumes, que por serem dotados de certa validade que legitime suas funções como portadores de postulados no sentido do progresso social, conduzem a consolidações de princípios e regramentos que engendram a generidade em si, mesmo que haja possibilidade de articularem generidades para si (idem, p.609). É possível afirmar que tais veículos não só atrofiam a vida natural humana como, também, reduzem os sentidos a uma miséria material que possibilitam a deformação da vida a um espectro parcial através da cooptação da consciência dos sujeitos sociais.

Assim, trata-se de uma das tarefas para a superação da sociabilidade posta o exercício de consciência e despertar para tais formas de estranhamento, sucedidos de uma combatividade consciente frente a elas. Todavia, tais exercícios de conscientização encontram problemáticas objetivas diante da dinâmica entre sujeito individual e sociedade, tendo em vista que as estruturas consolidadas que aprimoram e põem em funcionamento constante as formas de estranhamento, não deixam de existir a partir da conscientização e, também, de causarem uma força externa frente aos sujeitos sociais. Para Lukács, não se trata de um fator meramente psicológico descolado de um conteúdo social (idem, p.625).

Quanto a tal aspecto psicológico que afasta a personalidade enquanto uma categoria social do ser, o autor atenta para o fortalecimento das “fatalidades” designadas ao tema da superação dos estranhamentos como parte de um processo objetivo que se consolida a partir dos condutores ideológicos que visam fixar psicologicamente tal categoria com um certo teor de naturalidade e imanência do ser humano (idem, p.632).

Diante desse processo de naturalização que evidencia o caráter de *fenômeno ideológico* do estranhamento, novamente é possível evidenciar o caráter deformador e redutor advindo dessa categoria, agindo de modo a limitar as consciências a operacionalidades funcionais, a manutenção e encaminhamento para as finalidades que fundamentam a divisão social do trabalho, atingindo a vitalidade e o desenvolvimento da totalidade dos indivíduos, principalmente em suas dimensões sensíveis (idem, p.632).

Adentrando nos aspectos ideológicos, Lukács aprofunda a compreensão e nos fornece a categoria da reificação como um elemento que se articula diretamente com o estranhamento, considerando-a como condutora a ele. Para compreender essa categoria que recebe contornos específicos e de destaque em sua escrita, é preciso conceituar e, também, diferenciar seu duplo aspecto que se distingue em reificações inocentes e aquelas propriamente ditas.

Tal categoria penetra socialmente a partir do momento em que se trata das reações aos processos sociais e seu caráter revestido por reflexos condicionados, sem consciência e espontaneamente, coisificados, e que comumente tratamos como automatismos. Nesse sentido, as reificações são manifestadas tanto em ações simples do cotidiano, como exemplificado por Lukács na situação de ligar ou desligar uma lâmpada diante do desconhecimento do processo elétrico necessário envolvido nessa ação, quanto em situações mais possíveis de imputar um processo de consolidação de distorções ideológicas, como ocorre no exemplo que Lukács expõe da utilização da linguagem nas informações da imprensa (idem, p.664).

Reside aí a distinção entre as formas de reificações inocentes e as reificações propriamente ditas. Ambas constituem momentos em que há a ausência de consciência diante de determinada ação, entretanto, as reificações inocentes representam automatismos muitas vezes necessários ao fluxo dos acontecimentos cotidianos que dão ritmo a existência, como foi exemplificado na situação da lâmpada. Quanto as reificações propriamente ditas, há um caráter de condução direta aos estranhamentos e que, conseqüentemente, acabam se valendo das reificações inocentes para fortalecer sua consolidação:

(...) por um lado, do ponto de vista do estranhamento em si, quando certos tipos de comportamento social "inocentes" penetram profundamente na vida cotidiana, eles reforçam a eficácia dos que já estão agindo diretamente nesse sentido; por outro lado, os homens singulares se tornam tanto mais facilmente

suscetíveis a tendências de estranhamento – poderíamos dizer: se inclinam tanto mais espontaneamente para elas e são tanto mais incapazes de oferecer-lhes resistência – quanto mais as suas relações de vida foram abstrativamente coisificadas e quanto mais deixarem de ser percebidas como processos concretos e espontâneos. (LUKÁCS, 2013, p.664)

O que o autor deixa claro nesse momento é que as situações de vida coisificadas, inocentemente ou não, contribuem para uma adaptabilidade dos fatos sociais como “naturais” sem uma resistência por parte dos sujeitos que recebem tais reverberações. O processo de naturalização a partir das reificações constitui parte das estruturas que engendram a categoria do estranhamento atuando diretamente na consciência dos sujeitos sociais acerca não só no desconhecimento de fatos aparentemente desnecessários, mas, também, da não percepção de ações que atuam diretamente na redução de suas próprias subjetividades (idem, p.664).

Esse espectro oculto e imperceptível socialmente, possibilita um campo para permanência, fixação e até mesmo desenvolvimento de reificações mais aprofundadas, dinâmicas, incrementadas e abrangentes em sociedades onde o capitalismo já esteja em estágios avançados. A naturalização das reificações vai atingindo graus de sutileza e tomando contornos especializados em entranhá-las nos sujeitos sociais. Assim, enquanto o progresso econômico se opera e o desenvolvimento genérico humano se processa em função dessa finalidade, as reificações e os estranhamentos se intensificam e chegam a se manifestar, inclusive, sob a forma de auto estranhamentos e auto reificações (idem, p.669).

Sob esse fenômeno, Lukács disserta que a auto submissão acrítica e permissiva dos modos de vida dados, se processa como um dos efeitos subjetivos que revestem essas categorias. Por isso, o autor explicita que sem haver uma teoria de desenvolvimento social que não seja rigorosamente ontológica acabará por fracassar diante das contradições profundamente construídas em sociedade e que por vezes são consideradas condições imanentes humanas (idem, p.671).

Dessa maneira, voltamos a formação da personalidade dos sujeitos sociais e o desenvolvimento do gênero para si: a modulação dos sentidos humanos – consequentemente estamos nos referindo a alterações que repercutem no corpo – afastando o desenvolvimento das dimensões referentes ao *ser* e promovendo o afunilamento em direção ao aspecto do *ter*, sem dúvidas resulta, também em avanços evidentes e que se manifestam nas forças produtivas que constituem o chão da

sociabilidade do capital, como as tecnologias, as construções e as diversas inovações que são criadas a cada dia. Entretanto, tais forças produtivas caminham em uma direção fundamentada no que pauta o modo de produção capitalista e a divisão social do trabalho que é o lucro:

Na prática, o trabalhador tem de tratar cada coisa como coisa, cada processo como processo, para que o produto do trabalho realize adequadamente o objetivo teleológico. Essa absolutidade das funções do processo de trabalho que corrigem e controlam a consciência, contudo, refere-se exclusivamente às objetivações para as quais está diretamente direcionado o pôr teleológico daquele respectivo trabalho. (LUKÁCS, 2013, p.667)

A partir disso, toda a vida dos sujeitos sociais acaba por se configurar nos limites do desenvolvimento de características e aptidões que se refiram a essa esteira condutora que se interpõe como única forma de vida que possa ser cogitada.

Como o autor menciona, o trabalho por si só configura a mediação do homem com a natureza. Não há necessariamente uma relação direta e necessária entre trabalho e estranhamento ou reificações. Entretanto, como a via de passagem para o alcance da finalidade que fundamenta a sociabilidade do capital se encontra diretamente a partir do trabalho, há uma complexa rede de estruturas que se articulam para sustentar sua primazia frente a outras dimensões que, apesar de “inúteis” aos olhos do capital, compõem elementos da totalidade dos sujeitos sociais (idem, p.666).

A partir das modulações que se estruturam em decorrência da finalidade do modo de produção capitalista, percebemos que há efeitos que se imputam diretamente no próprio corpo humano. Partindo daí, buscaremos desenvolver nos capítulos seguintes a fundamental importância em compreender a dinâmica dos processos de estranhamento inscritos nas corporalidades como parte integrante do funcionamento dessa categoria, e não apenas considerá-los como um recorte temático que ocorre em paralelo nas diversas teias que enredam a sociabilidade.

O capitalismo é um sistema dinâmico, estruturado e que contamina todas as esferas da vida dos indivíduos, para além dos efeitos propriamente econômicos. Sendo o lucro o fundamento central da sociabilidade, todas as esferas da vida acabam por serem ajustadas nas conformidades desse horizonte. A política, educação, religião, relações sociais, relação com a natureza e, também, o campo das emoções, tendo os paradigmas de sucesso, fracasso, alegria e tristeza, por exemplo, são chancelados pelo êxito em se constituir de acordo com um modo de vida que

proporcione uma adequação a essa sociabilidade restritiva. Ademais, a sociabilidade é construída a partir de relações sociais travadas por seres humanos, que através da ação direta das categorias do estranhamento e reificação, se concretizam por atuarem no campo subjetivo por meio das imediações com as condições objetivas, operando sob mecanismos consolidados nas consciências dos sujeitos.

Pensar o campo da consciência sem considerar o local onde ela se processa é partir de uma análise que dissocia corpo e mente, como iremos discorrer no próximo capítulo. Nesse sentido, as contribuições de Marx e Lukács, ao continuar o estudo da categoria do estranhamento, nos fornece ainda mais instrumentos para viabilizar a compreensão da problemática da consciência e sua relação com o corpo no modo de produção capitalista, tendo em vista que tais autores contém em seus estudos elementos substanciais para desenvolver uma análise comprometida em conectar a relação direta entre questões que integram o tema da corporalidade e o materialismo histórico dialético, como a fragmentação dos sentidos que conduzem a ações e comportamentos tacanhos – sendo possível relacionar ao estudo dos fatores de movimento que muito se discutem no campo da corporalidade – e, também, propriamente ao desfazimento de um desenvolvimento voltado para a sensibilidade que não se processa apenas no campo psicológico dos sentimentos, mas sim, no local onde a percepção e a capacidade de sensação diante deles se manifesta: no corpo.

## 2 A FRAGMENTAÇÃO DOS SENTIDOS E SUAS DETERMINANTES

O estranhamento se manifesta sob diversas dimensões em detrimento do desenvolvimento da personalidade dos sujeitos sociais. A cada período histórico, sua maneira de se expressar sobre a conjuntura se apresenta de formas distintas, mas sempre mantendo o caráter essencial que o perpetua ao longo da trajetória da vida na sociabilidade do capital.

Marx, ao discorrer sobre os cinco sentidos e como eles se relacionam com essa processualidade, oferece uma perspectiva possível de se pensar a questão do corpo recebendo as influências diretas da categoria do estranhamento, apesar do autor não intencionar elaborar um estudo específica sobre o tema.

Este capítulo irá se desenvolver a partir da análise dessa categoria sob a ótica das reverberações desses efeitos sobre o corpo humano, a luz das contribuições deixadas nos escritos de Marx e nas elaborações de Lukács realizadas através de sua leitura e interpretação dos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*.

### 2.1 O CORPO COMO MEDIAÇÃO COM O REAL

Inicialmente, é preciso delimitar os conceitos que irão ser abordados para nos referirmos ao corpo. Essa análise se faz nos dias atuais, após milênios de percepções, mudanças e concepções acerca do que é corpo. Há diversos entendimentos que podem ser, inclusive, diametralmente opostos em diferentes lugares do mundo, de oriente a ocidente. Entretanto, compreendemos que podemos partir da afirmação de que o corpo representa o canal de intercâmbio dos seres humanos com o mundo. Os cinco sentidos humanos, aqui, serão concebidos como “portas” de apreensão da realidade que constituem as consciências.

Como mencionado anteriormente, Marx e Lukács oferecem perspectivas substanciais para se desenvolver um estudo a respeito da complexidade do corpo diante das obras que elaboraram e que se estruturaram considerando outras temáticas como fundamento. Assim, recorreremos a algumas referências que

buscaram aprofundar as investigações sobre corpo e subjetividade ao longo da história – utilizando o aporte marxiano como diálogo paralelo, objeto crítico ou, também, a partir de outros referenciais teóricos – como forma de complementar as delimitações do objeto que selecionamos.

Estabelecer os conceitos atinentes ao campo da corporalidade, principalmente por não se tratar de um tema que não foi central na obra dos autores que utilizamos para estruturar as elaborações aqui descritas, nos conduz a trazer algumas referências que ofereçam complementações que serão destacadas, de modo a elucidar e fornecer uma nitidez ainda maior acerca do sentido que se direciona a projeção da categoria do estranhamento na discussão proposta.

## 2.2 CONTRIBUIÇÕES DE DAVID LE BRETON ACERCA DA FRAGMENTAÇÃO DOS SENTIDOS

Um dos autores escolhidos para o aprofundamento das reflexões acerca do corpo e dos sentidos humanos é David Le Breton. Em sua obra *Antropologia dos Sentidos*, o autor transmite algumas reflexões introdutórias que dizem respeito ao mundo material e sua relação com a constituição sensorial dos sujeitos sociais e dos conceitos que vão delineando a existência humana:

A condição humana é corporal. O mundo só se dá sob a forma do sensível. Não há nada no espírito que em primeiro lugar não se tenha hospedado nos sentidos. “Meu corpo é a mesma carne do mundo”, diz Merleau-Ponty<sup>6</sup> (1964: 153). As percepções sensoriais arremessam fisicamente o homem no mundo, e do mesmo modo no âmago de um mundo de significações; elas não o limitam, o suscitam. (LE BRETON, 2016, p.24)

As contribuições do autor também traduzem a compreensão dos limites que a sociabilidade engendra os elementos subjetivos que constituem os indivíduos, buscando fornecer maneiras de compreender a distorção de elementos biológicos em face de perspectivas externas como, por exemplo, através do cenário cultural (idem, p.25).

---

<sup>6</sup> Filósofo que também fornece grandes contribuições acerca da temática em questão, mas que não buscamos aprofundar nesse trabalho.

Le Breton compreende que as ações sobre o cenário que é vivido e interpretado pelos sujeitos sociais – a partir da sensorialidade – são expressas não apenas sob a influência da cultura, mas, também, diante dos limites mediados pela educação ou pelo hábito, demonstrando que as ferramentas ensinadas aos seres humanos são demasiadamente restritivas e que, também, ao ocultarem outros caminhos de expressão, sufocam as subjetividades na medida do que dispõem como forma de ser e agir humano.

O autor menciona que *não é o real que os homens percebem, mas imediatamente um mundo de significações* (idem, p.26). Nesse sentido, compreende que os significados modulados por anos de interpretação parcializada da realidade, representariam, assim, uma distorção da totalidade.

O entendimento de Le Breton contribui bastante em nossas reflexões ao situar o corpo como uma construção social forjada pela sociabilidade, verificando os contornos das constituições biológicas sendo moduladas pelas influências postas através das dinâmicas sociais, derivadas de fatores externos que contradizem a justificação da imanência do estado de alienação do ser humano.

Através das análises fornecidas pelo autor no que se refere a demonstrações acerca da inter-relação entre sujeito e meio externo, o aspecto das restrições ao desenvolvimento dos sujeitos sociais em face de um horizonte amplo em possibilidades e que integre as inúmeras dimensões do ser, fornece uma impossibilidade para se pensar a respeito do desfazimento da totalidade sensorial dos sujeitos, sendo transformadas e reduzidas ao sentido do “ter”, como Marx apontou em seus manuscritos. A inauguração de uma nova perspectiva de desenvolvimento parcial do ser humano, que advém do cenário exposto por Marx através da divisão social do trabalho, não ficou restrita somente ao seu contexto histórico de análise. Tal conjuntura, apesar de não marcar a gênese da relação entre o ser social e sua dimensão subjetiva, representa um ponto de acirramento e interposição das manifestações do que se tornariam os comportamentos e consciências estranhados que repercutem, de maneira mais imbricada na sociabilidade, até os dias de hoje.

Diante disso, apesar das reflexões trazidas por Le Breton não terem a intenção de analisar somente o período trazido nas reflexões de Marx, oferecem perspectivas

que, ao se articularem com o arranjo da sociabilidade do capital, fornecem elementos para possibilitar a visualização no tocante a fragmentação dos sentidos humanos.

Le Breton cita diversos filósofos que contribuíram para a formulação dessa compreensão fragmentária sobre os sentidos e que antecedem o momento descrito por Marx, fornecendo possibilidades em conformação com a concepção das formas de estranhamento advindas da produção, unificadas a premissas que pairavam no contexto em questão. O autor faz menção a Kant devido ao filósofo frisar que o sentido da visão era o mais nobre, Hegel que em sua obra *Esthétique* (Estética) desconsidera o valor dos sentidos do tato, do olfato e do paladar por considerá-los inaptos para fundar uma obra de arte, comparando-os a sentidos animais diante da visão e da audição (idem, p.48). Aristóteles também é citado por Le Breton, destacando a visão como o sentido que nos permite maior conhecimento diante dos demais (idem, p.42)

Dentre os filósofos aludidos por Le Breton, destacamos René Descartes que, a partir de suas compreensões entorno da frase “penso logo existo”, fortalece ainda mais a concepção que considera a divisão entre corpo e mente. O autor enfoca ainda mais a problemática da sensorialidade restrita, destacando a visão como sentido preponderante, onde menciona que o pensamento de Descartes, foi um grande contribuinte dessa perspectiva ao considerá-la como o sentido universal e mais nobre (idem, p.49).

Situa, também, o advento da tipografia como um dos fatores que auxiliou no destronamento da audição como sentido primário – dando vez a visão – e, também, a medicina contribuindo para esse movimento, uma vez que a especialização dos aparelhos tecnológicos de diagnóstico por imagem tomou lugar dos antigos métodos de anamnese humana que consideravam outras possibilidades sensoriais para além da detecção visual. (idem, p.47).

Ao longo dos anos, a desconsideração do desenvolvimento da capacidade tátil refletiu-se, também, na dessensibilização de si no tocante do pescoço para baixo. Não se percebe uma postura anti-anatômica, não se observa a maneira com que os pés tocam o chão, a temperatura corporal em diversos pontos, o achatamento dos órgãos internos em decorrência de uma postura determinada, o excesso de tensão acumulada nos músculos, a falta de utilização das dobras articulares etc. Ainda que o

corpo como estrutura, com consciência ou não, continue funcionando completamente a partir do complexo de influxos sensoriais recebidos e externados em sua totalidade.

Conforme Lukács discorre – como foi desenvolvido no capítulo anterior – as reificações ingênuas permitem a fluência cotidiana onde o afastamento da percepção se apresenta como via de continuidade de outras situações que se interpõem aos sujeitos sociais. Entretanto, há uma diferenciação entre o sentir por mera observação proprioceptiva<sup>7</sup> e a capacidade sensorial como um instrumento de identificação dos sintomas que a condição corporal oferece diante dos desgastes, bloqueios e anestesiamientos que modulamos para atender a um paradigma de funcionamento corporal que é parcial e amputa a capacidade de integralização de outras dimensões que se refiram ao ser, mas que socialmente não há condições para se desenvolverem.

Diante da sociabilidade do capital, os sujeitos sociais se revestem em suas dimensões que figuram na produção de valor. Por outro lado, desconhecem as potências referentes a outros aspectos do desenvolvimento humano que não sejam apenas compreendidos como úteis a produção. Ainda que não se desenvolvam características relacionadas a outros aspectos da personalidade e, principalmente, diante dos sintomas desconhecidos que denunciam uma sobrecarga decorrente da relação cotidiana com o próprio corpo, o “diálogo interno” que possibilita os ajustes e compensações sensórias – como o descanso ou a diversão em face de momentos desgastantes – vai se tornando cada vez mais nebuloso e desconhecido.

Ao ressaltarmos que o corpo “se ajusta para buscar formas de expressão”, compreendemos que não se trata de uma simples metáfora, mas sim, que o funcionamento orgânico depende de uma dinâmica integral, onde ao longo dos anos tem havido uma dissonância de atividades dentro do complexo corporal e que, mesmo assim, as condições corpóreas tem se ajustado a partir de uma via recorrente de sintomas que se revestem sob a forma de dor e desconforto como gatilhos de sensibilidade, em face de uma dimensão que deve responder de maneira útil e eficiente à sociabilidade.

---

<sup>7</sup> Propriocepção é um termo utilizado para referir-se a capacidade sensorial dos esquemas corporais para a constituição da imagem corporal. Faz referência ao Sistema Proprioceptivo, de natureza neurológica. ANTUNHA, Elsa, L.G.; SAMPAIO, Paulo. *Propriocepção: Um conceito de vanguarda na área diagnóstica e terapêutica*. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v28n2/v28n2a15.pdf>. Acesso em: maio, 2019.

Destacamos esse ponto para refletir que mesmo diante de condicionamentos que parcializam os sujeitos e que impossibilitem o desenvolvimento das capacidades sensoriais, a estrutura corporal retém uma média de funcionamento que resulta um tipo de corpo que expressa esses descompassos trazidos por fatores externos. Assim, a totalidade da atividade dos sentidos continua em atividade, ainda que não ocorra de forma consciente.

Dessa forma, mesmo diante desses condicionamentos imputados que afetam a constituição dos sujeitos sociais, o desenvolvimento humano continuou acontecendo, resultando um mundo marcado por grandes inovações tecnológicas e outras inúmeras formas de expressão de desenvolvimentos produtivos que constroem todo o cenário que compõem o chão social do modo de produção capitalista. Entretanto, nesse sentido, relembremos os ensinamentos de Lukács que compreende que o desenvolvimento humano das forças produtivas não corresponde, diretamente, ao desenvolvimento do que é próprio do gênero e das especificidades relativas às personalidades dos indivíduos.

Ao objetivar-se nas mercadorias, o ser humano teve seus sentidos moldados para as finalidades do capital, que apesar de se desenvolver e se especializar ao longo dos anos, decorreu às custas da desefetivação da própria personalidade humana que, ao fim, se reflete sobre os próprios indivíduos em sua dimensão corporal. Como Marx preleciona e Lukács enfatiza, o sujeito aliena-se no mundo das coisas e se afasta de sua dimensão individual, que constitui um ponto fundamental para o desenvolvimento de suas características específicas enquanto gênero.

Assim, na interação com a vida cotidiana situa-se um sujeito fragmentado que interage com um contexto social a partir de seus sentidos há tempos relegados a uma maneira restrita de desenvolvimento. Diante da realidade que é posta e construída cotidianamente, a apreensão subjetiva irá interpretá-la, continuar a construí-la e vivenciá-la. Dessa forma, o caminho “realidade – consciência”, intermediado pelos sentidos que possuem, nessa sociabilidade, modulações sociais, é reconfigurado frente as dinâmicas do modo de produção capitalista.

Por outro lado, apesar de considerarmos que há uma determinação social na formação dos sentidos, condicionando-os a parâmetros nos limites da sociabilidade, isso não se traduz em compreender tais concepções sob uma via distorcida no campo

das abstrações razoáveis, considerando exemplos demasiadamente relativistas do conceito de “realidade” como na metáfora em que alguém, ao ver uma porta, pode inclusive dizer que se trata de um cachorro, porque assim a interpreta de acordo com uma distorção. Chamamos atenção, aqui, para a complexidade que existe nesse processo de apreensão, visualização e nitidez da realidade de acordo com as consciências que já estão moldadas por muitos anos de processos sociais que interferem em suas formações, principalmente porque estas são transformadas e concebidas a partir dos sentidos que são os canais de apreensão do que dizemos “real”, através dos seres humanos.

Assim, como compreender a realidade objetiva, que se apresenta de forma bastante restritiva, se os canais que a apreendem estão há séculos engendrados em uma lógica onde opera a distorção? O mundo ao redor é o cenário objetivo que está posto para que as análises e compreensões sejam aferidas. Entretanto, é preciso indagar: partimos de observadores com instrumentalidade para compreender a complexidade da realidade ou de uma ótica acrítica sobre o cenário forjado e posto pela sociabilidade do capital?

### 2.3 CONJUNTURA CONTEMPORÂNEA: O CORPO ÚTIL

No embalo do ritmo do cotidiano, o corpo útil se constitui em detrimento de fatores como tempo, atenção, presença e aos setores que envolvem o lazer, a criatividade, as relações e vivências familiares, amigáveis, afetivas, etc. O efeito dessas determinações sociais sobre as demandas corporais tem se manifestado, por exemplo, sob a forma de *stress*, sedentarismo, crises de ansiedade, insônia, agressividade e, inclusive, depressão (IMBASSAÍ, 2008, p.49). É a maneira que o corpo vem encontrando para expressar suas dimensões fragmentadas e que não localizam vazão para serem desenvolvidas e manifestadas.

No capítulo anterior quando expusemos as reflexões de Marx a respeito da efetivação do trabalho em face da desefetivação do trabalhador, podemos localizar um dos pontos de grande importância para a compreensão dos efeitos gerados por essa relação estabelecida diante da divisão social do trabalho.

Cada vez mais o desenvolvimento das forças produtivas e a diretriz do lucro como finalidade social modulam critérios de existência que resultam em configurações corporais que se refletem de maneira utilitária, em busca por eficiência, rendimento, movidos pela pressa e desprovidos de amplitudes sensórias que permitam uma visualização das potencialidades que residem nos cinco sentidos como canais de apreensão da realidade e externalização do que orbita no campo sensível humano.

Não seria correto afirmar, por outro lado, que o corpo que recebe os influxos da sociabilidade do capital é um corpo que não sente. Todas as repercussões geradas por essa dinâmica são processadas e sentidas, sim. Entretanto, há uma extrema redução das possibilidades sensórias a partir do momento em que o metabolismo capitalista condiciona apenas algumas possibilidades reduzidas de manifestação de nossas potências humanas, considerando aquelas que sejam voltadas para o exercício da atividade de trabalho, afastando uma integralidade de desenvolvimento e aprofundamento da personalidade, como compreende Lukács. Diante de tais modulações restritivas, surge o que denominamos aqui como uma expectativa de um corpo útil.

Tal conceito parte de uma verificação das características sintomáticas que engendram as constituições corporais dos sujeitos sociais, manifestando-se a todo tempo tensionado e induzido por engrenagens de competitividade e concorrência e com um estado de presença permeado de automatismos. Apesar de ser possível realizar um julgamento qualitativo positivo ou negativo acerca dessa reação corporal, o levantamento dessa análise também é feito de maneira a expor as características que compõem a manifestação do gênero humano moldado pela realidade, que recebe imperativos comportamentais advindos dessa sociabilidade.

As leis de pertencimento e inserção na vida social impostas pelo modo de produção capitalista, são pautadas em disputa, aperfeiçoamento e controle. Um corpo útil para o capital é um corpo capaz de responder com o máximo de eficiência possível a pressa e a utilidade, por serem elementos determinantes para o desenvolvimento das forças produtivas.

É de fundamental importância discutir as adjetivações que incidem sobre os comportamentos e padrões corporais, como mencionadas anteriormente. Eficiência, controle, rendimento, capacidade, aperfeiçoamento, disputa e, principalmente,

perfeição, são conceitos que propomos serem minuciosamente analisados para associar como chaves de entendimento que permeiam o corpo útil. Essa análise representa uma maneira de visualizar que as engrenagens que dão ritmo e as estruturas que sustentam o metabolismo do modo de produção capitalista se refletem, inclusive, em signos linguísticos que reverberam sobre a maneira que enxergamos e nos relacionamos com nossos corpos.

Um exemplo introdutório se reflete na palavra “perfeição”. Tal conceito recebe e determina contornos sociais criando assimilações que operam como verdadeiros paradigmas: o que é perfeito para o capital distancia-se manifestamente do que seria “perfeito” ou, melhor dizendo, adequado para o corpo humano. Quando falamos, por exemplo, em um corpo deficiente, automaticamente, parte-se da prerrogativa de que esse não seria um corpo perfeito aos olhos da sociedade utilitária moldada pelo capitalismo. Estamos nos referindo a um corpo que não se localiza nas categorias de funcionalidade e utilidade demandadas pela sociabilidade. Uma pessoa que possui uma deficiência física, uma paralisia ou uma síndrome está imperfeita diante daquele sistema que produz corpos úteis à produção e que estão a todo tempo sendo conduzidos a estarem úteis, serem úteis e a demonstrarem um rendimento diante do cotidiano e de todo um metabolismo que não perpassa somente a economia, mas, também, outras estruturas como as que integram os sistemas educacional, político, social, cultural.

Ao partir da impossibilidade de um tratamento isonômico fundamentado nas bases sociais que realizam uma espécie de triagem excludente, sinalizamos que os critérios que dão sentido a compreensão das desigualdades também são socialmente determinados. Como mencionado, o problema identificado aqui não reside tão somente na palavra perfeição nem tampouco nos corpos que são tidos como imperfeitos. A problemática se situa a partir do sistema econômico que se espalha sobre vários outros setores e que determina que a perfeição somente se opera diante da exclusão e da segregação.

Um indivíduo diagnosticado autista, esquizofrênico ou que possui paraplegia, tetraplegia e diversas deficiências tanto em nível psicológico quanto a nível motor, é submetido a margem social, onde o lugar que será reservado a ele é o da segregação. A própria denominação “deficiência” já demonstra que tais esquemas corporais são alheios aos modelos que o modo de produção demanda.

Diante disso, algumas políticas como das cotas em empresas que buscam trazer tais pessoas para uma inclusão útil na produção, configuram-se como políticas que vão se dar dentro dessa lógica e que localizam frestas para encontrar funcionalidades nesses corpos. Muitos supermercados, por exemplo, adotam políticas de contratação buscando trazer para seu quadro de funcionários, sujeitos considerados deficientes mas que conseguem desempenhar algumas atividades para estarem ali inseridos. De certa maneira, as políticas sociais de inclusão ainda assim irão operar dentro de uma lógica de exclusão. Não desconsideramos que há uma determinada forma de inclusão, mas consideramos que esta se opera circunscrita na dinâmica do capital. Tais políticas inclusivas não se manifestam suficientes e exaustivas para incluir tais sujeitos a partir de uma efetiva igualdade. Possuem uma importância efetiva, mas ao mesmo tempo, não representam o fim de um caminho emancipatório.

Há inúmeras discussões nas ciências sociais aplicadas a respeito de como atingir uma igualdade para os desiguais. Todos somos desiguais, mas unidos por critérios que compreendem as “igualdades” a partir de aspectos convenientes ao capital. A necessidade de se igualar parte de um paradigma de normalidade, padrão e perfeição socialmente determinado. Existe uma maioria de características agrupadas por critérios visíveis e alguns que se diferem. Há um padrão que abarca grande parte das pessoas qualificadas enquanto “normais”, partindo da premissa de uma constituição anatômica e comportamental de fácil associação: dois braços, duas pernas capazes de locomoverem e sustentarem o corpo, boca que expressam uma forma de expressão e linguagem determinada, cognição capaz de realizar leitura, escrita e se comunicar em língua vigente nacional. Porém, isso é apenas um ponto de partida imposto pela lógica da produção e que, por vezes, não abrange, inclusive, as desigualdades latentes no interior desses corpos pasteurizados: nem todas as formas de comunicação se dão a partir da linguagem verbal, havendo pessoas que encontram vazão na linguagem do movimento ou do canto. Nem todas as pessoas terão a mesma atenção a partir da escrita, mas sim da audição. A sociabilidade do capital amolda tipos corporais que devem se encaixar nos padrões de “normalidade” demandados em seu metabolismo, para que suas engrenagens funcionem no sentido da finalidade apontada por essa dinâmica: o valor.

Os sujeitos sociais e suas respectivas dimensões corporais circunscritas na sociabilidade do capital são amoldados a todo momento dentro de padrões que são considerados naturais e que excluem várias outras formas que, visualmente, podem ser muito semelhantes, mas que em todos os corpos são diferentes. Por mais que se identifique um padrão entre duas constituições corporais, haverá, ao mesmo tempo, um universo de particularidades que as diferenciam.

Retornando ao conceito de “tratar os desiguais na medida de suas desigualdades para que sejam incluídos com igualdade” questionamos: de que forma é compreendido o conceito de igualdade perante o capitalismo? Compreendemos que a igualdade no contexto analisado representa um sinônimo de uma homogeneidade de características que se adequem capacidade produtiva, que responde a tais demandas sem oferecer uma resistência consciente às reificações e aos estranhamentos a que são submetidos. Logo, os corpos que possuem suas diversas desigualdades terão sua passagem de ida para uma integração a partir de um passaporte de utilidade que desconsidera as dimensões sensíveis humanas.

O discurso e a concepção acerca do corpo útil resulta em uma interpretação onde as diferenças postas entre os conceitos de “normalidade” e “deficiência” figuram enquanto pesos, e não particularidades que enriquecem a pluralidade do gênero humano. Ao determinar a utilidade corporal a partir do que um sujeito consegue produzir para a sociedade, sua personalidade, conseqüentemente, é condicionada a se constituir apenas sob esse aspecto em face da totalidade de outras dimensões que residem em cada subjetividade. Nesse sentido, as diversas nuances que particularizam e lapidam o substrato dos sujeitos vão sendo ocultadas e preteridas em face das dimensões que respondem as demandas advindas da produção.

Existem várias elaborações teóricas que buscam pensar a causalidade do cenário exposto nos parágrafos anteriores: alguns autores irão recorrer a justificação da repressão religiosa e centralizar o debate nas questões relacionadas a sexualidade, outros irão relacionar ao pensamento desenvolvido pelos filósofos gregos que originam a discussão que fragmenta corpo e mente. Há, também, os autores que relacionam as repressões corporais com o elemento do poder e do autoritarismo, por exemplo.

Tais elaborações, em suas contribuições específicas, aludem formas de compreender a alienação corporal a partir de partes fragmentadas e extraídas de um só todo. A totalidade que determina tal categoria, trazida aqui enquanto sociabilidade do capital, possui aspecto tentacular e que repercute em todos os campos das relações sociais. Essas elaborações além de pertinentes são, dessa forma, passíveis de conexões com este trabalho e válidas no campo das hipóteses denunciativas acerca das distorções e condicionamentos que nos afastam do desenvolvimento do gênero *para si* e nos pasteurizam no desenvolvimento genérico *em si*, refletindo a figura do corpo útil como uma das resultantes.

Antes do modo de produção capitalista e do advento da sociedade industrial, já haviam práticas advindas de setores como da religião e dos costumes que influenciavam diretamente na relação dos sujeitos sociais com seus próprios corpos. O capitalismo não inaugura o condicionamento externo a um paradigma específico de corpo. Entretanto, apontamos que as reverberações específicas selecionadas para o estudo nesse trabalho, que delineiam características e implicações pela expectativa de um corpo útil a partir das exigências trazidas pela sociabilidade do capital, são marcadas pela gênese que se constitui diante do advento da divisão social do trabalho e, mais especificamente, com as repercussões do modo de produção capitalista.

O trabalho representa a condição de existência e o mecanismo de sobrevivência da classe trabalhadora na sociabilidade do capital, tendo em vista que figura como via direta de manutenção da existência humana, fornecendo o elemento que possibilita o acesso a saúde, educação, moradia, alimentação, etc: o dinheiro. O ser social trabalha para viver e, ao mesmo tempo, vive para trabalhar (MARX, 2010, p.81).

Dessa forma, os sujeitos, impelidos em ter que se inserir no mercado de trabalho para adquirir sua subsistência, se defrontam com regramentos, costumes, concepções e maneiras próprias do modo de produção capitalista, em estruturar um trabalho: não são consideradas as peculiaridades fisiológicas, psicológicas, tempo relativo de trabalho para cada indivíduo e, finalmente, as potencialidades corporais e

criativas<sup>8</sup> dos seres humanos, que sobrevivem através de seus mecanismos corporais reativos.

O autor Don Johnson em sua obra *Corpo* ilustra tal problemática da seguinte maneira:

Os operários de uma linha de montagem e as secretárias nos escritórios, que desempenham apenas um tipo de atividade durante todo o dia, passam a sentir seus corpos como se fossem máquinas com uma estreita margem de movimento e quase nenhum sentimento. A redução do potencial do corpo aos limites específicos exigidos pelo trabalho mecânico diminui proporcionalmente o campo de percepção da pessoa. (JOHNSON, 1990, p. 94)

Os condicionamentos em nível corporal foram muito explícitos nos períodos iniciais de industrialização, de modo a adequar as posturas e os gestos às funções realizadas pelos trabalhadores, de modo a garantir maior eficiência e lucro. Todavia, outros setores também realizavam e ainda realizam tal prática, como é o caso das escolas, já mencionadas anteriormente:

Por exemplo, as escolas são designadas principalmente para treinar cidadãos e trabalhadores dóceis. Este objetivo é alcançado por meio de formas definidas de comportamento corporal. Crianças pequenas e naturalmente agitadas são obrigadas a passar horas sentadas, sem movimentos significativos, nas cadeiras das salas de aula. Só tem o direito de falar ou sair de onde estão depois de passarem pelo ritual de levantar o braço e receberem a permissão do professor. (...) Muitas criancinhas ingerem remédios para eliminar uma hiperatividade que pode ser muito mais resultado da rigidez da sala de aula do que de desordens orgânicas pessoais. (JOHNSON, 1990, p.48)

Don Johnson denuncia, também, que:

A indústria é um dos setores que mais se beneficiam com estas disciplinas corporais. As escolas treinam as pessoas para assumirem padrões corporais que a maioria dos empregos exige. Os ritmos orgânicos do corpo são ajustados de modo a responder às necessidades de um dia de trabalho normal, começando e terminando numa determinada hora, com intervalos cuidadosamente especificados para se comer, ir ao banheiro e descansar. Tanto para os trabalhadores das fábricas quanto para os dos escritórios, o movimento do corpo ocorre dentro de limites cuidadosamente definidos por engenheiros industriais para maximizar a eficiência. Um manual típico traz o seguinte: "Só há um meio de o chefe do escritório poder exercer um controle científico que é padronizado... O chefe do escritório deve, portanto, continuamente dirigir seus esforços no sentido de ter todas as operações... executadas exatamente de acordo com a maneira como determinou". (JOHNSON, 1990, p. 49)

Em uma linha de argumentação bem próxima a essa, Rudolf Laban, autor Húngaro do século XIX também visualizou a industrialização como ponto nevrálgico

---

<sup>8</sup> Quando mencionamos o elemento da criatividade, em seu sentido etimológico, nos referimos a capacidade de criação e inovação humana.

da relação entre corpo, automatismo e ausência de consciência do movimento. Laban focaliza que no período do advento industrial, o foco sobre o estudo do corpo foi central, mas não através da finalidade de humanizar e potencializar os trabalhadores. Ao contrário: os movimentos pensados e levados à prática dos trabalhadores era com o fim de atender às novas necessidades da produção, tendo a constante diretriz do lucro. Laban em *Dança Educativa Moderna* discorre:

Sabemos hoje que os hábitos dos trabalhadores modernos criam, com frequência, estados mentais prejudiciais, que nossa civilização está inevitavelmente destinada a sofrer, sem encontrar nenhuma forma de compensação. As compensações mais evidentes são, certamente, aqueles movimentos capazes de equilibrar a desastrosa influência dos hábitos dos movimentos desequilibrados que se originam nos métodos contemporâneos de trabalho. (LABAN, 1990, p. 13)

Tais leis, costumes e comportamentos advindos da divisão social do trabalho começavam a engendrar a produção de riquezas por parte da classe trabalhadora. Nesse sentido, o trabalho em si, não produziria somente as mercadorias, mas, também, o próprio trabalhador com sua força de trabalho constituída enquanto mercadoria, pois durante seu processo de trabalho, essa força seria transformada e efetivamente objetivada em algo que figurasse enquanto externo e alheio a si próprio (MARX, 2010, p. 80).

A medida em que o trabalhador se objetivava num trabalho, o estranhamento perante as qualidades relacionadas a si mesmo e ao seu próprio gênero já começa a operar, tendo em vista que apenas a sua dimensão utilitária ao trabalho exigido para a produção iria se manifestar. Assim, na ocorrência de sua própria objetivação em algo externo e alheio a sua vontade e ao seu espírito, o não desenvolvimento da personalidade se agrava:

Este fato nada mais exprime, senão: o objeto (*Gegenstand*) que o trabalho produz, o seu produto, se lhe defronta como um *ser estranho*, como um poder *independente* do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisal (*salich*), é a *objetivação* (*Vergegenständlichung*) do trabalho. A efetivação (*Verwirklichung*) do trabalho é a sua objetivação. Esta efetivação do trabalho aparece ao estado nacional – econômico como *desefetivação* (*Entwirklichung*) do trabalhador, a objetivação como *perda do objeto e servidão ao objeto*, a apropriação como *estranhamento* (*Entfremdung*), como *alienação* (*Entäusserung*). (MARX, 2010, p. 80)

É importante destacar que o contexto em questão indica o gérmen de desenvolvimento do processo de produção industrial, com condições de trabalho distintas em alguns aspectos com relação aos dias de hoje, onde podemos verificar que parcelas da classe trabalhadora, em certa medida, ainda podem se identificar e

gostarem do trabalho que desenvolvem, ou até mesmo realizá-lo de forma autônoma, guardadas as precarizações que decorrem da conjuntura hodierna do mercado de trabalho e de suas diversas formas de ocultarem as explorações que se revestem, inclusive, nos empregos que possuem um atrelamento afetivo entre a atividade exercida e a personalidade do sujeito que a exerce. No cenário de análise que trazemos dos estudos de Marx e Lukács, como aprofundamos no capítulo anterior e retomamos ao ampliar seus contornos nessa sessão, havia uma intensa superexploração de mulheres, crianças, jornadas de trabalho extremamente densas e em condições muito precárias para se realizarem que, dependendo da localidade tratada, coexistem ainda nos dias de hoje.

Assim, é importante compreender que as formas de expressão do estranhamento e a especialização de suas bases ao longo dos anos foram estabelecendo um cenário de desfazimento do desenvolvimento de aspectos tocantes a personalidade dos sujeitos sociais e, por outro lado, desenvolvendo suas aptidões utilitárias ao fundamento da sociabilidade, e não do aprofundamento do desenvolvimento do gênero *para si*.

As modulações que repercutem na concepção do corpo enquanto um instrumento da produção foi deixando de lado a compreensão, por parte dos sujeitos, em dimensionar o corpo, também, como uma esfera de sensibilidades. Ao mesmo tempo, a exteriorização sob a forma de objetivação em mercadorias representa um ponto de agravamento fundamental no afastamento ainda mais acentuado do contato e da identificação dos sujeitos com o próprio corpo.

Diante desse processo, é possível visualizar como a constituição do ser social a partir da divisão social do trabalho possibilitou moldar um ser humano com características voltados ao seu valor enquanto mercadoria. Com o ser humano estranhado de suas particularidades enquanto gênero, tais reverberações foram se espalhando sobre os sujeitos não apenas em sua dimensão individual, mas, também, enquanto seres sociais.

A partir daí, foram forjadas relações e teias que iriam atingir vários outros segmentos da existência humana: o campo político, educacional, cultural, religioso, familiar, etc. Todas essas outras dimensões que também compõem o ser social não saíram ilesas desse metabolismo que representaria uma nova maneira de conceber

sua própria existência, onde sua utilidade se procede em função de sua especialização, da concorrência e da venda de sua força de trabalho como uma própria mercadoria, tendo como consequência subjetividades amputadas nas dimensões sensíveis que resultam em leis, ideologias, costumes e tradições.

Com o fenômeno histórico-social do estranhamento, foram sendo gestadas inúmeras “regras” de sociabilidade que encontravam combustíveis nas relações de coisificação a que os sujeitos estavam sendo condicionados, incidindo sobre elementos que dizem respeito a sensibilidade, a personalidade e a própria constituição das subjetividades, representando peculiaridades efetivamente imanentes ao gênero humano e que nos diferenciam dos animais e, também, dos próprios objetos produzidos pelos sujeitos.

Assim, a partir do momento em que o desenvolvimento das capacidades produtivas sobrepõem o desenvolvimento da personalidade humana, os sintomas dessa circunstância recaem diretamente sobre a própria capacidade de interação dos seres humanos com o mundo e que se dá através de seus próprios corpos.

É possível compreender, dessa forma, que mesmo que não estejamos nos referindo ao período analisado por Marx e Lukács e ainda que façamos um exercício de abstração com sujeitos que não se relacionem a base de um processo de produção diretamente, a atual conjuntura contemporânea resulta da formação histórico-social moldada a partir da gênese localizada na divisão social do trabalho. No cenário contemporâneo, o estranhamento não deixa de existir, mas com roupagens distintas e de acordo com as novas formas de manifestações sociais. Enquanto categoria, a todo momento se reformula, e o desenvolvimento das forças produtivas da maneira que se impõe, impede o advento da consciência sobre tal categoria e o desfazimento desse estado de não desenvolvimento da personalidade, reduzindo a genericidade humana a sua dimensão útil.

### 3 PESQUISADORES CORPORAIS E SEUS ENTENDIMENTOS

Selecionamos alguns pesquisadores que desenvolveram pesquisas com grandes contribuições no que se refere ao estudo do corpo. Esse campo de análise é conhecido como área das pesquisas somáticas, tendo em vista a etimologia que do grego *soma* significa corpo.

São muitos os nomes que contribuíram nesse panorama de estudos, porém, foram selecionados alguns que possuem forte expressão na maneira de compreenderem o corpo como potência de transformação e que, junto a esse raciocínio, concebem de forma crítica as condições materiais a que estão submetidos os seres humanos cotidianamente.

Optamos por não descrever minuciosamente suas práticas técnicas porque o que nos interessa aqui é, principalmente, a abordagem crítica que esses pesquisadores trazem diante da sociabilidade, como cada um compreende seus contornos e de que forma seus estudos podem contribuir para pensar maneiras de ultrapassar as determinações postas pelo capital no que toca a dimensão corporal humana.

#### 3.1 MOSHE FELDENKRAIS

Nascido em 1904 na Rússia, Feldenkrais era formado em física com doutorado em ciências naturais e especialização em biomecânica. Escreveu a obra *Consciência Pelo Movimento*, onde desdobra seus entendimentos e métodos para melhoramento da postura, visão, imaginação e percepção de si mesmo (TEIXEIRA, 1998, p.47).

Para o autor, o ser humano age de acordo com sua auto-imagem. Ao longo de sua vida, seu processo de conscientização está diretamente interligado com a integração do corpo com essa auto-imagem. Esta é condicionada por três fatores: hereditariedade, educação e auto-educação. Para ele, diante dos três fatores, a auto-educação é o único componente em que o ser humano possui alguma margem de

escolha e autonomia, tendo em vista que nos primeiros anos ela não é inteiramente volitiva. (FELDENKRAIS, 1977, p.21)

Seus posicionamentos são bastante contundentes no que se refere a uma criticidade do que está posto para o ser humano enquanto educação e o quanto é um exercício árduo a auto-educação sob a forma de força ativa da individualidade. Para Feldenkrais, enquanto a educação busca uma uniformização, as individualidades são sufocadas e a auto-educação enfrenta um processo cada vez mais difícil de se operar.

Assim, o autor reflete bastante acerca da dimensão abordada no item anterior desse capítulo no que se refere à dimensão utilitária dos sujeitos sociais:

Se, entretanto, nós por um momento negligenciarmos o conceito de sociedade e voltarmos para o homem em si mesmo, veremos que a sociedade não é meramente a soma das pessoas que a constituem; do ponto de vista do indivíduo ela tem um significado diferente. Ela importa para o indivíduo, em primeiro lugar, como o campo no qual ele deve avançar no sentido de ser aceito como um membro de valor; seu valor é, a seus olhos, influenciado pela sua posição na sociedade. É importante também para ele, como um campo no qual pode exercitar suas qualidades individuais, desenvolver e dar expressão a inclinações pessoais particulares vitais para a sua personalidade. Traços instintivos derivam de sua hereditariedade biológica e sua expressão é essencial para o máximo funcionamento do organismo. Como a tendência à uniformidade em nossa sociedade cria inumeráveis conflitos com as características individuais, se realiza ajustamento ou pela supressão das necessidades vitais do indivíduo ou pela identificação do indivíduo com as necessidades da sociedade (de um modo que não lhe aparece imposto), a ponto de fazê-lo sentir-se corrompido quando não se comporta de acordo com os valores sociais. (FELDENKRAIS, 1977, p. 22)

Diante disso, Feldenkrais entende que esse amoldamento, além de representar um problema em buscar uma uniformização dos indivíduos em face do desenvolvimento de suas particularidades, promove um desvio das necessidades vitais dos seres humanos, tendo em vista que tais necessidades, como mencionamos, não se resumem àquelas que, também, traduzem necessidades vitais animais como comer, dormir e procriar.

O problema da auto-imagem sendo constituída a partir do que é imposto pela sociabilidade é uma preocupação recorrente na obra do autor, e tais alterações que se iniciam em nível psicológico, se imprimem corporalmente:

A diferença entre imagem e realidade pode ser de 300% ou mais. Pessoas que normalmente seguram o peito como se o ar tivesse sido expelido dos pulmões exageradamente, com o peito mais chato do que deveria e chato demais para servi-los eficientemente, estão prontas a indicar a profundidade do peito como muitas vezes maior do que é, quando a percebem de olhos fechados. Isto é, o excessivo achatamento do peito lhes parece correto, pois

que cada inflação do peito para expandir os pulmões, lhes aparece como um esforço demonstravelmente exagerado. Uma expansão normal do peito é sentida por eles como uma explosão. (FELDENKRAIS, 1977, p.41)

Assim, o autor desenvolve sua obra no sentido do aprimoramento da auto-imagem propondo maneiras de realizar auto correções. É bem interessante pois ao longo de sua escrita, seu entendimento não se pauta em repelir defeitos em face de lapidar um corpo perfeito. Sua perspectiva parte de uma ótica de harmonização como em um exemplo que dá ao comparar o corpo com a afinação de um piano (idem, p.42).

Para Feldenkrais, todo seu método de conscientização é realizado a partir do movimento, entendendo ser esse a base da consciência. Sua análise possui um grande destaque na relação entre músculos e sistema nervoso, expressando que o motivo das ações humanas, a habilidade de seus movimentos, suas habituações e, inclusive seu campo emocional é processado a partir daí:

A maior parte do que vai dentro de nós, permanece embotado ou escondido de nós, até que atinge os músculos. Sabemos o que está acontecendo dentro de nós, logo que os músculos da face, coração ou do aparelho respiratório, se organizam em padrões, conhecidos por nós como medo, ansiedade, riso ou qualquer outro sentimento. Mesmo quando apenas um tempo muito pequeno é requerido para organizar a expressão muscular da resposta ou sentimento internos, todos nós sabemos que é possível conter o próprio riso, antes que se torne notado pelos outros. Similarmente, nós podemos entrar e mostrar medo ou outros sentimentos. (FELDENKRAIS, 1977, p.56)

Ainda nesse sentido, a contribuição do autor para compreender as emoções atreladas, diretamente, a fisicalidade do corpo se dá, também, quando diz:

Não podemos tornar-nos conscientes do que está acontecendo em nosso sistema nervoso central, até que nos conscientizemos das mudanças em nossa posição, estabilidade e atitude, porque estas mudanças são mais facilmente sentidas do que as que ocorreram nos próprios músculos. Somos capazes de evitar expressões musculares plenas, porque os processos naquela parte do cérebro que se relacionam com funções peculiares ao Homem, são muito mais vagarosas que os processos das que são relacionadas ao que é comum ao Homem e ao animal. (FELDENKRAIS, 1977, p.57)

Assim, ao destacar a relação direta entre musculatura e comportamento, Feldenkrais abre caminho para demonstrar o quanto os hábitos podem ser sustentados por nossas musculaturas e engendrarem um padrão de conservação de comportamentos que dão continuidade ao segundo elemento formador da auto-imagem que é a educação. A continuidade de fatores que uniformizam e impedem o desenvolvimento da personalidade são estruturados e conservados através de fatores externos mas, também, dentro da própria estrutura corporal humana. Dessa forma,

relacionando os comportamentos a complexos musculares mobilizados através de sensações, sentimentos e pensamentos, aponta:

Uma mudança fundamental na base motora, dentro de cada padrão simples de integração, quebrará a coesão do todo e, desse modo, o pensamento e o sentimento perdem sua sustentação nas rotinas estabelecidas. Nestas condições, é muito mais fácil efetuar mudanças no pensamento e nos sentimentos, porque o componente muscular, através do qual o pensamento e o sentimento alcançam a nossa consciência, mudou e não mais exprime os padrões familiares preexistentes. O hábito perdeu seu maior suporte – o dos músculos – e se tornou mais acessível à mudança. (FELDENKRAIS, 1977, p.60)

O autor entende, ainda, que a consciência é um estágio da evolução humana que diferencia-se dos animais principalmente no sentido fisiológico, partindo do ponto em que esta é processada no sistema supralímbico, onde aponta ser muito mais desenvolvido nos seres humanos. Assim, descreve que a particularidade da consciência humana nos diferencia de outros seres da natureza e que, mesmo que a consciência não seja essencial a vida, é ela quem particulariza o gênero humano.

Feldenkrais diferencia essencialmente percepção e consciência e explica um pouco mais sobre os processos de conscientização aos quais recorre em seu método:

Vimos que as estruturas usadas pelo pensamento são frouxamente ligadas com as dos sentimentos. O pensamento claro nasce somente na ausência de sentimentos fortes que distorcem a objetividade. Assim, uma condição necessária para o desenvolvimento do pensamento efetivo é uma contínua separação dos sentimentos e sensações proprioceptivas. (FELDENKRAIS, 1977, p. 74)

Assim, as contribuições de Feldenkrais indicam que seu entendimento se pauta no fato de que é através do trabalho corporal que a relação do ser e de sua consciência podem se estabelecer de forma harmonizada, promovendo a integração entre auto imagem e impulso vital, como categorias fundamentais em suas percepções analíticas e que representam elementos de grande importância no desenvolvimento de seu trabalho que volta-se, finalmente, para o afloramento e desenvolvimento da personalidade humana.

### 3.2 GERDA ALEXANDER

A pesquisadora Alemã nasceu no ano de 1908 e iniciou sua trajetória através do estudo musical pelo método Dalcroze, onde a aprendizagem musical se faz a partir

de práticas corporais. Também se aproximou da dança expressionista de Mary Wigman, ampliando ainda mais seu contato com o campo artístico do conhecimento. Entretanto, aos 20 anos incorreu em uma doença cardíaca onde teve que buscar maneiras de realizar ações sem esforço desnecessário, tendo em vista que os médicos lhe garantiam apenas 6 meses de vida. Gerda viveu até os 86 anos e foi criadora do método que transformou a relação com o tônus do próprio corpo: a Eutonia (TEIXEIRA, 1998, p. 49).

Derivada do grego *eu* = bom, justo, harmonioso, e *tonos* = tônus, tensão, a Eutonia é uma abordagem que busca propor ferramentas para que a pessoa em contato com essa técnica possa buscar uma harmonização tônica que se adapte constantemente a cada nuance de seu cotidiano e atividade do momento. (ALEXANDER, 1983, p.9)

A partir de atividades que propõem uma capacidade de observação e pesquisa profunda sobre o próprio corpo, a eutonia não busca somente o relaxamento muscular em face dos tensionamentos, mas sim, uma adaptabilidade tônica tanto diante de situações de repouso quanto de demais atividades que requeiram esforço no cotidiano, buscando sempre a harmonização do tônus com a função em que ele está sendo utilizado. (idem, p.10)

Seguindo uma linha bastante semelhante a Feldenkrais ao conceber a relação entre músculos e consciência, Gerda compreendia que:

O tônus postural, próprio dos músculos clônicos, assim como o sistema neurovegetativo e o conjunto das regulagens fisiológicas estão em inter-relação estreita com nosso psiquismo. Assim, por essas diferentes vias, manifestam-se em nosso corpo a parte inconsciente e a parte consciente da nossa personalidade. Cada mudança de consciência atua sobre o conjunto das tensões. Toda perturbação modifica não apenas o estado corporal, mas também o comportamento e o estado de consciência da pessoa. (ALEXANDER, 1983, p.10)

Entretanto, ainda que considerasse a íntima relação das emoções com o tônus das musculaturas, Gerda propunha que essa auto regulação acontecesse para que as pessoas não estivessem suscetíveis a uma força da qual não pudessem ter o mínimo de relação ativa:

As crianças pequenas e os animais são particularmente sensíveis a essas transferências tônicas. Também as experimentamos quando assistimos a uma partida de futebol, a um espetáculo ou a um concerto, quando nos deixamos entusiasmar, quando nos comunicamos, estremecemos ou nos tranqüilizamos. Embora essas emoções sejam fonte de enriquecimento

peçoal, é importante que o indivíduo saiba permanecer dono de seu tónus para poder resistir às influências que julgue nocivas a seu próprio equilíbrio. (ALEXANDER, 1983, p.13)

Nesse sentido, a capacidade de sensibilidade se situa em seu trabalho como um elemento determinante em busca da autonomia tónica. Para Gerda através de testes sobre a auto-imagem era possível detectar em que nível estava essa capacidade de sensibilidade, tendo em vista que para o desenvolvimento da abordagem eutónica, é necessário lapidar esse estado de sensibilização através de uma capacidade de observação profunda e uma presença que se diferencia das técnicas orientais, onde há uma disponibilidade para uma auto percepção investigativa, sem esperar um determinado resultado (idem, p.10).

A pesquisadora Letícia Teixeira em sua obra *Conscientização do Movimento* oferece uma perspectiva importante para este trabalho ao compreender a relação da utilização da sensibilidade na eutonia para diferenciar corpo e consciência como dois elementos que compõem uma integralidade, mas que se diferenciam:

O mundo sensível é um mundo de matéria e o físico traz sempre consigo uma forma, um volume, uma textura, uma dimensão, uma temperatura, uma consistência, um peso, um espaço, etc. E a eutonia consegue despertar a sensibilidade através dessa atenção mais precisa para a qualidade de relações dos corpos; seja corpo físico com superfícies, incluindo-se todos os objetos, desde as roupas de uso diário, seja com outros corpos físicos. A percepção vai sendo despertada gradativamente, porque o corpo não é a consciência, ele precisa dela para fazer aflorar suas sensações e percepções conhecidas. (TEIXEIRA, 1998, p.52)

Para Gerda, a criação da Eutonia passava pelos elementos já mencionados no que se referem a sermos *donos do próprio tónus* (1983, p.13), entretanto, na introdução de sua obra, onde define o que é a eutonia, traz uma definição que levanta essa técnica como uma possibilidade de integralização de um ser humano fragmentado entre o que entende como corpo e espírito. Em suas palavras:

A eutonia propõe uma busca, adaptada ao mundo ocidental, para ajudar o homem de nosso tempo a alcançar uma consciência mais profunda de sua realidade corporal e espiritual, como uma verdadeira unidade. Convida-o a aprofundar essa descoberta de si mesmo sem se retirar do mundo, mas ampliando sua consciência cotidiana, permitindo-lhe liberar suas forças criadoras, possibilitando-lhe um melhor ajustamento a todas as situações de vida e um enriquecimento permanente de sua personalidade e de sua realidade social. (ALEXANDER, 1983, p.9)

Finalmente, conforme menciona Alfons Rosenberg no Prólogo da obra de Gerda em que situa *O lugar da eutonia no espírito da época*, a expressão da pesquisadora diante do cenário em que estava inserida era um somatório de forças

junto a outros pesquisadores que buscavam trazer um outro paradigma de corpo, diferente daquele fragmentado pelas revoluções industriais do século XIX, mas sim, um corpo que reintegrava o ser humano em uma totalidade indivizível em sua unidade psicofísica (idem, p.2).

### 3.3 RUDOLF LABAN

Laban nasceu em 1879 na Hungria. Com desenvolvimento de estudos e atuação profissional principalmente no campo da dança, o autor também se envolveu com o teatro em busca de extrair uma autenticidade do corpo cênico onde houvesse uma real interação entre movimentos e impulsos internos para realizarem uma movimentação, ainda que em nível de performance (LABAN, 1978, p.9).

Nesse sentido, criou centros de pesquisa que enfocavam essa espontaneidade única e particular em cada ser humano, considerando, inclusive, a preservação da espontaneidade como uma das tarefas da educação em sua obra *Dança Educativa Moderna* (1990).

Acreditava no movimento e toda sua pluralidade como maneiras de estimular essa individuação e como uma espécie de maneira de libertação do indivíduo frente as *desastrosas influências dos hábitos cotidianos* (1990, p.13). Para Laban, os movimentos seriam maneiras de evocar uma espontaneidade singular que por vezes não encontrava vazão no ritmo moderno de trabalho a que os sujeitos estavam inseridos.

Em seus estudos, suas críticas a sociedade industrial de sua época são constantes, se destacando como um pesquisador que não desatrelava a análise motora do corpo da própria realidade material circundante que constituía esses sujeitos:

Sabemos hoje que os hábitos dos trabalhadores modernos criam, com frequência, estados mentais prejudiciais, que nossa civilização está inevitavelmente destinada a sofrer, sem encontrar nenhuma forma de compensação. As compensações mais evidentes são, certamente, aqueles movimentos capazes de equilibrar a desastrosa influência dos hábitos dos movimentos desequilibrados que se originam nos métodos contemporâneos de trabalho (LABAN, 1990, p.13).

Nesse sentido, o autor destaca a influência das pesquisas de movimento para rendimento da força de trabalho dos sujeitos sociais realizada por Frederick W. Taylor, pontuando-o como responsável por fundar uma nova perspectiva de movimento em sua época, porém, que desconstruía o sentido que direcionava sua pesquisa de autenticidade, tendo em vista que o objetivo de Taylor era o aumento de eficácia dos trabalhadores que manejavam máquinas (idem, p.12)

Laban realiza um comparativo entre os trabalhadores nos momentos pré-industriais, onde aponta que cada sujeito era organizador de seu próprio ofício – refere-se a artesãos e camponeses, especificamente – e a diferença do trabalhador de seu tempo que constitui sua vida em função de uma determinada atividade:

O trabalhador da atualidade não só se especializou em uma dessas tarefas como numa determinada função dessa tarefa e frequentemente tem de realizar de manhã à tarde, ao longo de toda a sua vida, uma sucessão de movimentos relativamente simples. Tem de pensar, mas dentro de uma restrita esfera de interesses. Dedicar horas de ócio a prazeres inadequados pois carecem daquela integração de exaltação mental e corporal que em épocas anteriores emanava do orgulho pela independência no trabalho organizado. Incidentalmente, o orgulho pelo trabalho encontrava sua expressão nas danças festivas. Durante os anos escolares as crianças de nosso tempo não aprendem a apreciar o movimento. Apenas sabem o quanto de sua felicidade futura depende de uma vida de movimento intenso. (LABAN, 1990, p.14)

A partir daí, Laban carrega a possibilidade da exploração dos movimentos como uma alternativa de integração do corpo moldado pelo trabalho e sem contornos de individualidade e autenticidade. Desenvolve sua pesquisa partindo de quatro pressupostos que constituem diferentes qualidades de esforço que se alinham a atitudes interiores (conscientes ou inconscientes), os quais denomina como fatores de movimento que são *Peso, Espaço, Tempo e Fluência* (1978, p.36).

É importante destacar que tais fatores de movimentos são fundamentais na distinção realizada pelo autor que separa os esforços humanos dos animais, direcionando o entendimento para uma particular especificidade que se relaciona com elementos que são próprios do gênero humano, destacando como *esforço humanitário* aquele realizado no sentido de resistir a influência de capacidades herdadas ou adquiridas (idem, p.39).

Assim, o desenvolvimento de seus estudos sobre o movimento, que resultaram, inclusive, em uma notação capaz de registrar qualquer um dos tipos de movimentos corporais – a *Labanotation* ou *Kinetography Laban* – se deu diante da prerrogativa de

autenticidade do humano, trazendo a tona a perspectiva de que: “cada fase do movimento, cada mínima transferência de peso, cada simples gesto de qualquer parte do corpo revela um aspecto de nossa vida interior” (idem, p.49).

### 3.4 KLAUSS VIANNA

Klauss Vianna nasceu em Belo Horizonte (MG) no ano de 1928 e foi um bailarino brasileiro precursor na dança moderna no Brasil (MILLER, 2016, p.34). Escreveu o livro *A Dança* onde descreve sua maneira de trabalhar com o corpo e, também, suas opiniões a respeito dessa prática. Ao longo de sua escrita narrando sua história, suas opiniões e suas abordagens pedagógicas em sala de aula, é bastante perceptível seu impulso por denunciar um cenário de ausências, automatismos e inconsciência.

Ao iniciar seus relatos acerca do começo de sua carreira no Ballet Clássico, é possível perceber suas primeiras pontuações críticas no exercício da escrita do livro. O autor ultrapassou meros relatos procedimentais acerca da técnica da dança, conectando, a todo momento, seus apontamentos ao cenário estrutural em que o(a) bailarino(a) habita, situando-o como sujeito social.

É de conhecimento comum que o Ballet Clássico se moldou ao longo dos anos como um estilo de dança marcado majoritariamente por um conceito bastante ortodoxo de disciplina, perfeccionismo técnico-motor e aulas pautadas em repetições mecânicas para o refinamento do desempenho do(a) bailarino(a). Mesmo entendendo que se trate uma técnica extremamente anatômica, que possibilita revelar a potência de um corpo na rotação da musculatura no sentido máximo que ela pode atingir, o autor traz à tona alguns questionamentos e ponderações que ousam desvelar esse cenário e demonstrar o quanto é possível repetir padrões de condicionamento e desatenção cotidianos na própria sala de aula (VIANNA, 2005, p.30).

Uma das primeiras críticas a serem pontuadas por Klauss Vianna, por exemplo, foi sobre o critério de disciplina adotado nessas salas de aula de ballet que se assemelhavam, segundo ele, a regimentos militares que não se questionavam, com

os quais não se discutiam ou não se conversavam, conduzindo a tradição do ballet a um mecanicismo pautado em repetições de forma. O autor ainda menciona:

Essa desatenção passa para o aluno que, em vez de estar presente e ouvir a música, inicia um processo de auto hipnose e, em pouco tempo, não está mais na sala de aula: está nas nuvens, no espelho, nas notas do piano, mas não consigo mesmo. A sala de aula, dessa forma, torna-se uma arena para competição de egos, onde ninguém se interessa por ninguém a não ser como parâmetro para a comparação. (VIANNA, 2005, p. 32)

Nesse mesmo sentido, Vianna estende essa desatenção às próprias relações estabelecidas entre alunos e alunas, ao dizer que é possível verificar uma sala de aula enquanto uma arena de disputas e competições, dando continuidade a reproduções sociais que nos condicionam a perceber as pessoas ao nosso entorno a partir de filtros de parâmetros para comparações (Idem, p.32). O autor demonstra em sua crítica que até nosso olhar para outro ser humano está sujeito a ser socialmente moldado para visualizar elementos sobrepostos às concepções essenciais e humanas, que, ao fim, não temos condições objetivas e estruturais de enxergamos, nem mesmo, em nossa própria subjetividade.

Klauss Vianna detectou que a ausência corporal se relaciona com um estado constante de desatenção e automatização dos sentidos, relatando suas experiências com seus alunos e alunas e suas percepções acerca das práticas em aula. Segundo ele, a ausência de consciência é como uma espécie de sono, do qual, por meio da dança, é possível acordar:

E seria difícil fugir desse sono: para começar, ficam sempre nos mesmos lugares, ouvem sempre a mesma música, o mesmo som diário da voz do professor, que corrige diariamente as mesmas coisas nas mesmíssimas pessoas. Pronto: com cinco minutos de aula todo mundo está em transe, ninguém mais está ali. Se um elefante passar pelo meio da sala ninguém nota. (VIANNA, 2005, p. 34)

Em outra passagem, comenta:

Em geral, mantemos o corpo adormecido. Somos criados dentro de certos padrões e ficamos acomodados naquilo. Por isso digo que é preciso desestruturar o corpo; sem essa desestruturação não surge nada de novo. (VIANNA, 2005, p. 77)

O autor menciona que o acordar passa por despertar os sentidos e deixá-los em alerta:

Acostumados a introjetar a ordem à nossa volta, habituamo-nos a não olhar, não ouvir, não sentir intensamente e desprezar a importância dos fatos e acontecimentos menores, quase imperceptíveis – embora fundamentais. Quando trabalhamos o corpo é que percebemos melhor esses pequenos

espaços internos, que passam a se manifestar por meio da dilatação. Só então esses espaços respiram. (VIANNA, 2005, p. 70)

Sob a ótica dos sentidos, os seres humanos possuem olfato, audição, tato, paladar e visão. Tais sentidos são responsáveis por mediar a relação de nossa subjetividade com o mundo objetivo e, também, com outras subjetividades humanas. Falamos, ouvimos, tocamos, sentimos, enxergamos. Tais sentidos orbitam no próprio corpo. Klaus Vianna coloca, assim, a importância dos estados de alerta e atenção, emergindo a concepção de dança e até mesmo de corpo, em um horizonte que considere o estudo e desenvolvimento dos sentidos humanos.

O autor enfatiza que caso os sentidos não estejam em estados de atenção e alerta, a dança se torna pura ginástica e, a partir daí, é possível verificarmos que Vianna fornece elementos para a compreensão e a diferenciação entre consciência corporal e aptidão para reprodução motora.

Klaus Vianna conecta o elemento da desatenção à palavra “inconsciência”, como uma forma de não estar atento ao que acontece e se opera ao redor no momento presente. Para ele, é através dessa inconsciência que se manifestam a falta de interesse do(a) bailarino(a) pelo sindicato, pela luta pelos direitos e defesa de sua classe, os individualismos exacerbados e, também, a alienação, havendo a condução a uma crença de que a entidade “bailarino” não se faz enquanto sujeito social.

Ao pensar no(a) bailarino(a) como sujeito social, Klaus Vianna destaca a importância de se ter dimensão, também, do chão territorial em que se está inserido, trazendo sua discussão para a valorização de elementos regionais e chegando a discutir, inclusive, a formação de um ballet nacional. Nesse sentido, menciona que as técnicas eram reproduzidas a partir da expectativa de corpos que não eram os que se encontravam nas salas de aula, pois os métodos estrangeiros foram desenvolvidos para corpos que expressavam uma anatomia decorrente de uma sociabilidade própria desses sujeitos sociais. Tal reflexão está presente em seu livro quando ele direciona seus questionamentos ao aspecto territorial do desenvolvimento das técnicas de ballet:

(...) Não adianta colocar uma criança de sete anos em um Royal Ballet: este é um método desenvolvido para menininha inglesa, que tem perna comprida e bunda fina, enquanto a brasileira tem perna curta e bunda grande. Essas meninas, coitadas, têm de se adaptar a um método que não serve para elas. O pior é que tudo vira moda no Brasil, em pouco tempo: dá *status* ter um

diploma do Royal Ballet. Como ter um pinguim em cima da geladeira. (VIANNA, 2005, p. 46)

Ainda nessa discussão, o autor se refere à construção de uma técnica como incorporação dos valores espirituais de uma determinada sociedade. Não se trata somente de uma análise anatômica para a formação de uma expressão corporal. A técnica, muitas vezes, surge de movimentos espontâneos e, assim, vai se desenvolvendo e se remodelando com o decorrer do tempo. Esses movimentos corporais que surgem no seio de uma expressão popular expressam a dimensão humana dos sujeitos sociais, cotidianamente tolhidos em face dos condicionamentos da formação de sentidos produtivos e utilitários à produção:

Ora, além dos valores culturais estrangeiros assimilados pelo artista, assim mesmo sob a refração regional, existem outros puramente regionais – de ordem psicológica ou ambiente – que são os participantes mais profundos dessa formação. Isso é sabido, e é por essa razão que o artista, embora possa sentir a seu modo a obra-de-arte estrangeira, não poderá enquadrar a própria criação nos moldes espirituais que originaram aquela. Quando assim pretende fazer, não consegue senão enfraquecer o seu ímpeto inicial, pela distorção que se verifica, empobrecendo a obra e tornando-a um meio-termo sem originalidade e sem expressão. (VIANNA, 2005, p.88)

Não se trata, assim, de visualizar uma técnica de dança somente enquanto um agrupamento de movimentos provenientes de uma determinada região, mas de compreendê-la em sua dimensão originária, como reflexo de um todo político, econômico, cultural e social, refletindo, pela linguagem do movimento, a própria realidade.

Dessa forma, após falar de conceitos referentes ao espaço e ao território, Klaus Vianna chega, também, à discussão do conceito de tempo. Em um trecho de seu livro, menciona:

O problema é que não se pode dar saltos em arte. Existe o dia, a noite, a semana, o mês, o ano, você não tem como suprimir o tempo. Não posso pular uma noite, não posso ir contra a natureza, a natureza do meu corpo. Não posso lutar contra algo que é muito maior que eu. O Aprendizado exige um tempo e esse tempo precisa ser consciente. É claro, no entanto, que existem as individualidades – e o professor existe para reconhecê-las – e, esse tempo varia em cada um. (VIANNA, 2005, p.51)

Dessa maneira, o autor traz à luz um elemento fundamental dentro da sociabilidade que nos engendra comportamentos: a pressa. E, junto a isso, a ansiedade, o controle e o exacerbamento do pensamento racional, tomando lugar do desenvolvimento das capacidades sensíveis e espirituais humanas.

Com o predomínio da repetição, em face da criatividade, os indivíduos acabam realizando sempre as mesmas formas, movimentos e, inclusive, comportamentos e fluxos de pensamento. A criação caminha junto ao campo da experimentação, da observação, da investigação minuciosa e, conseqüentemente, do aproveitamento do elemento “tempo”. Os ditados e expressões pejorativas que dizem respeito aos momentos de descanso e, até mesmo, o chamado “ócio criativo” são alguns dos pilares que sustentam as engrenagens dos mecanicismos, dos ritmos acelerados e da desatenção, como, por exemplo, o tão conhecido: “Mente vazia, oficina do diabo”. Não há, a grosso modo, condições objetivas que respaldem momentos de descanso e desenvolvimento das potencialidades subjetivas, exceto diante de um adoecimento, momento em que o ser humano será compulsoriamente interrompido desse fluxo por seu próprio corpo.

Nessa linha, Klauss Vianna ressalta inúmeras vezes em seu livro a importância de contextualizar o bailarino como sujeito habitante de um chão social permeado de leis comportamentais (sociabilidade) que se desenvolvem nessa dimensão de espaço e tempo. O autor enfatiza a importância em romper as barreiras que separam a sala de aula do mundo externo e respeitar os chamados “ritmos corporais” (idem, p.75).

Para o autor, existe um ritmo interno (subjetivo e corporal) e um colocado pelo cotidiano (objetivo e social):

Obviamente, a todo instante somos submetidos a uma série de condicionamentos sociais e culturais. De acordo com a lógica e a disciplina de um mundo orientado para o trabalho, somos levados à mais completa imobilidade e a desempenhar uma forma mecânica de gestos. O universo da produção é hoje um universo de trabalho alienado, no qual também o corpo é submetido a um conjunto de práticas de domesticação social. (VIANNA, 2005, p. 126)

Assim, ao nos adaptarmos ao ritmo cotidiano, o corpo com seu ritmo próprio responde a essa contradição através de tensões que se manifestam na própria corporalidade:

Em nossa civilização, caracterizada pelo estresse, o indivíduo tende a manter com o próprio corpo uma relação cada dia pior. O acúmulo de tensões é uma constante no cotidiano. Para justificá-lo, as pessoas costumam dizer que a velhice está chegando, que estão com reumatismo, problema na coluna ou qualquer outra mazela. Quase sempre, porém, nada disso é muito verdadeiro, pois o que se procura é apenas uma desculpa diante de tensões que acabam comprometendo seriamente os movimentos mais simples e inibindo a sensibilidade e a percepção corporal. (VIANNA, 2005, p. 107)

Tal reflexão revela que a sociabilidade que configura a relação entre sujeitos sociais e corpo é cercada de concepções construídas a partir de costumes, falsas premissas e de uma reprodução desatenta sobre os fluxos e demandas orgânicas dos seres humanos.

Para Vianna, a dança figura como um instrumento com possibilidades de ruptura desse fluxo de ausência e de condução a estágios de consciência:

Quando uma técnica artística não tem um sentido utilitário, se não me amadurece nem me faz crescer, se não me livra de todos os falsos conceitos que me são jogados desde a infância, se não facilita meu caminho em direção ao autoconhecimento, então não faço arte, mas apenas um arremedo de arte. Não sou um bailarino, mas um mímico, o pior tipo de mímico. Conheço apenas a forma, que é fria, estática e repetitiva, e nunca me aventuro na grande viagem do movimento, que é vida e sempre tenta nos tirar do ciclo neurótico da repetição. (VIANNA, 2005, p. 73)

A leitura do livro *A Dança* representa, assim, extrema importância na ilustração da análise desse trabalho. Comandos, técnicas, exercícios para atingir a atenção e a consciência do momento presente se colocam para Vianna não somente como mecanismos para potencializar o campo individual e subjetivo dos sujeitos sociais, mas para situar o ser enquanto parte de um todo e na utilização do caminho da linguagem do corpo na dança enquanto um instrumento que consideramos aqui como forte potência de desestranhamento corporal dos sujeitos sociais.

Apesar de sua obra ser intitulada *A Dança*, Klauss Vianna terminou seus dias de vida trabalhando com a preparação corporal de atores no teatro e sua técnica corporal foi aprofundada e sistematizada por seu filho Rainer Vianna – já falecido -, juntamente com sua companheira Neide Neves, que até os dias de hoje trabalha com a Técnica Klauss Vianna através da formação de profissionais no curso de pós graduação em São Paulo (MILLER, 2016, p.15).

### 3.5 ANGEL VIANNA

Nascida em Belo Horizonte no ano de 1928 (MILLER, 2016, p.41), a bailarina e pesquisadora Angel Vianna despertou uma nova forma de pensar o corpo em movimento no Brasil, ao lado de seu companheiro Klauss Vianna. Foram casados, trabalharam juntos e tiveram o filho Rainer, que também seguiu os passos dos pais

no trabalho corporal. Hoje, aos 91 anos, Angel ainda dirige sua escola de dança que, na verdade, se tornou Faculdade Angel Vianna, onde oferece cursos livres, graduação e pós graduações.

Mesmo seguindo pelo caminho da criticidade tal como Klauss, Angel construiu sua trajetória com elementos bem próprios de sua personalidade, desenvolvendo pontos que Klauss não se debruçou em pesquisar com a mesma intensidade que ela. Enquanto ele se preocupava em estimular uma genuína expressão tanto na dança, quanto no teatro, buscando performances artísticas e coreografias essencialmente elaboradas a partir de estados de consciência, presença e atenção corporal, Angel sempre manifestou uma paixão bem particular pelo ser humano, uma veia criativa para ressignificar o corpo e uma visualização das potências individuais enquanto únicas e especiais em cada sujeito social.

Em uma entrevista concedida para o site Idança, Angel declara:

(...) e essa pergunta que 'ce' fez, por que é que me chamam de mestra... eu nem sabia muito bem porquê, mas com os anos, com o tempo, eu comecei a observar o que é que eu mais gosto na vida: é de gente. E o que é que eu fiz na vida? Observar gente. E observando é que cheguei a conclusão que eu gostava de cuidar de gente. (IDANÇANET, 2012, 00:00' até 00:40')

Nesse movimento, a característica do cuidado em seu trabalho, colocou sua metodologia fundada em um desenvolvimento sobre o acolhimento e a preservação do corpo humano.

Sua abordagem e pesquisa com corpos deficientes é uma característica bem singular de seu trabalho, diferentemente de Klauss que, por vezes, a criticava por se preocupar com esse tipo de trabalho. Angel, na defesa de sua escolha interventiva, afirma que todos os corpos possuem potência e possibilidades de se expressarem através da dança:

Ainda em Belo Horizonte surgiram pessoas com problemas os mais variados. Desde o comecinho meu trabalho possuía uma conotação terapêutica, o que era bastante inusitado na época. Não sei exatamente por que tais pessoas me procuravam, só sei que através da dança e de uma maneira bem peculiar de abordar e tratar o ser humano fui descobrindo os imensos potenciais terapêuticos do movimento. O resultado desde o começo era excelente. Através da dança descobri que tais pessoas aprendem a conviver melhor com a própria vida, dando assim, maior qualidade a sua movimentação pelo mundo. (LIMA apud POLO, 2005, p.17).

Como descreve Enamar Ramos, Angel buscava novos caminhos ao corpo. Estimulava movimentos desprendidos dos condicionamentos sociais, orgânicos e

próprios de cada individualidade. Buscava a conscientização e a sensibilização do corpo. (RAMOS, 2007, p.17)

Diferentemente de Klauss, Angel não escreveu um livro sobre suas ponderações metodológicas, mas até hoje contribui de várias maneiras para a formação de uma consciência que emancipe os corpos através de suas dimensões sensíveis. Tal trabalho se realiza por meio de sua Faculdade e, também, nas diversas entrevistas, aulas e declarações que emite ao tratar sobre o tema. Ainda em entrevista ao site Idança, Angel menciona:

(...) é uma das coisas que eu faço em primeiro lugar: fazer o aluno perceber que ele é uma pessoa especial, porque primeiro dá a noção de quem é a pessoa. Ele é uma pessoa, é um ser que tem que se sentir ser, que a maioria não se sente. A gente que... você não sabe que tá ali, porque não tem presença, não existe... não precisa ser bonito, não precisa ser feio, não precisa ser nada... precisa ser gente. Então a primeira coisa que eu coloco é que ele é uma pessoa única, especial, que vive num meio, numa comunidade que é a família, que é a cidade, o estado, o país, o mundo. Então, se ele não se sente feliz, ele que tem que se tratar, e se tratar em todo o ponto de vista, e se ele veio pra cá ele tem de ter bem o conhecimento do que é o instrumento dele. E o instrumento é o corpo. O corpo precisa ser tratado, precisa ser observado. Seja na dança, seja na terapia, seja na consciência, seja no trabalho mais profundo, mas ele tem de ter atenção com ele. Ele não pode ser qualquer coisa, não pode. Ele tem de ser cuidado. Cuidado não quer dizer que não pode experimentar... pode, e deve, mas tem realmente de saber se ele começa a trabalhar com a percepção do que ele tá fazendo, e com sentimento, com sensibilidade, com atenção e que o professor, também. (IDANÇANET, 2002, em 1:17:20')

Nesse sentido, Angel desenvolveu sua metodologia da conscientização do movimento, buscando uma corporeidade consciente dos seres humanos, de modo a oferecer instrumentos para que cada um se identificasse enquanto mestre de si mesmo (RAMOS, p. 25, 2007). Diante disso, ao falar sobre a técnica do ballet clássico, Angel apontou por meio do questionamento ao campo técnico da dança, a preocupação que já possuía no início de sua trajetória, ao possibilitar a autonomia da consciência de seus alunos e alunas:

(...) mas naquela época era ballet clássico e com todas as coisas do ballet clássico eu me sentia... eu aprendia, eu olhava eu dançava eu punha a ponta, mas não era ainda um sentimento profundo porque eu ainda não tava conhecendo. Era tudo de fora pra dentro, e não de dentro pra fora. (IDANÇANET, 2002, 09:02' até 09:24', grifo nosso)

Em artigo sobre a Metodologia da Conscientização do Movimento de Angel Vianna, a autora e professora da faculdade de Dança da UFRJ Letícia Teixeira – que

também já lecionou na FAV<sup>9</sup> - elucida que a técnica corporal não deve representar um fim em si mesma, mas sim, enquanto instrumento de ativação e aprimoramento do corpo (TEIXEIRA; CALAZANS, CASTILHO, GOMES, 2008, p.71).

É possível perceber, então, que as técnicas utilizadas enquanto recurso no campo da consciência corporal, não representam meramente um conjunto de aprendizados que se bastam ao serem adquiridos. Tratam-se de um meios para subsidiar a busca por um fim que é, na verdade, o refinamento da consciência:

A linguagem, ou melhor, o modo de atuar da Conscientização do Movimento deve possibilitar ao corpo a capacidade de reflexão, para que possa refletir não as regras estipuladas para serem obedecidas, mas a compreensão de suas relações e de como elas se processam na dinâmica da vida. Só assim cada um poderá bastar-se a si mesmo e refletir as possibilidades da própria existência por meio da consciência e da percepção, dois focos essenciais para o entendimento da abordagem de Angel. (idem, p.71).

Além disso, os processos de investigação corporal não se atém, somente, a uma consciência individual restrita a subjetividades isoladas. Nesse sentido, a autora Maria Helena Imbassaí, também professora da Faculdade Angel Vianna discorre:

O despertar da SENSIBILIDADE e a tomada de CONSCIÊNCIA das conexões entre os segmentos permitem apreender a estrutura corporal como um todo, uma unidade funcionalmente integrada cuja projeção ocupa o espaço. A partir dessa percepção – individual – é possível perceber que outras estruturas, outros corpos, outras pessoas também se movem e, mais que isso, inter-relacionam-se. A observação desse fenômeno intercambial favorece a tomada de consciência do(s) outro(s), incluindo-os num corpo de limites invisíveis a ser compartilhado por todos: o corpo social. A resultante é a integração entre os universos individual e coletivo, o que confere à conscientização corporal uma dimensão mais ampla que a de um simples trabalho com o corpo. (IMBASSAÍ; CALAZANS, CASTILHO, GOMES, 2008, p.56).

Desta forma, a metodologia elaborada por Angel Vianna se coloca frente a intervenção sob circunstâncias e objetividades que impedem o desenvolvimento da consciência humana em nível psicológico e físico, tendo em vista que Angel representa uma pesquisadora na busca de elementos de mudança que se deparam com um movimento de ruptura com os dogmatismos restritivos. (RAMOS, 2007, p.22)

---

<sup>9</sup> Faculdade Angel Vianna.

Sua elaboração técnica se relaciona intimamente com o desenvolvimento da capacidade sensorial através do estímulo perceptivo dos cinco sentidos (idem, p.23). Tal prática, também realizada por Klauss Vianna, denuncia que se a busca é por uma atenção, consciência e aprofundamento nos cinco sentidos, há, de alguma forma, uma força externa ao ser social que o convida a se desligar do contato com seus próprios sentidos. Não se trata, aqui, de uma força mística ou algo relacionado, mas sim, um conjunto de engendramentos colocados no cotidiano dos sujeitos sociais e que é capaz de nos atingir em nível coletivo. Tal constatação transcende a barreira da individualidade e, até mesmo, da escolha pela automatização.

Tanto Angel quanto Klauss Vianna trazem contribuições de extrema importância no que se refere em focalizar o caráter emancipatório de suas técnicas, enquanto instrumentos capazes de conduzir os seres humanos a uma apropriação de suas próprias subjetividades e presenças objetivas no cenário que habitam.

Em muitas passagens sobre o trabalho dos preparadores corporais, há diversas alusões críticas a conjuntura manifestamente alienante sob corpos que habitam o chão social. Ramos elucidada, inclusive, que para o trabalho de Angel, há uma importância significativa na busca pela espontaneidade, perdida durante a vida, de modo a oferecer subsídios para nos depararmos com movimentos esquecidos e a descoberta de novos (idem, p.34).

Klauss e Angel cumpriram com êxito e louvor o que se propunham a desenvolver: uma investigação acerca do corpo, do movimento, das potências humanas, da ampliação das dimensões dos sentidos. Estudaram anatomia, fisiologia, cinesiologia, elaboraram atividades práticas, criativas, fundaram escolas, desenvolveram metodologias, somaram no aspecto da criticidade em um cenário pouco expressivo no que tange ao corpo pensante e até hoje a expressão de seus esforços reverbera de maneira intensa através de seus alunos, professores, teóricos, pesquisadores e, inclusive, da própria Angel Vianna que continua atuando enquanto professora, pesquisadora, preparadora corporal, bailarina, artista e atriz com 91 anos de idade.

#### 4 ESTUDO DE CAMPO REALIZADO EM AULAS DE DANÇA

Atualmente o cenário da dança se configura de uma maneira muito semelhante ao que o autor Klauss Vianna mencionou em seu livro: diversas situações que refletem a ausência de presença e consciência durante as práticas, competições, e limitações advindas da sociabilidade que está inscrita nos comportamentos e ações dos sujeitos que figuram enquanto alunos, alunas e, inclusive dos profissionais que lecionam as aulas (2005, p.32).

É majoritária a concepção que situa a técnica como a finalidade central das aulas de dança. Há uma distorção no entendimento que compreende a dança como uma expressão da personalidade em que utilização da técnica representa uma instrumentalidade para que se possa atingir esse estado. Inclusive, os aspectos emocionais e expressivos figuram como a principal intenção que motiva a busca das aulas pelos alunos e alunas.

Com as influências advindas da distorção que compreende a técnica como um fim em si mesmo, há uma grande repercussão sobre o fator que motiva a busca por começar a dançar. Porém, mesmo havendo uma vontade em realizar perfeitamente uma técnica para ter algo em troca diante desse “talento”, ainda assim reside uma projeção do próprio “bem estar”, da auto estima e de questões fundamentalmente ligadas a expressões da individualidade.

Entretanto, a técnica sendo posta como um objetivo final, desvia o caminho que conduziria a um desenvolvimento de uma autenticidade própria, com características singulares daquele sujeito que se submete ao ensino. Não é absoluto que isso ocorra, porém as técnicas se constituem através de códigos homogêneo que, ao serem trazidos ao corpo como um novo sistema - que também condiciona a partir de um novo esquema motor - desconsideram as particulares anatômicas, fisiológicas, psicológicas e agem como uma filtragem que exclui a possibilidade de diversas pessoas dançarem.

Compreendemos a técnica como uma linguagem, e que assim como qualquer idioma novo com o qual se tem contato, são aprendidos códigos e maneiras de expressão para que algo seja expressado através dessa forma de comunicação, sendo verbal ou motor. Assim, ao entender esse código comunicativo a partir de uma

perspectiva meramente mecânica e isenta de quaisquer reflexões mais depuradas, o resultado disso tende a espelhar os condicionamentos que os alunos e alunas enquanto sujeitos sociais são expostos cotidianamente como, por exemplo, o perfeccionismo, a eficiência e a competição, tendo em vista que a sala de aula não é um território alheio ao chão social capitalista. Nesse sentido, o esvaziamento expressivo se encontra presente de modo latente nos dias atuais, considerando que aqueles sujeitos se mantêm estranhos a si mesmos, diante de aulas e métodos que não proporcionam instrumentos de propriocepção e consciência.

Quando o contato com uma técnica é proporcionado sob a forma de caminhos para expressões subjetivas, é possível fornecer instrumentos aos alunos para que tomem consciência dos processos de estranhamento em que se encontram submetidos diante da sociabilidade do capital e que repercutem sob suas dimensões corporais.

#### 4.1 TÉCNICA UTILIZADA PELA AUTORA

Inicio este item em primeira pessoa para narrar a trajetória profissional que atuo desde o ano de 2011. Tive contato com a dança a partir dos cinco anos, há vinte e um anos me mantenho nessa atividade enquanto aluna e há oito anos enquanto professora. Tive contato com aulas de ballet clássico, dança oriental árabe, jazz, dança contemporânea, flamenco e, finalmente, a modalidade que leciono que é o *tribal fusion*. Além disso, conclui em 26 de julho do presente ano a pós graduação em conscientização do movimento e jogos corporais (Metodologia Angel Vianna) que modificou de maneira substancial minha maneira de lecionar a técnica de dança que atuo.

O *tribal fusion* é uma dança étnica contemporânea, ainda em desenvolvimento de seus contornos e estruturas, que passa por um processo de assimilação dos próprios professores que a ensinam, mas que, além disso, há um fundamento histórico-social que permeia o surgimento desse estilo. No cenário das técnicas de dança, de uma maneira geral, há um afastamento da historicidade e dos fundamentos

expressivos que constituem o surgimento de tais linguagens. Na área do *tribal fusion*, não é diferente.

Todavia, busquei desenvolver uma estruturação metodológica que abrangesse tais elementos junto a formação que obtive nas práticas somáticas a partir do contato com a metodologia do trabalho de Angel Vianna, uma das profissionais descritas no capítulo anterior.

Início este relato partindo dos fundamentos históricos e sociais que constituem a linguagem técnica que utilizo em minha prática profissional para, em seguida, contextualizar com a conjuntura atual de sua aplicação e manifestações artísticas. Após traçar esse quadro, demonstrarei a relação dos elementos trazidos pela técnica com a defesa de que essa linguagem artística representa um instrumento efetivo no desestranhamento corporal. Finalizo ilustrando o relato de uma das aulas que desenvolvo, descrevendo como é a execução de uma aula de dança com tal abordagem e de que maneira há uma possibilidade de vislumbrar nesse campo uma potência de desenvolvimento das personalidades junto a tomada de consciência sobre o próprio corpo.

#### **4.1.1 Histórico da técnica**

Inicialmente, é importante salientar que por se tratar de uma técnica com formação recente, as fontes desse item foram retiradas de blogs e sites onde se localizam quase todos os conteúdos produzidos pelos próprios profissionais da área. Há uma escassez significativa de fontes bibliográficas descrevendo a historicidade de forma detalhada, como podem ser encontrados nos *sites*. Há poucas produções textuais acerca do *tribal fusion*, mas de acordo com a pretensão desse item, há uma relevância expressiva nas informações localizadas nos domínios [www.blogcampodastribos.blogspot.com](http://www.blogcampodastribos.blogspot.com), [www.aerithtribalfusion.blogspot.com](http://www.aerithtribalfusion.blogspot.com) e [www.congressotribal.com](http://www.congressotribal.com). Dessa forma, a construção textual ocorreu com os conhecimentos advindos da prática profissional, presentes nas experiências de eventos do estilo e através das referências online que serão constadas ao fim do trabalho.

Conforme tais referências, junto ao aprendizado adquirido na prática profissional, início tratando a respeito de seu surgimento que ocorre na cidade de São Francisco no estado da Califórnia (EUA) nos anos 90, em um momento precedido por diversos fatores que constituíram seu processo de formação. Através de uma professora de dança oriental árabe – dança do ventre – chamada Jamila Salimpour, o contexto norte-americano pôde ter contato com elementos que ultrapassavam os estereótipos que versavam sobre a dança do ventre no ocidente na década de 60. Jamila conviveu com seu pai que trabalhou na marinha e em países como Egito, Tunísia e Síria, momento em que teve a oportunidade de vê-lo reproduzir alguns movimentos de dança que aprendeu nessas regiões.

Além do pai, Jamila teve contato com a senhoria de sua residência que era Armena e, ao reconhecer seus talentos e interesse pela dança oriental, levou-a para dançar em festas e eventos. Com sua inserção definitiva no mundo da dança naquele contexto, Jamila passou a se apresentar em um local chamado *Cabareth Bagdá* da Broadway, onde teve contato com muitos imigrantes orientais que puderam compartilhar com ela seus conhecimentos.

Desta maneira, Jamila foi uma das grandes responsáveis por trazer para o mundo ocidental uma dança do ventre que ultrapassava os estereótipos mercadológicos e que, de fato, condizia com suas bases e diversidades regionais, tendo formado um grupo chamado *Bal Anat*, que significa Dança da Deusa Mãe. Através dele, se apresentava com seus alunos e alunas em um contexto muito propício para o desenvolvimento de uma compreensão mais autêntica e genuína da amplitude existente ao se falar em dança oriental árabe: na chamada *Renaissance Fair*.

Na Feira da Renascença, Jamilla apresentou-se com seu grupo e trouxe diversos elementos teatrais e circenses junto a dança, de modo a compor a cênica com sua outra experiência corporal que foi vivenciada em sua juventude aos dezesseis anos, quando trabalhou no famoso *Ringling Brothers Circus* e pôde realizar números que envolviam, inclusive, um elefante.

Jamilla incluiu nas performances muitos passos folclóricos de diversas regiões orientais e também introduziu espadas, máscaras e cobras nas performances. Além disso, contava com a participação de números de mágica, acrobacias e de seus

alunos e alunas. A utilização de música gravada nesse evento não era permitida, sendo requisito de participação uma sonoridade ao vivo, momento em que introduziu a participação de músicos no palco junto as danças.

Assim, Jamila foi dando uma faceta a dança oriental muito distinta da que era predominante naquele momento nos Estados Unidos da América, tendo em vista que a conjuntura do mercado da dança possuía um predomínio de modelos estéticos com padrões de comportamento e beleza sobre o corpo da bailarina. Com tais “inovações” que, na verdade, resgatavam o fundamento daquelas manifestações artísticas, suas alunas continuaram a desenvolver um trabalho nessa perspectiva.

Nesse sentido, uma de suas alunas chamada Masha Archer optou por seguir os passos de Jamila e também se tornar professora de Dança do Ventre. Todavia, seus interesses eram diferentes e atuava de uma forma crítica diante da valorização da bailarina enquanto artista e mulher. Teve grande influência no que toca ao combate de estereótipos de gênero durante esse período que, agora, finalizava a década de 60 e iniciavam os anos 70.

Objetivamente, Masha fez algumas alterações na maneira como a dança era realizada, a fim de enaltecer a execução artística e desviar as tendências de rebaixamento da bailarina a uma forma de erotização, na qual muitas eram submetidas através do mercado que distorcia o fundamento da dança para uma finalidade meramente de entretenimento, principalmente direcionando para o público masculino. As mudanças aplicadas por Masha refletiram nos figurinos e também na dinâmica dos movimentos, como por exemplo a utilização de calça debaixo das saias para que o corpo da bailarina não fosse exposto em movimentações como de giros; introduziu os turbantes orientais; aplicou o uso do *choli* que é um bustiê mais coberto, advindo com inspiração dos figurinos da dança indiana; retirou movimentações que ocorriam no chão, justamente porque as bailarinas dançavam em locais que quando essa dinâmica de palco e performance acontecia, os olhares projetados sobre elas eram munidos de distorção e inferiorização. Masha pôde desenvolver tais aspectos em seu grupo de dança chamado *San Francisco Classic Dance*.

Desta forma, Masha Archer trouxe muitas contribuições de modificações que repercutiram naquele momento contextual. Contudo, ao intitular seu trabalho como Dança do Ventre, viveu situações de conflito com os árabes residentes nos Estados

Unidos devido ao fato de estar realizando muitas alterações que estavam respondendo a conjuntura dos questionamentos históricos e sociais do momento e do território em que desenvolvia seu trabalho.

A partir de um determinado momento, Masha começa a se posicionar frente a postura de “guardiões” a qual os árabes se colocavam com relação a dança do ventre, desconsiderando seu trabalho por entenderem como um certo desrespeito da herança cultural oriental. Masha estava firmemente convicta de que mesmo que a dança do ventre não fosse uma expressão corporal fruto de sua nacionalidade, ela estaria realizando ações de modo a valorizar o corpo das mulheres que iam para a cena. Assim, ao contrário do que queriam os árabes que se reivindicavam como “guardiões” desse aspecto, ela permaneceu atuando, independentemente de haver uma aprovação, pois como ela mesma se referia, seus atos eram “julgados por si mesma” como necessários e respeitosos com a mulher e a dança. Assim, Masha Archer caminharia nesse sentido crítico proporcionando uma ênfase bem predominante no que se refere a particularidade do sujeito que dança que naquele momento, eram majoritariamente mulheres.

Em seguida, assim como foi o processo de Jamila Salimpour em sua transmissão de influência para Masha Archer, uma de suas alunas, chamada Carolena Nericcio, resolve dar continuidade e aprofundar esse processo de discussão e de formulação de pensamento crítico sobre o que era essa dança que estava sendo realizada. Diferentemente de sua professora, Carolena resolve organizar uma metodologia e fundar um estilo com um nome próprio e munido de autonomia frente aos questionamentos de apropriação cultural que recebeu dos árabes. Sistematiza uma técnica que seria fruto de todos esses processos e que já estavam recebendo influência de outras linguagens culturais que não mais as árabes. Assim, uma nova expressão corporal sob a forma de arte acabava de insurgir no cenário da cidade de São Francisco na Califórnia na década de 80: o chamado *American Tribal Style*.

O ATS<sup>10</sup> que marca em seu próprio nome a legitimidade territorial, afastando qualquer acusação de apropriação de outra cultura, marcou, também, que a técnica estava sendo desenvolvida na América, especificamente na região norte americana. Além disso, a palavra *tribal* foi trazida porque naquele momento as influências étnicas

---

<sup>10</sup> Abreviatura utilizada para referir ao estilo.

foram constitutivas para a composição homogênea dos movimentos, como do flamenco, da dança do ventre, da dança indiana e dos folclores árabes. A palavra *style* se insere para marcar um estilo novo que, inclusive, foi registrado com direitos autorais por Carolena e que hoje é uma técnica sistematizada com sua própria estrutura de formação de profissionais.

A partir desse momento em que Carolena regulamenta o que seria essa nova técnica, uma nova estruturação corporal também se transmite. Várias incorporações estilísticas são trazidas para esse estilo, como mencionado anteriormente sob a forma de uma dança que deve ocorrer em grupo a partir de uma forma de dançar baseada em um improviso coordenado.

Nesse sentido, a técnica de improvisação coordenada conta com senhas, através de movimentos que funcionam como sinais em que o grupo que dança, conhecendo quais são os significados, identificam quais passos serão desencadeados. Assim, o ATS passou a operar como um instrumento para promover a união de pessoas que, mesmo não se conhecendo, ou até não sabendo falar o mesmo idioma, saberiam se comunicar a partir de uma linguagem que se expressa pelo corpo.

Os movimentos criados contém a dança oriental árabe, principalmente através da região pélvica nas movimentações sinuosas de quadril e a postura e os movimentos de braço fazendo referência a força e a altivez do flamenco. Há, também, algumas referências a dança indiana como nos giros, figurinos e algumas movimentações como o *Puja*, que é uma espécie de rito realizado antes ou ao final de uma determinada performance com sinais feitos com as mãos que expressam agradecimentos ao grupo, aos professores, a sua própria sabedoria interna, ao local em que se dança, etc. Na escolha do repertório musical há influências do folclore árabe, utilizando canções típicas da África do Norte e do Oriente Médio. A influência folclórica também está contida no chamado *dress code* (regramento referente ao figurino utilizado para dançar).

A partir daí, resultou-se uma homogeneidade para a transmissão dessa técnica, que apesar de receber intersecções étnicas diferentes, possui uma estética que abrange tais aspectos como partes integrantes de um todo.

O ATS surge oficialmente no ano de 1987 quando Carolena Nericcio fundou seu grupo de dança denominado *Fat Chance Belly Dance*, que traduzindo para a língua portuguesa significa uma expressão que contém uma resposta ao cenário de desvalorização da mulher e redução da bailarina a aspectos de erotização para atender aos desejos individuais dos homens. O termo *fat chance* é uma expressão idiomática que poderia ser comparada a algo como “sem chance”, “de jeito nenhum”. Assim, o nome era a resposta no sentido de dizer “sem chance que vou fazer uma dança particular para você”.

Diante do surgimento desse novo estilo, consecutivamente, uma bailarina que foi aluna de Carolena, chamada Jill Parker, sai do grupo de sua professora e cria uma companhia de dança chamada *Ultra Gypsy*, onde vários passos de ATS passariam a ser incorporados com outras possibilidades estilísticas como o *cabaret* e a dança burlesca. Além disso, nesse momento cada aluna poderia trazer sua própria referência para construir performances que poderiam ser dançadas individualmente e que refletissem suas diferentes personalidades.

Assim, diversas bailarinas que tomaram contato com essa nova perspectiva, resolveram desenvolver os seus estilos pessoais, recebendo os influxos da técnica do ATS como uma base motora e transmitindo a partir do que os seus conteúdos subjetivos achassem interessante de imprimir conjuntamente, tendo em vista que os regramentos do ATS foram desenvolvidos para se dançar em grupo e seguindo os sinais que foram criado por Carolena Nericcio. Uma nova possibilidade de desenvolvimento de uma expressão artística individual começava a surgir.

Rachel Brice, bailarina que foi aluna de Jill Parker e também dançou na companhia *Ultra Gypsy*, teve grande expressão nesse novo caminhar da dança em São Francisco por diversos aspectos. O primeiro deles diz respeito ao nome da nova linguagem expressiva, pois em uma conversa com Carolena Nericcio, falavam sobre essa inovação a partir de fusões que não eram puramente dança do ventre nem tampouco, ATS, tendo em vista toda a desconfiguração que estava sendo impressa no contexto da performance, dos movimentos e, também, dos figurinos. Assim, a nomenclatura *Tribal Fusion* vem à tona definindo o que viria a se tornar a fusão entre o ATS e qualquer outro elemento que a bailarina quisesse trazer junto com sua performance.

O segundo aspecto acerca da importância de Rachel Brice na constituição do *tribal fusion* foi a grande difusão que promoveu desse novo estilo através de um grupo que integrava chamado *Belly Dance Superstars*, que ficou mundialmente conhecido por apresentar performances de dança do ventre e *tribal fusion*, sendo que nesse último estilo, Rachel dirigia as composições.

Diante disso, a propagação do estilo ultrapassou as fronteiras da Califórnia e chegou a diversos países onde foi desenvolvido, tendo a raiz norte americana como fundadora.

#### **4.1.2 Conjuntura atual da técnica**

No Brasil, o *Tribal Fusion*, que também é conhecido como uma dança étnica contemporânea, chegou no início dos anos 2000 a partir de vídeos, DVDs didáticos e por meio de bailarina que tiveram a oportunidade de viajar e estudar diretamente com as professoras da Califórnia.

Quando iniciei os estudos e, em seguida, comecei a ensinar o estilo, atuava com uma abordagem que se pautava em muitas dinâmicas para proporcionar ferramentas de consciência corporal, tendo em vista a complexidade para a execução dos movimentos presentes nessa linguagem que é demasiadamente densa para ser trazida de maneira simplista perante corpos que mal se espreguiçam ao acordar.

Ao longo dos anos de sala de aula, sempre foi muito perceptível uma grande dificuldade em minhas alunas na execução as posturas altivas, os movimentos sinuosos de quadril e, principalmente, uma expressão autêntica nas performances. Junto a isso, um sintoma de frustração também era muito recorrente, diante das ansiedades e do afastamento de uma atitude de paciência com um ritmo de aprendizado orgânico, que por vezes irá se estender durante anos.

Diversas escolas trabalham a partir de níveis técnicos para nomear as turmas que a cada ano avançam uma etapa (ex.: Iniciante, Básico, Intermediário, Avançado e Profissional). Entretanto, percebia que tais critérios eram muito relativos, tendo em vista que uma aluna que faz aula há cinco anos, pode ter dificuldades talvez já superadas por outra que faz aula há seis meses.

Diante disso e da experiência acadêmica advinda das ciências sociais aplicadas, percebi que ensinava uma dança que é atravessada por questões sociais com uma grande complexidade que, quando compreendida, é capaz de trazer alento e consciência para alunas que se sentem, por diversas vezes, frustradas pela dificuldade de apropriação dessa estética.

O processo de surgimento do Tribal Fusion representa uma série de intersecções de fatores sociais que devem ser refletidos com bastante detalhe e minúcia, onde visualizo um caminho frente a instrumentos que podem proporcionar um desenvolvimento autêntico da personalidade através da dança e, ao mesmo tempo, um desestranhamento de elementos tocantes a questão da consciência sobre a dimensão corporal humana.

A própria nomenclatura “técnica” é uma questão complexa ao se referir a essa dança, tendo em vista a recente formação e os diversos entendimentos compartilhados, que também são dissonante entre os profissionais que trabalham na área.

Trabalhar com essa dança, particularmente, é um grande desafio para mulheres brasileiras e latino americanas, porque ao se falar em dançar *Tribal Fusion*, nos confrontamos com dois grandes desafios: o primeiro é trazer o ATS e toda a sua miscelânea de culturas distintas da nossa como base para o desenvolvimento da fusão, tendo em vista uma dificuldade básica de reconhecimento da própria formação social que os sujeitos sociais possuem. O segundo é a escolha do que se deseja imprimir de sua identidade subjetiva, diante de uma sociabilidade em que os indivíduos desconhecem a potência do próprio gênero em face de um condicionamento a respostas que sejam correspondentes a sua dimensão útil em sociedade.

#### 4.2 A TÉCNICA APLICADA AO CORPO CONTEMPORÂNEO

Ensinar essa técnica do ATS como base para acessar a expressividade do *tribal fusion*, não se trata somente de pensar em um alicerce para que a fusão ocorra, mas sim, ensinar uma linguagem artística que foi constituída por outras danças que

contavam com um corpo sociabilizado a partir de processos muito distintos daqueles que os sujeitos sociais brasileiros vivenciam contemporaneamente e que são particulares sob a ótica de nossa formação social heterogênea, inclusive, em nossas específicas regionalidades.

Assim, é preciso analisar com minúcia o que é o *American Tribal Style* a partir de uma perspectiva social, por ser uma dança que requer uma homogeneidade que sintetize a intersecção de diversas etnias diferentes e que se inter-relacionam com os processos sociais que constituem o corpo de quem dança.

#### **4.2.1 Cintura pélvica versus corpo “bloqueado” e tensionado**

Os movimentos sinuosos realizados a partir da cintura pélvica no ATS são derivados da dança oriental árabe, como dito anteriormente. Essa dança surge a partir de uma prática ritualística no Egito antigo e de seus respectivos sujeitos sociais – mulheres – onde os movimentos sinuosos executados a partir do ventre feminino eram muito associados a uma conexão com a feminilidade e, também, ao culto a gestação e a capacidade fértil da mulher, remetendo, inclusive a divindades como a da Deusa Ísis.

Com o passar do tempo, os movimentos foram mantidos, mas a finalidade de execução foi desviada para atender a demandas trazidas pela abertura do mercado internacional que associava a dança oriental com um estereótipo de sexualidade distorcido pela erotização que respondia as carências humanas refletidas no âmbito do desejo. Tais expectativas não giravam em torno de um desenvolvimento sobre o que é o aspecto da sexualidade humana em um sentido qualitativo para o aprofundamento da sensorialidade, mas sim, diante de aspectos estereotipados e que ocultam até os dias atuais as dimensões complexas dos indivíduos.

Nesse sentido, com a manutenção dos movimentos somados a distorção dos fundamentos da execução que inauguraram essa base motora, resultam-se muitos anos de ação desatrelada da consciência originária e que dá sentido aquela motricidade, tornando ainda mais desafiadora a aproximação desse estilo no que toca a sua gênese expressiva.

Ao se falar em utilizar uma técnica para acessar uma expressividade, é como dizer sobre executar determinados movimentos ativando os padrões comportamentais que fomentaram a origem dessa motricidade. Obviamente, é possível associar movimentos a outras intencionalidades, mas na situação em questão, o ATS possui fundamentos originários que se comunicam com a genealogia da dança do ventre no que toca ao domínio da região corporal no sentido de utilização como potência corporal.

Assim, trazendo a execução das sinuosidades da bacia para a motricidade contemporânea brasileira, há diversas contradições: ainda que o Brasil seja considerado o “país do samba” e com uma propaganda relativa as mulheres que não corresponde a totalidade de personalidades existentes, a experiência profissional que tenho desde o ano de 2011 com mulheres de Juiz de Fora (MG) demonstra que existe uma grande dificuldade na execução de tais movimentos.

Apesar dos movimentos de quadril da dança do ventre terem surgido através de fundamentos que se relacionam a questão da gestação, feminilidade e fertilidade, também surgiram diante do desenvolvimento de uma sensualidade derivada dessa região, no sentido de conectar a mulher com elementos tocantes a sua potência enquanto gênero feminino. Assim, transpondo tais fundamentos a corpos latino americanos, que estão diante de inúmeros estereótipos culturais e históricos, que a nível de mercado se apresentam com uma grande distorção no tocante a sexualidade, é possível nos depararmos com inúmeros bloqueios motores fazendo com que a execução dessa técnica seja realizada com muitas dificuldades.

Pude perceber, também, que durante algumas observações e relatos, tais bloqueios derivam, por vezes, do “encaixotamento” a que o corpo é submetido nos hábitos motores cotidianos: diariamente o sujeito social, ao despertar, tem sua dinâmica de trabalho que exige um corpo que se movimenta através do transporte público, a partir da pressa, de demandas corpóreas que não se relacionam com uma amplitude e uma magnitude maior de possibilidades motoras, mas sim, uma utilização otimizada de como se movimentar de uma maneira onde não haja necessidade de complexificação motora. O esquema corporal se configura pela via da automação para que as movimentações se desenvolvam no espaço de maneiras uniformizadas.

Os sujeitos sociais não articulam a cintura pélvica num sentido de exploração das diversas possibilidades motoras que essa região corporal pode proporcionar a nível sensível. A pelve está sempre verticalizada, marchando num sentido direcional único. Os momentos em que a pelve é estimulada a fazer uma outra movimentação se dão em raras oportunidades de ter um contato com práticas corporais e atividades físicas, ou então pela via sexual que também é um terreno extremamente cercado de manifestações de reificações e estranhamentos.

Nesse sentido, é importante frisar que a formação social brasileira passou por particularidades constitutivas advindas da sociabilidade do capitalismo particular do Brasil e, também, de outros efeitos estruturais que se articulam com esse modo de produção, como é o caso do sistema patriarcal que também recebe contornos particulares. Assim, as questões que tocam ao distanciamento da região pélvica são ocasionados, também, pelo fator dos *tabus* e estereótipos acerca da sexualidade a que a mulher encontra-se submetida cotidianamente.

A cintura pélvica se localiza em um corpo “bloqueado” que é conduzido a corresponder a funções úteis diante da produção de valor. Entretanto, é uma região especificamente relacionada a elementos que remetem ao prazer, que por vezes são pouco explorados e, até mesmo, considerados proibidos, pois se trata de uma satisfação individual de um corpo desabilitado no sentido sensorial e condicionado aos fins da produção.

Dessa forma, o estímulo de movimentações e o desenvolvimento criativo da motricidade pélvica, também se relaciona com uma permissividade para realizar tais movimentações diante de um bloqueio presente nessa região do corpo, que recebe tensionamentos relacionados a conceitos morais que limitam a exploração de dinâmicas motoras.

Assim, a transmissão dessa técnica passa por uma compreensão da relação humana com a região corporal em questão e quais são as limitações que influenciam diretamente na anatomia, gerando estágios de perda de sensibilidade, desvios estruturais, encurtamento muscular ou, até mesmo, tensões agudas. Ensinar tais movimentos associados a intenção originária e constitutiva da expressão corporal árabe é propor uma conscientização, também, sobre a própria formação social das pessoas que estão em contato com a técnica. Não se trata, somente, de executar um

movimento a partir de repetições, que podem ser infrutíferas se não forem sustentadas por uma intenção coerente com a movimentação.

É importante enfatizar, novamente, que a dimensão útil do corpo humano não é algo que entendemos que deva ser combatida, mas sim, entendida como parte de uma totalidade que na sociabilidade do capital é posta como única alternativa de adaptabilidade e sobrevivência. Os indivíduos são permeados de emoções e peculiaridades que dizem respeito a suas personalidades que, submetidas e constituídas na sociabilidade vigente, não vislumbram facilmente possibilidades de serem desenvolvidas diante do aniquilamento de uma existência sensível imposto pelo capital.

Assim, por mais que um movimento seja compreendido e executado pelo aluno ou aluna de uma forma visualmente correta, é importante observar se é executado de uma forma automática ou se há uma projeção de intenção, que será responsável por transmitir uma carga de comunicação expressiva a partir desse movimento. Dessa forma, é fundamental frisar que aptidão para realização de um movimento não é compreendida aqui como sinônimo de consciência corporal ou consciência de realização do movimento, porque a mera execução mecânica pode refletir estágios de desatenção, desconhecimento e ausência de carga expressiva justaposta à forma.

Junto a isso, percebo no processo de aprendizagem das alunas que a manutenção da execução da forma, ainda que atingida a partir de uma aptidão mecânica, não se faz constante sem a intencionalidade para realizar um determinado movimento, pois durante a execução, é comum que diversas condições corporais cotidianas venham a tona quando o corpo se desconcentra das movimentações artificialmente executadas. Um exemplo para ilustrar essa situação ocorre, principalmente, nas movimentações dos membros superiores, tendo em vista que visualmente, a moldura dos movimentos de ATS se estabelece nas regiões dos braços e postura: quando se requisita uma execução meramente mecânica de uma estruturação alta de braços, com projeção de cotovelos e esterno, mesmo que a aluna consiga se ajustar no desenho do movimento, é recorrente que tal postura se desfaça ao longo da dança, caso não haja uma internalização sensível que a acione nos momentos em que a atenção motora divide espaço com a evocação de emoções.

Assim, é possível perceber a complexidade que se desenvolve em executar um movimento técnico e qual a repercussão que podem ser trabalhadas em sala de aula quando atreladas a um processo de consciência e desestranhamento, como busco propor na metodologia que desenvolvo. A seguir, veremos a problemática entorno da base motora advinda do flamenco e seus efeitos na região dos membros superiores e cintura escapular.

#### **4.2.2 Cintura escapular e membros superiores versus vulnerabilidades**

Ao falar sobre a cintura escapular e membros superiores no ATS, é preciso apontar que tais movimentos são advindos da dança flamenca, onde resultam em uma estética que expressa a projeção de uma postura altiva, com o tórax expandido e a movimentação de braços e mãos com uma característica de sustentação tônica bem acentuada.

Ao resgatar os fundamentos expressivos dessa movimentação e sua constituição enquanto expressão corporal é necessário explanar sua historicidade: o flamenco foi resultado de danças folclóricas com influências judaicas, ciganas e árabes. Teve seu despontar na região de Andaluzia na Espanha e junto a cantos, sapateados e instrumentos, a expressão era marcada por extrema profundidade emocional, força, resistência, auto confiança. Até mesmo nos momentos em que se expressava dor, estes eram narrados com muita entrega e emocionalidade.

O flamenco é uma dança que não foge a exposição de emoções, sejam elas como forem. Depara-se com a distorção de tais elementos que são entendidos como vulnerabilidades, transformando sua exposição em uma construção de força para quem interpreta. As emoções profundas constituem o combustível que fundamenta uma performance de flamenco e que, antes de se tornar uma estética artística, era a expressão de pessoas que encontravam nesta manifestação corporal e musical, um caminho para debulharem seus sentimentos de maneira muito intensa. A estética flamenca exprime força a partir do que, contemporaneamente, após anos de condicionamento ao afastamento da dimensão sensível humana, concebemos como fraqueza.

Ao trazer essa métrica para um corpo contemporâneo no cenário territorial que atuo profissionalmente, é recorrente haver muita dificuldade na execução. Diante de um cotidiano que renega a insurgência das emoções profundas, os sujeitos sociais acabam por se distanciarem dessa dimensão e buscam anestesiamentos que os embalem nas engrenagens dos caminhos que possibilitam uma eficiência de uma constituição corporal que terá uma utilidade social, como recorrendo ao uso de remédios ou até mesmo o contato com conteúdos motivacionais e de auto-ajuda que pautam um discurso de positividade distorcido.

Como dito no capítulo anterior ao tratar sobre a dimensão útil do corpo, é possível evidenciar que não há espaço para a infelicidade, incômodos ou tristezas na sociabilidade do capital. Por outro lado, vale frisar, também, que a dimensão sensível dos sujeitos sociais não se reduz apenas aos lamentos guardados e não expressados. Diante de um não desenvolvimento das aptidões para manejar sentimentos, o corpo humano foi se adaptando para ser percebido de uma forma socialmente determinada, tendo em vista que mesmo frente a uma demanda de utilidade que reduz a humanidade a maquinários eficientes, o substrato subjetivo sensível permanece coexistindo, ainda que sufocado.

A maneira de manifestar as dimensões sensório perceptivas resultam em caminhos drásticos que o corpo ajustou-se para expressar: como é preciso atender a comportamentos úteis e eficientes, as emoções que não se relacionam a essa demanda acabam por serem ocultadas recorrentemente e passam a terem seu sufocamento convertido em dores e adoecimentos, que têm operado como âncoras que aportam o ritmo desumanizado pela sociabilidade do capital.

Desta forma, os sintomas que antecedem a paralisação dos sujeitos frente ao esgotamento dos recursos que possuem para perceberem as próprias demandas subjetivas junto ao campo emocional, são refletidos no invólucro que sustenta todas essas contradições orgânicas: o corpo. Por diversas vezes é possível perceber o peso da existência do cotidiano nos ombros rebaixados, a saturação de utilização da estrutura corporal e a dificuldade de atingir um nível de descanso a partir de dores na coluna, a falta de perspectiva futura nos olhares projetados ao chão, etc.

Assim, trazer a técnica flamenca para um corpo que encontra-se extremamente distante da intenção em que os movimentos foram originalmente gestados nessa

dança, é proporcionar, também, um confronto com uma nova perspectiva de relacionamento com as emoções que permeiam a subjetividade e oferecimento de uma nova maneira de conceber o que entendemos por vulnerabilidade, transformando-a em potência de desenvolvimento da personalidade humana, preterida e limada das condições de sociabilidade engendradas pelo modo de produção capitalista onde se manifesta a categoria do estranhamento, também nesses aspectos.

#### **4.2.3 Improvisação coordenada e senhas motoras versus objetividade cotidiana**

Ao tratar sobre as codificações que possibilitam a comunicação em grupo no ATS, estas são realizadas a partir de sinais feitos com as mãos – principalmente - mas que também podem ser executados a partir de outros membros. Há uma sequência de sinais, advinda da dança indiana, denominada *Puja*. É realizado antes ou depois de alguma performance, bem como em momentos que se busca alcançar uma concentração para dançar.

Para além dos sinais com mãos, que na dança indiana possuem uma presença bastante marcante através dos chamados *mudras*, a influência dessa dança também se imprime nos giros e figurinos do ATS.

Trazendo a aproximação da influência da dança indiana e da motricidade associada a uma estética específica, a significação gestual, ao gerar um código de conduta para que essa dança ocorra, propõe ações que tocam em estimulações cognitivas bastante distintas daquelas vivenciadas cotidianamente, principalmente se considerarmos que os sinais refletem não só comandos motores, mas, também, sentimentos: na realização do *Puja*, por exemplo, a movimentação inicia-se a partir das mãos encontradas em frente ao peito e cada mão, direita e esquerda – nessa ordem – irá ser direcionada para fora e retornando ao centro como forma de saudação ao espaço onde se dança. Em seguida duas mãos sobem ao topo da cabeça e realizam um giro com os pulsos onde tal movimento é associado a figura de uma flor de lótus, sendo importante considerar que a dança indiana possui estreita relação com as linguagens espiritualistas hindu. Após esse momento, a pessoa que estiver

executando se abaixa e toca o solo como maneira de agradecer ao chão que se pisa, depois toca suas orelhas de modo a agradecer e honrar a música que inspira a movimentação e, novamente, o chão é tocado em um segundo agradecimento de sustentação do corpo que dança. Depois desse momento, as duas mãos se encontram com as palmas na direção da testa, como forma de honra e agradecimento aos mestres e professores, em seguida vão em direção ao coração - como no início foi feito em pé - agradecendo as ancestralidades e a si próprio. Novamente, como também foi feito inicialmente, cada uma das mãos são erguidas a frente e trazidas de volta ao coração, saudando as pessoas que estão dançando junto a esse ou essa bailarina. Os braços erguem-se, suspendendo o corpo em pé. Assim, finaliza-se o *Puja*.

Diante disso, é possível considerarmos que também travamos diálogos simbólicos advindos em contextos que não sejam necessariamente relacionados a arte ou a dança indiana. A todo momento nossa comunicação também recorre a gestuais. Há diversos exemplos no cotidiano corriqueiro, quando balançamos as mãos para despedir de alguém, ao levantar o polegar como uma concordância ou afirmação positiva e, também, quando queremos homenagear uma pessoa e batemos palmas. Entretanto, diante do fato da dança indiana expressar uma simbologia mais abstrata e com um aprofundamento de significados que nos suspende bem distantes de um cotidiano comum, cabe considerarmos que há uma diferença na qualidade sensível de tais gestos.

Pude perceber, a partir das experiências com o grupo de alunas que desenvolvo as aulas, que muitos sinais emitidos e realizados pelo corpo passam de maneira despercebida e sem consciência inúmeras vezes por elas mesmas e pelas pessoas ao redor com quem convivem. A “cartilha da leitura corporal” é escassa e pouco compreendida para sujeitos que travam uma relação parcelar com o corpo, como trouxe em discussões anteriores. Existem olhares, gestuais com os braços, posturas e até diferenças de tonicidade que também são expressos diante de determinadas situações que refletem o conjunto da comunicação, mesmo que não estejam sendo realizados ou visualizados de maneira consciente. Afinar a percepção simbólica é propor uma estimulação cognitiva distinta da que a sociabilidade do modo de produção capitalista proporciona.

Não caberia afirmar aqui que não devemos manifestar nossa dimensão útil ou que seria incorreto nos preocuparmos em sermos mais diretos, objetivos e pragmáticos. Tal situação não figura na centralidade do problema apontado nesse trabalho, mas sim em suas colateralidades. Ocorre que quando essa forma de manifestação de nossas características pessoais é compreendida como única via de expressão da personalidade, acabamos nos defrontando com uma ótica muito restritiva de compreensão do corpo, e, assim, perdemos a dimensão de outras características advindas com uma estimulação mais abrangente.

#### **4.2.4 Movimentos espontâneos versus condicionamentos motores**

O último elemento que integra a constituição da técnica do ATS, são os folclores árabes, estando presentes na musicalidade, nos figurinos e no toque dos instrumentos percussivos de dedos chamados *Snujs*. O ATS possui dois repertórios de passos a serem executados quando a condução musical é lenta ou rápida, sendo que a influência folclórica sobre os movimentos no repertório rápido é bastante presente, refletindo expressões de alegria e espontaneidade, enquanto o lento transmite uma possibilidade dramática maior.

É um fator marcante nas danças folclóricas os elementos de espontaneidade e alegria, sendo uma reação expressiva do corpo ante as questões vivenciadas por determinada sociabilidade. Um exemplo dessa resposta corporal ao cotidiano se expressa no folclore libanês *Dabke*, onde os homens começaram a ritmar o trabalho de “bater laje” com os pés, surgindo uma estética própria que se aprimorou com os anos de tradição, sendo hoje em dia dançado em casamentos, celebrações e festas de família. Outro exemplo são as danças derivadas de povos ciganos que, de modo a festejar a alegria em grupo, batem palmas, rodam saias, etc. Assim, surgiram inspirações motoras que, com o passar do tempo, foram transformadas em técnicas ensinadas em salas de aula.

O processo de uma formação de técnica de dança não se dá diante de uma folha em branco, mas sim, a partir de experimentações corporais, espontaneidade, emoções e subjetividades impressas nos movimentos, compondo, assim, uma

estética artística. Cada dança age como transmissora de uma situação social em que foi originada. A partir do conhecimento comum, por exemplo, o samba representa a expressão da dança da sociedade brasileira e o flamenco uma dança que provém da Espanha. Tais danças, que hoje possuem suas respectivas técnicas de ensino, foram criadas a partir de um momento social que desponta de uma espontaneidade onde tais linguagens artísticas dialogam com os processos societários que ocorriam concomitantemente.

Dessa forma, trazer o contato de elementos do folclore árabe para alunas que estão aprendendo a expressar uma nova dinâmica motora para o corpo, é propor a aproximação de um agir distinto pautado em ações autênticas e orgânicas, diferente das repetições não-artísticas nem tampouco realizadas com espontaneidade, mas sim, através de um comportamento de automação.

Tais alunas enquanto sujeitos sociais estão submetidas cotidianamente a necessidades de adequação às dinâmicas do capital que se sobrepõem as vontades humanas. Assim, deparam-se com um corpo que responde a determinados condicionamentos que limitam a espontaneidade, iniciamos um processo de consciência e desconstrução de tais limitações. Os depoimentos narrados ao longo das aulas mencionam as tensões musculares como um dos maiores sintomas de restrição dos movimentos autênticos, pois a movimentação dinâmica e realizada a partir da liberdade da intenção junto ao movimento, não encontra caminhos quando tais tensionamentos representam bloqueios na motricidade.

Entretanto, é possível resgatar um movimento orgânico e autêntico diante das proposições de jogos corporais e dinâmicas de criatividade para se chegar a técnica. Não aponto nesse estudo que a técnica, junto a consciência histórica que possui, seja suficiente para transformar a constituição corporal e o esquema de movimentos que uma pessoa possui. Os caminhos didáticos como instrumentos que auxiliam a apropriação anatômica e criativa do corpo, permitem um horizonte de ruptura com as restrições advindas dos condicionamentos da sociabilidade do capital e apresentam dimensões inusitadas e desconhecidas da personalidade no que se refere ao aspecto da corporalidade. Ao fim, diante do aprendizado técnico, a improvisação coordenada emerge como possibilidade de surgir uma dança única e espontânea, independente de coreografias para que se desenvolvam movimentações em grupo.

Finalmente, as quatro bases constitutivas do ATS representam elementos que se fundem de modo a proporcionar, não somente um contato com movimentos novos, mas sim, influxos de outras formas de visualizarem seus corpos realizando posturas e passos que não condizem com o desenvolvimento de um corpo perante as limitações próprias da sociabilidade do capital.

Assim, todas essas intersecções étnicas quando transmitidas para as alunas sob a forma de movimentos técnicos, são trazidos por mim a partir de atividades que os antecedem, tendo em vista que são uma configuração corporal, também. Partimos de um corpo configurado pela sociabilidade do modo de produção capitalista e, ainda que as configurações advindas do ATS proporcionem uma forma mais satisfatória de relacionamento com as possibilidades corporais, também se apresentam como um sistema. Compreendo que se faz muito importante apresentar um processo de desconstrução das limitações motoras advindas da sociabilidade que estamos inseridos, dentro do que é possível em duas horas semanais de aula, para, em seguida, apresentar a estética do movimento que se distancia com muita profundidade das capacidades corporais disponíveis no momento do aprendizado.

É importante mencionar que são muito recorrentes depoimentos de alunas que procuram as aulas dizendo que querem dançar, mas que nunca irão conseguir realizar os movimentos como a professora faz porque são “duras” e “desajeitadas”. Entretanto, tal julgamento decorre de um cotidiano escasso de alternativas para que elas se percebam de outra maneira. Assim, ao longo do desenvolvimento das aulas, os caminhos pedagógicos desafiam a restrição interposta pela sociabilidade e apresentam novas possibilidades, que se manifestam de modo a desestranhar a dimensão corporal daquelas alunas.

#### **4.2.5 O processo de subjetivação através do *Tribal Fusion***

O *Tribal Fusion* nasce a partir da base dos movimento do *American Tribal Style* fusionada com o que a pessoa que dança queira acrescentar. Diversas estéticas surgiram a partir dessa inovação: *Cabaret Fusion* que traz elementos dos *cabarets* e danças burlescas, o *Tribal Brasil* que fusiona ATS com as danças regionais brasileiras,

o *Dark Fusion* onde a dramaticidade expressa uma correlação teatralizada bastante latente, etc.

Entretanto, a construção de uma identidade de fusão passa por uma questão central que indaga a bailarina: o que você deseja trazer para sua dança como autêntico, pessoal, subjetivo e que vai refletir a sua identidade? Com qual linguagem seu corpo trava uma conexão que te leva a projetar uma intenção nos movimentos?

Diante disso, o cenário do *tribal fusion* brasileiro ainda caminha para buscar desenvolver essa relação de intimidade com as fusões que refletem uma identidade pessoal, ainda refletindo uma influência muito grande de repetições de passos e estilos recebidos de bailarinas internacionais. O Tribal Brasil<sup>11</sup> é uma expressão muito original fomentada a partir de uma formação social condizente com o contexto que vivemos, entretanto, não é a única via em que brasileiros e brasileiras podem encontrar vazão de suas subjetividades. Algumas pessoas, mesmo sendo brasileiras, nunca tiveram contato com danças regionais como o coco, carimbó, frevo ou samba. Até a dança que emerge da própria formação social brasileira é desconhecida por muitos brasileiros.

Outro sintoma muito recorrente é o distanciamento colocado entre bailarina e personagem, tornando muitas vezes a performance caricata e descolada de uma assimilação com a realidade cotidiana do indivíduo. De fato a estética artística suspende a representação objetiva do cotidiano e possui suas próprias referências simbólicas para se expressar. Entretanto, por muitas vezes tal ação reflete uma projeção cênica de uma personalidade que se deseja ter, mas que no dia a dia não encontrará espaço, como na representação de deusas, fadas, bruxas ou qualquer outra figura arquetípica que aproxime de um contexto de fantasias e que se instauram como uma sobreposição da viabilidade de existir dessa maneira cotidianamente.

É muito comum alunas e bailarinas relatarem que gostariam de viver como a estética da representação que constroem nos palcos, onde há liberdade artística para se expressarem como queiram. Entretanto, é uma preocupação que trago nas aulas a possibilidade de aproximar personagem cênico do corpo cotidiano, tendo em vista que o personagem pode vir a representar um escapismo perante a escassez de

---

<sup>11</sup> Nomenclatura de um estilo de fusão com danças regionais brasileiras.

possibilidades de um corpo considerado “comum” no dia a dia e acirrar ainda mais o estranhamento de si.

Tampouco, essa preocupação reflete uma transposição da existência pouco criativa e uniformizada socialmente para a construção de uma personagem “mais autêntica”. Ao proporcionar novas maneiras de se movimentarem e expressarem seus estímulos criativos, a amplitude de possibilidades se apresenta aproximando uma nova perspectiva de cotidianidade que se integra a personagem que reflete, através de uma estética artística, dimensões de uma personalidade pouco conhecida ou elaborada com a falta de recursos dados pela sociabilidade do capital.

Ainda que as aulas sejam um processo que pode não atingir a totalidade de estranhamentos que as alunas trazem consigo, é possível, ainda assim, ampliar as capacidades criativas de corpos condicionados a responderem somente a uma forma específica de agir pautada pela via da utilidade, eficiência e perfeição e desestranhar parte de alguns que se imprimem no corpo.

Assim, ao iniciar o ensino da possibilidade de fusões com o ATS, não priorizo o ensino de passos já desenvolvidos por bailarinas de tribal fusion, pois esses movimentos refletem a identidade já construída por outros sujeitos com outras intenções de movimento. Por outro lado, proponho laboratórios de pesquisa sobre como transformar os movimentos básicos a partir das subjetividades existentes em cada aluna e através do alargamento de suas capacidades criativas.

#### 4.3 METODOLOGIA DE ENSINO

A condução das aulas de dança, em sua maioria, possuem uma dinâmica que se repete e que consiste em iniciar com um alongamento - que também pode ser um aquecimento -, direcionar as alunas frente ao espelho para ensinar uma determinada técnica e ao final uma dinâmica de relaxamento.

Porém, ao longo dos anos de experiência e o contato com o estudo de práticas somáticas, *yoga*, anatomia, teoria musical e com a Metodologia Angel Vianna, a qual me pós graduei em julho de 2019, pude construir outros diálogos que foram moldando uma nova maneira de ensinar dança às minhas alunas.

Para além dessa dinâmica motora e das possibilidades de atividades a serem realizadas, a metodologia que desenvolvo constantemente, introduz para o espaço da sala de aula uma discussão objetiva sobre o processo de constituição corporal ante a sociabilidade do capital, junto a interações orais das próprias alunas buscando desenvolverem a apropriação de suas sensações a partir da linguagem verbal, tendo em vista que não temos contato com a comunicação de nossas dimensões de sensorialidade.

A bailarina ou a aluna de dança, tendo ou não a pretensão de desenvolver uma profissionalização na área, não são seres alheios as repercussões políticas, econômicas, sociais e culturais da sociabilidade em que estão inseridas. Ainda que ao entrar em sala de aula não verbalizem as questões que circundam os seus cotidianos, o corpo não deixa de comunicar e se portará de modo a manifestar todo o complexo de elementos que se traduzem nas posturas e tensionamentos.

Dessa forma, discussões que versam sobre quem somos, onde estamos, o que fazemos e qual é a conjuntura social que permeia a nossa vida enquanto sujeitos sociais e indivíduos, também são trazidas pra dentro de sala de aula e auxiliam nos processos que sucedem as dinâmicas de consciência corporal, muitas vezes dando sentido a compreensão do estado que o corpo se situa fisicamente naquele momento.

Caso o refinamento técnico seja a diretriz do profissional e este opte por entender que “os problemas ficam do lado de fora da sala de aula”, como muitos falam com seus alunos e alunas, ele irá se confrontar diversas vezes com queixas, frustrações, incapacidades de realizar movimentos que somente serão compreendidos de uma maneira minimamente superável quando os “problemas” deixados para fora da sala começam a ser destrinchados dentro dela a partir do trabalho corporal. Obviamente não há uma pretensão psicoterápica na abordagem que proponho, mas há recursos próprios de serem aplicados em uma aula de dança que possibilitem essa reflexão, como irei explicar ao descrever as etapas metodológicas que busco desenvolver. Por outro lado, caso o profissional permaneça evitando esse aprofundamento, a resposta as dificuldades de seus alunos e alunas pode vir a ser transmitida por meio de uma concepção que condiz com a reprodução da lógica restritiva da sociabilidade do capital ao justificar, por exemplo, com frases muito comuns no meio profissional como: “dançar é um talento que não é para todo mundo”, “nem toda aluna vai conseguir dançar”, etc. Sendo assim, trazer um subsídio

de compreensão estrutural de quem são essas pessoas que o profissional está ensinando e destinando seu conhecimento, é um instrumento fundamental para capacitar uma abordagem que ofereça perspectivas emancipatórias a partir do corpo.

Diante disso, o entendimento expresso nos parágrafos anteriores sobre o que é a dança *Tribal Fusion* foi desenvolvido por mim como uma maneira de visualizar o grande instrumento que esse estilo pode representar como possibilidade de desenvolvimento da personalidade estranhada pelos influxos societários do modo de produção capitalista.

Além de apresentar bases motoras que viabilizam habilidades desconhecidas e emancipatórias em face das condições interpostas pela sociabilidade do capital, é possível, também, proporcionar ferramentas para emergir características que ultrapassam o reducionismo expresso na dimensão útil, eficiente e produtiva que os sujeitos sociais concebem como única alternativa de existência. Há muito a se explorar e descobrir para além da utilidade e das formas de personalidade condicionadas pela demanda geradora de valor socialmente determinado.

#### **4.3.1 Observações gerais sobre a aula**

As aulas contêm duas horas de duração semanais, ocorrendo em um único dia, tendo em vista a impossibilidade majoritária de quórum e condições de pagamento de mais aulas por semana. Em anos anteriores, as aulas eram desenvolvidas durante 90 minutos. Entretanto, percebi que esse tempo não era suficiente para atingir o nível de atenção e consciência mínimos para realização do trabalho corporal que julgo necessário para que um processo de conscientização e aprendizagem sejam desenvolvidos.

O aproveitamento do tempo precisa estar de acordo com a capacidade de assimilação do corpo, havendo cautela com a saturação pelo seu excesso como, também, com a rapidez e superficialidade em abordagens que carecem de uma maior delonga para se desenvolverem diante do ritmo individual de alunas que já são submetidas a estímulos de pressa cotidianamente. Quanto mais tempo um corpo é submetido a um processo gradual trazido pelo aprofundamento e aproveitamento de

uma determinada dinâmica de sensibilização, mais elementos podem ser agrupados para que as alunas adquiram mais mecanismos de auto percepção.

Quanto ao público, as aulas são frequentadas em unanimidade por mulheres com faixa etária variando de dezoito a sessenta anos, sendo predominante a idade entre vinte e trinta anos. Não é necessária uma prévia experiência com dança, sendo que mesmo as alunas que já tenham tido contato com outras técnicas iniciam na turma daquelas que nunca dançaram.

#### **4.3.2 Relação com o chão e a gravidade**

As aulas iniciam com as alunas se deitando no chão. Tive contato com essa prática durante as aulas na pós graduação em MAV (Metodologia Angel Vianna), onde inúmeras proposições de conscientização do movimento são exploradas diante dessa relação entre corpo e gravidade.

Aplico esse elemento no início das aulas justamente por compreender que ao chegar a escola de dança, cada aluna viveu uma experiência cotidiana diferente até aquele momento que antecede a aprendizagem. Dessa maneira, o trabalho de submeter as alunas a uma entrega ao chão é expresso por um fornecimento de outra perspectiva postural que se distingue da resistência diária a que o corpo está submetido, tanto no sentido das pressões próprias a sociabilidade como, também, da própria força exercida pela gravidade.

Com relação a gravidade, do momento em que as pessoas despertam do sono, ao momento em que vão dormir, toda a constituição anatômica se configura em estágios de resistências, oposições e esforços diante da relação estabelecida com essa força externa. Por vezes, tais esquemas corporais perduram, inclusive, durante o sono. Dependendo do nível de consciência corporal e de movimento que a pessoa tenha, tais respostas serão funcionais para o equilíbrio do complexo corporal ou não, podendo haver compensações de tônus excessivos em locais desnecessários ao movimento, confusão entre força e excesso de tensionamento, etc. No momento em que as alunas se deitam no chão e, em seguida, espreguiçam, é uma oportunidade para que dissipem tensões acumuladas, enrijecimentos motores, regulação de

posicionamentos ósseos e diversas possibilidades que inauguram uma relação de auto cuidado perante os distanciamentos cotidianos onde a via de sensibilização ocorre por meio de caminhos drásticos como dores e adoecimentos.

Nesse momento também há um atendimento as individualidades mesmo se tratando de um trabalho realizado em grupo, porque ao receber uma estimulação de espreguiçamento, cada aluna realizará de acordo com uma organicidade que lhe é própria, iniciando, assim, uma auto compreensão da realização de movimentos autênticos e particulares, sem projeções ou comparações com outras alunas ou comigo enquanto professora.

É muito recorrente que em aulas de dança os alongamentos sejam uma prática inicial, ao invés de outras estimulações como a do espreguiçamento, que geralmente, quando aplicado, é trazido ao fim das atividades como maneira de realizar relaxamento após os esforços. Entretanto, grande parte da literatura fisioterápica<sup>12</sup> compreende que alongar os músculos conduz a um estágio de frouxidão muscular que, conseqüentemente, tem efeito de relaxamento e não representa uma boa prática para ser feita antes de exercícios físicos devido as demandas de condicionamento e resistência que o corpo irá precisar. Já os espreguiçamentos, opto por utilizar inicialmente como uma forma de relaxamento das tensões prévias a atividade, onde não há perda de resistência e, ainda assim, é possível dissipar tensões.

Esse espreguiçamento ocorre de uma forma breve, por ser uma prática de preparo corporal onde todas alunas já possuem uma certa aproximação com o ato de se espreguiçarem, mas que são estimulados de outras formas mais criativas e elaboradas para que ocorra através de outras percepções e consciências, atingindo, assim, tensões despercebidas com a automatização, inclusive, da maneira de espreguiçar cotidiana. Um exemplo que ilustra essa situação é quando sugiro que as alunas pensem no movimento dos ossos dentro da resistência e elasticidade da pele, da rotação das articulações ou até mesmo de estimular a sensação de camadas mais profundas das fibras musculares.

Nesse sentido, quanto mais conhecimento anatômico as alunas possuem, mais recursos encontram para se moverem. A grande maioria desconhece as camadas

---

<sup>12</sup> Artigo que analisa os alongamentos e sua relação com lesões:  
<https://periodicos.pucpr.br/index.php/fisio/article/view/19453/18793> . Acesso em Julho de 2019.

internas corporais, inclusive as que possuem formação em áreas relacionadas a saúde, tendo em vista que o ensino de anatomia se dá por uma via externa a própria sensação individual dos ossos, músculos, articulações, órgãos e pele, por exemplo. É muito recorrente a não percepção de que o corpo possui complexidades e camadas internas que não são somente peças de uma engrenagem motora que resultam em movimentos. As “ferramentas” corporais representam conhecimentos substanciais para que nós enquanto sujeitos consigamos estabelecer uma relação de auto preservação, auto cuidado e de uma utilização a favor de nossos fluxos orgânicos.

Dessa maneira, após o espreguiçamento, quando as alunas já dissiparam um pouco das tensões que carregavam consigo e que são fundantes em deslocar os estágios de atenção e presença dentro da sala de aula, elas se encaminham para a chamada posição *Shavassana*, que na prática do *yoga* é concebida como uma postura de relaxamento, onde o corpo se coloca em decúbito dorsal, sendo também conhecida como “postura do cadáver”. Conforme o entendimento de Angel Vianna, esse nome seria inadequado justamente porque quando partimos da lógica de que se trata de uma posição relacionada a morte, a chance de um abandono de consciência é muito recorrente. Assim, a proposição se encaminha no sentido de haver uma entrega perante a gravidade, mas realizada de maneira consciente e executada por um corpo vivo, onde a atenção permaneça e o corpo acesse estágios de não resistência e relaxamento. Assim, é estabelecida uma certa passividade diante da força que é imputada ao corpo cotidianamente.

Diante desse estímulo, é muito comum que as alunas sintam um pouco de sonolência, podendo chegar, inclusive, a um adormecimento. De acordo com depoimentos, experiências individuais e observações enquanto professora, o momento em que as pessoas se deitam em seus cotidianos está diretamente relacionado ao ato de dormir, tendo em vista que não nos habituamos a deitar como forma de descansar durante a rotina. Assim, havendo dificuldade ou facilidade para um adormecimento, a associação dessa posição a reação “cair no sono” é recorrente na maioria das pessoas que realizam essa dinâmica. Dessa maneira, ao propor a realização dos espreguiçamentos que dissipam as tensões e, em seguida, conduzem a uma postura que potencializa o estado de relaxamento a partir da inércia e passividade motora, é muito recorrente ter o sono como consequência nas alunas que

fazem aulas a pouco tempo, pois o estabelecimento de uma nova maneira de reagir diante desse posicionamento é construída com a constância das aulas semanais.

Diante desse relaxamento que conduz a uma inércia motora, são realizadas algumas estimulações auditivas para que as alunas compreendam a relação do corpo com a força da gravidade. É possível que, mesmo após o espreguiçamento, alguns grupos musculares ainda estejam tensionados de modo a suspender o corpo mesmo estando deitado. Geralmente as pessoas se deitam em suas camas e desconhecem como é entregar o peso do corpo ao chão. Assim, quando é solicitado que as alunas se deitem, algumas possuem grande dificuldade de ceder os ossos no chão e é visualmente perceptível uma certa suspensão de algumas partes, como por exemplo os ombros e a lombar, que são regiões que grande parte das pessoas possuem dificuldade de relaxamento.

Alguns recursos metafóricos e imagens visuais são muito úteis para criar uma assimilação de fácil compreensão para que as alunas consigam desprender a suspensão causada pelos músculos e entregá-lo ao chão. Um exemplo que utilizo é comparar o corpo com uma marionete onde algumas partes ainda estão suspensas por fios que seriam como uma metáfora para as fibras musculares. Estimulo que esses “fios” imaginários sejam “cortados” a partir de recursos que cada aluna vai aprendendo a acionar, seja por um comando direto ou através da expiração, por exemplo, pois no movimento de retração da caixa torácica a tendência de soltura e relaxamento de demais partes do corpo pode vir a ocorrer. Ao mesmo tempo é comum que a soltura das tensões não ocorra durante as primeiras aulas ou talvez demore bastante tempo, mas isso também é dialogado durante a estimulação junto ao anúncio de que trata-se de um momento de conscientização sobre o corpo, e caso algo não consiga ser realizado, ainda é válido para a proposta de conhecimento sobre a condição das estruturas corporais de cada uma.

Assim, também estimulo nesse momento a observação do corpo em sua totalidade, com equilíbrios, desequilíbrios e tensionamentos que podem ainda coexistir mesmo sendo percebidos. Durante uma prática de conscientização são apresentados diversos recursos que o corpo pode aprender a utilizar, mas também é preciso um cuidado para que o excesso de informações não represente uma sobrecarga que impeça a intenção do movimento. Lembrando do exemplo da história da centopeia que deixou de andar quando teve que responder como andava com as

cem pernas, é importante mencionar que quando certa consciência vem à tona a todo tempo, ela pode interromper o fluxo de outros processos que demandam um espaço de esvaziamento da estimulação motora e permita um agir orgânico.

Dessa maneira, entender esse elemento é compreender que o corpo sendo socialmente constituído é um complexo de complexos e que em alguns momentos a ação vai ser revestida de consciência e em outros não, como ocorre com os músculos involuntários na ação respiratória e nos batimentos cardíacos, por exemplo. Assim, a afinação da capacidade perceptiva vai se desenvolvendo no sentido da compreensão de que presença e consciência não são sinônimos de domínio corporal.

#### **4.3.3 Início do aquecimento**

Diante dos espreguiçamentos seguidos pelo relaxamento, o corpo encontra-se muito diferente do momento antes de iniciar a aula. Tal estágio faz-se muito necessário diante de pessoas que só se encontram em descanso ao atingirem os limites de suas atividades diante de um esgotamento de forças e cansaço cotidianos. É uma prática importante para que se ofereça uma outra perspectiva que dissocia o descanso apenas como uma necessidade advinda de um estado de saturação, podendo ser compreendido também como um sinal de preservação da integridade física e psicológica afetada pelo cansaço.

Assim, requisitar movimentos após um relaxamento profundo se faz mediante um processo gradual onde qualquer mudança brusca de sensações pode ser incompatível e, por vezes, perturbador. Não proponho que as alunas simplesmente se levantem do chão, tendo saído de uma profunda entrega das suas musculaturas e esqueleto. É preciso que esses músculos sejam “acordados” de outra maneira para que seja atingido um tônus ideal para a prática dos exercícios físicos como orientam os princípios da prática da Eutonia trazidos por Gerda Alexander que compreendia que a regulação do próprio tônus representa uma possibilidade de trânsito por circunstâncias diversas, proporcionando uma relação emancipatória de autonomia sobre as próprias oscilações de “reações” corporais frente as eventualidades cotidianas (ALEXANDER, 1983).

As estimulações sonoras continuam no campo da percepção anatômica. Existem diversas maneiras de iniciar um processo de movimento após o relaxamento corporal inicial, porém, dadas as condições da escrita, descreverei uma das hipóteses utilizadas por mim para possibilitar a transferência do corpo inerte ao estado de movimentação preparatória para receber a técnica.

Nesse momento, o aquecimento do corpo opera como um instrumento para acionar a estrutura corporal repousada e despida de diversas configurações precedentes que influenciam no processo de aprendizagem. Um dos recursos que costumo utilizar para iniciar o impulso aos movimentos é novamente realizar um espreguiçamento com um fundo musical adequado a sutileza do momento de despertar uma motricidade. Alerto para que seja devagar, começando pelas extremidades como os dedos dos pés e mãos e para que a transmissão do impulso motor seja constante e contagie partes colaterais às que já encontram-se em movimento.

Ao longo do segundo espreguiçamento, que agora é realizado revestido de um estímulo musical conjuntamente, oriento algumas experiências criativas a serem realizadas a partir da relação entre os ossos e a pele, de modo a compreender quais os limites proporcionados pela pele para a motricidade dos ossos, como ela os reveste diante da metáfora de serem um “saco de ossos”, quais as possibilidades de expansão e contração a partir do espaço interno que os ossos ocupam junto aos órgãos e músculos e quais as possibilidades de contato das protuberâncias ósseas com o chão.

Diante de tais estimulações, percebo ser muito recorrente a ausência de percepção sobre o próprio sistema esquelético. O esqueleto é como um alicerce de um prédio que edifica todas as camadas que vão se constituir de maneira sobreposta a ele: ligamentos, músculos, tendões, órgãos etc. Dessa maneira, acessar a profundidade material do corpo é um recurso estrutural para que as alunas compreendam as complexidades em que seus corpos são constituídos.

Sendo assim, proponho comandos como a estimulação do contato dos ossos no chão, quais protuberâncias desses ossos estão tocam o solo, se são os ossos inteiros, se são apenas uma parte dos ossos, como eles se articulam para uma mudança de posição etc. A atenção para o trabalho com os ossos configura um traço marcante no trabalho da metodologia Angel Vianna que trago para as aulas. A cada

momento dessa prática é uma possibilidade de contato com a própria anatomia, de conhecimento dos próprios mecanismos que compõem seus espaços internos aos quais só haverá algum nível de apropriação consciente diante da sensibilização das regiões ocultas e desconhecidas cotidianamente.

Algo importante que trago para as discussões em sala de aula é que o conhecimento anatômico não deve ser apropriado somente pelo meio médico ou pelos profissionais que trabalham com a área das ciências biológicas. A partir do momento em que o domínio do conhecimento anatômico e fisiológico é atribuído somente aos profissionais da saúde, os sujeitos sociais se afastam da possibilidade de terem uma autonomia sobre o cuidado de si, e assim, o delegam a profissionais ou terceiras pessoas que não eles próprios, acirrando ainda mais o processo de sensibilização para sintomas e práticas preventivas que poderiam anteceder diagnósticos avançados de adoecimentos, lesões e dores. Além de acirrar ainda mais o processo de estranhamento do corpo e suas potencialidades criativas e sensórias.

A partir desse despertar motor utilizando recursos que carregamos em nós mesmos, os movimentos vão tendo um crescimento de intenção gradual, possibilitando o retorno a um estágio de sustentação corporal diante da verticalidade. Na medida em que as alunas vão respondendo as estimulações motoras, proponho que a relação dos ossos com o chão seja realizado considerando uma estruturação como se estes fossem apoios para que o corpo saia do nível baixo<sup>13</sup> e atinja o nível médio de impostação postural.

Cada camada anatômica, pode ser um fator para trabalhar a transição de níveis através do acionamento de uma força motora, como, por exemplo, pensar na pele esticando e na pele enrugando, na pele acoplado contato com o chão, retomar a metáfora da marionete e pensar na suspensão sendo realizada a partir dos “fios” musculares, na pele fazendo força para que saia do chão como um “adesivo”, etc.

Desse modo, o corpo transita por uma pré-ativação motora até chegar ao nível médio. A partir das estimulações propostas, sugiro um ensaio de saída do nível baixo para uma chegada ao nível médio, seguido por uma devolução ao nível baixo através

---

<sup>13</sup> Na dança contemporânea, há referência a três níveis utilizados nas dinâmicas, que são baixo, médio e alto, sendo que o nível baixo caracteriza-se pela entrega no corpo ao chão diante da gravidade, o nível médio que não está em total entrega diante da gravidade mas, ao mesmo tempo, também não se verticaliza totalmente, e o nível alto onde o corpo verticaliza-se, podendo incluir saltos e meias pontas.

do ato de ceder a força da gravidade para que haja uma compreensão de que ainda que o corpo tenha uma resistência e uma força de oposição contra o chão, ele pode conseguir novamente retornar e acessar um estágio de relaxamento, levando em consideração o aprendizado da autonomia sobre a escolha do tônus que pode ser ativado de maneira voluntária. Juntamente, aspectos criativos também são considerados ao investigar diversas maneiras de sair e voltar ao chão, através de uma abordagem lúdica em conjunto com músicas, de modo a compreender que há outros caminhos que podem emergir da própria individualidade que tenham como propulsão as descobertas e não somente uma motricidade através de tensões e pressa.

Chegando agora no nível médio, após realizados os ensaios de transição de níveis, as alunas são estimuladas a conhecerem maneiras de se deslocarem através do espaço da sala de aula. No exemplo em questão, os apoios dos ossos e dos membros inferiores, apresentam uma nova maneira de compreender outras maneiras de assentar no chão. É possível investigar quais são os apoios ósseos que podem proporcionar ao corpo estar em um outro posicionamento, seja apoiando sobre a fíbula, no metatarso direito enquanto o fêmur esquerdo toca o chão, seja tirando as duas pernas e apoiando sobre os ísquios etc. Nesse sentido, cada aluna vai trazendo tais estimulações para o próprio corpo e obtendo resultados autênticos e espontâneos.

Essa espontaneidade acima referida só é possível porque não há um paradigma visual comparativo que restrinja as práticas de sensibilização a movimentações “certas” ou “erradas”. Os estímulos sonoros das falas que ofereço junto a música são muito importantes justamente por serem mais ferramentas, onde cada aluna vai se apropriando, transmitindo ao seu próprio corpo e lapidando da maneira com que suas individualidades se manifestem.

Assim, para além da investigação dos apoios ósseos na ação de assentar, também proponho um deslocamento a partir dessa ação pelo espaço, de modo que as alunas possam compreender que a prática ocorre em um cenário específico, com contornos visuais, olfativos, temperatura etc. Há uma sensibilização para a externalidade que coexiste com o corpo individual que, até então, era a diretriz das investigações.

São oferecidos alguns estímulos para proporcionar a sensação tátil de outras superfícies que não sejam o chão, como é percorrer a sala a partir de outros apoios

que não só os pés e, também, como a música pode proporcionar uma dança livre de estilos e orgânica, a partir das respostas corporais alinhadas com as nuances instrumentais melódicas e rítmicas: início sugerindo que identifiquem algum instrumento que as tenham chamado atenção e que permita que sua sonoridade conduza a intenção do movimento no espaço. Em outro momento menciono que há diversas oscilações de velocidades rítmicas ocorrendo a partir das nuances melódicas e que essa variação pode auxiliar a própria escolha da velocidade da condução do corpo no espaço, etc.

Proponho que sejam feitas experiências mesmo passando por leituras musicais que não seja do gosto de cada uma, tendo em vista que a busca almejada na proposta se faz por experiências advindas de uma diversidade de possibilidades criativas, para que o horizonte restritivo da motricidade cotidiana se amplifique. Todas essas percepções são fundamentais no sentido do desenvolvimento de uma capacidade de autonomia das alunas sobre os impulsos sonoros e suas respostas corporais, não somente para que escolham a sonoridade aliada ao movimento que mais gostam, mas para que também haja a possibilidade de desenvolverem uma presença, inclusive, na transição dos momentos de dificuldades e incômodos ao realizarem alguma ação.

Socialmente, a estratégia dos sujeitos que realizam ações que não condizem com seus impulsos orgânicos autênticos é, geralmente, o desligamento de consciência, muitas vezes transposto a uma realidade paralela projetada em sua imaginação. Isto é: ao não possuírem condições objetivas, nem tampouco a apropriação de ferramentas subjetivas para emergirem vontades que correspondam a intenções que decorrem da própria autenticidade de suas organicidades, é comum a reação de ausência e deslocamentos imaginários que figuram como sustentações do momento que se quer evitar. Um exemplo disso são as “fugas” para as distrações do celular quando estamos diante de uma situação a qual não queremos vivenciar, mas tampouco sabemos sair.

A fragmentação dos sentidos e a disponibilidade de uma parcela ínfima de utilização da enorme potência que carregam, em favor e engendradas pela sociabilidade do capital, foram moldando maneiras de agir, mover e, inclusive, pensar dos sujeitos sociais de modo a reagirem ao cotidiano, sem haver uma possibilidade de ações ativas que correspondam ao desenvolvimento não apenas da sensorialidade, mas também do próprio gênero através da personalidade.

Um exemplo dessa situação é encontrado em um filme que narra o início do desenvolvimento da industrialização chamado *A classe operária vai ao paraíso*. O personagem *Lulu*, que no início do filme se destaca por realizar seu trabalho de maneira rápida e produtiva, tem sua vida reduzida a sua jornada de trabalho exaustiva, manifestando uma rotina com inúmeros estranhamentos muito explícitos para o espectador, inclusive na relação bestial com sua esposa, que é exposta de maneira bem evidente. Assim, ao ser indagado sobre como ele conseguia produzir tão rápido e se destacar perante os demais trabalhadores, sua resposta foi que ao repetir o movimento de sua atividade produtiva, uma forma de ser conduzido pelo ritmo com o devido impulso era imaginar que estava fazendo sexo com sua companheira de trabalho na máquina ao lado.

Tal exemplo ficcional reflete períodos progressos aos que vivemos hoje, mas que expõe de maneira explícita um desvio de consciência a partir do estranhamento da atividade laborativa para haver uma motivação em realizar determinado movimento que não se alinha a uma vontade orgânica do sujeito que o executa, além de diversas outras formas de estranhamento contidas nesse único exemplo, como o estranhamento das relações íntimas e da atividade sexual.

Entretanto, nos dias atuais é possível verificar maneiras que os sujeitos sociais se adaptam ao fluxo socialmente determinado e restrito de escolhas condicionadas a que são submetidos perante a sociabilidade do capital: estimulantes como a cafeína, o cigarro, drogas consideradas ilícitas, o álcool, o uso de celulares ou até mesmo um desligamento de presença sem auxiliares externos ao próprio corpo, são concebidos como estímulos e “aliviamentos” de um cotidiano que demanda formas desvinculadas de fluxos autênticos para existir.

Dessa maneira, a recepção de estimulações que incomodem e toquem em desconfortos, muitas vezes remete ao cotidiano hostil a que a sociabilidade se projeta. Muitos depoimentos evidenciam isso, como o seguinte relato de uma aluna: “a gente já faz tanta coisa por obrigação porque tem que ganhar dinheiro, trabalhar, estudar... aí na hora que o movimento está “super” prazeroso, sair dele para um que não é tão bom é bem desconfortável”. Ao propor que as alunas visitem posturas e movimentos que as incomodam ou não se identifiquem, elas começam a estabelecer uma relação de consciência objetiva sobre suas próprias reações corporais diante de tais momentos e, também, é possível que elas adquiram ferramentas para regulações

internas – como as de tônus - e observem os trânsitos sensórios que perpassam o corpo.

Nesse momento, reside também a reflexão da relação de dicotomia entre as sensações de dor e prazer sentidas no corpo. As compensações aos influxos violentos da sociabilidade, também podem ocorrer de maneira estranhada, constituindo, assim, um cumprimento de carências desatrelado de uma consciência efetiva de autocuidado necessário. Diante disso, as relações automatizadas com o tema das satisfações humanas se desenvolvem em áreas como o sexo, o uso de substâncias psicoativas e a própria relação com a alimentação, por exemplo. Compulsões são desenvolvidas, adoecimentos e transtornos psicológicos surgem e o aprofundamento do conhecimento para um progresso da potência do gênero se perde em meio a reatividade como maneira de sobrevivência aos influxos da sociabilidade do capital.

Busco, desse modo, desenvolver e pesquisar junto as alunas o início de uma mudança na relação com o corpo, consciência e estados de presença, tendo em vista que a mera reatividade corporal primária – como o *stress* e ansiedades, por exemplo – pode se tornar uma atividade de percepção consciente e sensível. Tal atividade é capaz de proporcionar certo nível de observação de tais ações reativas corporais perante os condicionamentos e momentos onde não haverá uma ressonância individual, ainda que não seja possível uma ação ativa que auxilie uma mudança de tônus ou relaxamento de tensões. Assim, as alunas estarão revestidas de um conhecimento que as possibilite, mesmo se posteriormente, a ativarem mecanismos próprios para que se desloquem dessa condição corporal e cheguem a outras que as restaure ou compensem a anterior de algum modo, compreendendo uma via de possibilidade para que as reatividades não se interponham com um poder de domínio em face da pessoa que a sente.

#### **4.3.4 Verticalidade**

Após explorar o espaço e possibilidades motoras diversas com estímulos criativos, novamente proponho um ensaio de transição de níveis, assim como foi do baixo para o médio. Outras maneiras de deslocar serão conhecidas, tendo em vista

que a relação de resistência com a gravidade é outra, agora aproximada da que se estabelece cotidianamente, e há o elemento do deslocamento espacial conjuntamente.

Tais estimulações amplificam a gama de possibilidades motoras e, também, se traduzem em ações preventivas de lesões, por exemplo. Quando o corpo experimenta várias formas de ir ao chão, a memória motora se amplifica e insurge, de maneira reflexa, em uma situação imprevista que pode ocorrer no cotidiano. Como desaprendemos a abaixar, assentar no chão e nos deslocarmos de maneira articulada como as crianças fazem, o índice de lesões diante de alguma situação adversa de queda, acidente ou desequilíbrio é muito maior em face do que poderia ser caso a amplitude de possibilidades motoras não fosse desconhecida e esquecida com o passar dos anos e condicionamentos.

Ofereço algumas estimulações que possibilitam conhecer as dobras articulares conectoras dos ossos, para que percebam as oposições de força para resultar em um impulso de subida, que experimentem se levantar sem a necessidade de tensão na região cervical – extremamente recorrente – que utilizem outras regiões inusitadas para sair do chão, como, por exemplo, fazendo um movimento de espiral com a bacia. Após realizarem vários ensaios de transição de níveis que amplificam posturas, movimentos e vetores que impulsionam as trocas, começamos a trabalhar com a verticalidade.

Chegando no nível alto, a única base de apoio do corpo são os pés. Assim, dando continuidade ao fluxo de aquecimento, que já se encontra diante de uma dinâmica mais agitada, proponho maneiras diferentes de caminhar, como se alguma parte específica do corpo conduzisse e os pés apenas respondessem como base. Oriente outras direções como andar de costas, de lado e que não percam de vista o espaço, juntamente com a dimensão de grupo que cada uma delas integra.

Movimentos como o de caminhar de formas inusitadas e que não se sintam tão seguras inicialmente, como quando sugiro que o movimento ocorra de costas, são capazes de possibilitar uma percepção que ultrapassa a individualidade e chega ao grupo. Como aprendi nas aulas sobre a Técnica Klauss Vianna que tive contato, sugiro que “apoiem o olhar” umas nas outras, evitando direcioná-lo para o chão ou desviá-lo como reação de insegurança, por exemplo. Os apoios garantem uma estruturação

motora, enquanto as articulações possibilitam a flexibilidade e a quebra do enrijecimento excessivo.

Ao fim, trago algumas dinâmicas de criatividade que finalizam o deslocamento em pé e que encerram o momento de preparação para o contato com a técnica. Um deles é a fixação de um dos pés no chão mantendo o outro suspenso para que haja um desequilíbrio que permita a compreensão das compensações a partir de oposições dos membros. Não se trata de buscar equilibrar-se nesse momento, mas sim, permitir que o corpo transite por estágios de desequilíbrio e encontre compensações a partir de oposições não só contra o chão, mas, agora, entre os membros para a finalidade de manutenção da verticalidade.

Geralmente as alunas que desconhecem esse exercício tendem a deixar os pés caírem, verbalizam a dificuldade como forma de resistência, tensionam regiões para manter o corpo em equilíbrio etc. É bastante perceptível o desconhecimento dos recursos internos e motores pautando as disfunções e, por vezes, frustrações. A ausência de perspectiva motora e sensorial amplificada conduz a uma relação muito deficitária no sentido estratégico de saber manejar e compreender os recursos de auto regulação e manutenção da estrutura corporal. Entretanto, com as orientações auditivas que estimulam conhecer as compensações de desequilíbrio utilizando a amplitude de movimentos, as articulações em sua dimensão amplificada e os músculos para suspenderem e orientarem a troca, os resultados se transformam à medida que novas sinapses vão se formando diante dessa nova maneira de estar em pé.

O “comportamento padrão” na maioria das situações são reações pouco confortáveis com a disponibilidade para explorar as dimensões anatômicas e sensoriais, porém, que manifestam sentimentos de alegria, alento, consciência e entendimento quando ultrapassam a reatividade primária e chegam a uma capacidade de síntese e observação de si próprias sem estarem imersas nas diversas oscilações de reações que tomam a estrutura corporal como uma força externa.

#### **4.3.5 Verbalizando experiências**

A série de atividades que configuram o preparo pré-técnica duram cerca de 40 minutos contínuos e é finalizada com uma pausa para descanso junto a verbalização das sensações e experiências vivenciadas na execução das proposituras. Esse momento é de fundamental importância porque as alunas transitaram por estimulações sensoriais distintas das vivenciadas cotidianamente, através de recursos musicais, metafóricos e que compõem uma ornamentação artística através da dança livre.

Quando retornam ao modo de interação usual que lhes é colocado pela sociabilidade – estabelecido, principalmente, através da fala – estímulo a tradução das experiências vivenciadas corporalmente como uma maneira de apropriação da capacidade expressiva de aprofundamentos temáticos incipientes na comunicação oral cotidiana: sentimentos, sensações corporais e emoções evocadas a partir da motricidade.

Ainda que esse trabalho se restrinja a realizar uma análise das repercussões sociais no que toca ao estranhamento da dimensão corporal humana, sem adentrar em questões referentes a psicologia, é indispensável considerar estágios emocionais, tendo em vista que conceber o corpo através de uma perspectiva meramente mecânica é desconsiderar a complexa dimensão fisiológica que ele carrega em seu funcionamento. Um exemplo disso é a secreção de hormônios que geram sensações de alegria e bem-estar durante a prática de exercícios físicos, como a serotonina. Outro é a secreção de hormônios provenientes de situações que o organismo seja submetido a *stress*, sustos ou outras respostas rápidas que ativem as glândulas suprarrenais de modo a liberarem adrenalina e cortisol, que informam respostas orgânicas tais como a aceleração dos batimentos cardíacos, aumento do fluxo respiratório e, também, do tônus muscular.

É importante destacar que observando objetivamente a sociabilidade do capital, são desproporcionais e mais recorrentes as condições que nos submetem a respostas orgânicas frente ao *stress* e a agitação em face de momentos geradores de bem-estar e prazer. Como mencionado anteriormente, o corpo é moldado de modo a ser revestido por uma utilidade funcional aos contornos do capitalismo, sendo cada vez mais possível compreender que hormônios, como os das glândulas suprarrenais, operam com maior presença em face daqueles como a ocitocina, serotonina e endorfina.

Dessa forma, a aproximação da consciência corporal e do movimento podem tocar, também, no campo emocional humano. Algo que elucidado durante as aulas é o fato de as atividades não terem uma pretensão de promoverem processos psicoterápicos ou terapêuticos de modo a organizarem a compreensão das sensações ou algo relacionado, mas sim, amplificarem a auto-observação advinda do corpo que carrega inúmeras informações, dentre elas, as cargas emocionais.

Assim, parte do processo de desestranhamento da dimensão corporal passa, também, por saber objetivar e transmitir as aquisições de consciência como um estudo pessoal de cada aluna, para que nenhuma reatividade se sobreponha a uma capacidade de autonomia diante delas. Dessa forma, o desenvolvimento dos conhecimentos subjetivos advindos do trabalho com o corpo, é capaz de proporcionar bases para uma relação emancipatória em face das vulnerabilidades humanas frente as mazelas impostas pelo metabolismo cotidiano da sociabilidade do capital, com um entendimento de causa e efeito que se projeta sobre os seres sociais em sua dimensão corpórea.

Durante as tentativas de objetivação do entendimento pela via da oralidade é muito presente uma dificuldade generalizada de todas as alunas, seja pela via do silêncio através da sensação de incapacidade para encontrar palavras que expressem suas sensações, seja pela via da prolixidade desorganizada que não emite uma mensagem compreensível a pessoas que não vivenciaram as mesmas sensações e experiências. Entretanto, todas as aulas possuem este momento e a cada nova atividade, diante da habitualidade semanal dessas estimulações, há uma transformação nos discursos e um refinamento na capacidade narrativa de cada aluna.

Dessa forma, é possível perceber que a falta de aptidão para manejar assuntos relacionados a subjetividade sensível não é um simples efeito justificado por frases provenientes do senso comum como “há sentimentos que as palavras não são capazes de expressar”. Com o desenvolvimento das formas de estranhamento para a modulação de um corpo útil e produtivo, as características alheias a esse formato de “ser” foram se ocultando perante a consciência dos sujeitos sociais sobre si próprios e, ao mesmo tempo, se calcificando em premissas sustentadas por concepções distorcidas que afastam o domínio do conhecimento humano de suas próprias mãos.

Assim, como Marx preleciona nos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* o resultado “fenomênico” do aparecimento de uma potência humana, distinta daquelas concebidas como expectativas cotidianas, são atribuídas a outrem que não a própria pessoa, por vezes entendidos como milagres divinos, inspirações advindas de outros seres espirituais e outras mistificações que limam a possibilidade de vislumbrar tais ocorrências como fruto da própria dimensão subjetiva do ser social (MARX, 2010, p.83).

É bastante recorrente tais comentários em sala de aula, principalmente por parte de alunas que carregam consigo algum tipo de crença religiosa e espiritual. Por vezes as ações corporais inusitadas e que surpreendem frente a gama de possibilidades que o corpo já acessou anteriormente é sucedida por algum comentário como esse relatado dado por uma aluna que teve contato pela primeira vez com a aula: “me pareceu que ‘baixou um santo’ aqui que não era eu. Nunca havia feito isso antes, não é possível”.

Dessa forma, os conhecimentos anatômicos e histórico-sociais que busco agregar nas aulas se apresentam como vias importantes para promover a possibilidade de compreensão de que as descobertas apreendidas durante as atividades, passam por um desconhecimento advindo de uma estrutura edificada a partir de uma gênese histórica, e que ao penetrar na subjetividade humana se instaura sobre um complexo de ferramentas com inúmeras capacidades de desarticulá-lo e fornecerem novas dimensões acerca do substrato material e subjetivo que possuímos: o corpo.

#### **4.3.6 Aplicando a técnica**

Após a parte preparatória seguida pela conversa a respeito das percepções atingidas por cada aluna, inicio a segunda etapa da aula que consiste em aplicar a técnica *Tribal Fusion*. Como mencionado anteriormente, essa dança trata-se de um estilo muito recente – década de 90 – em que há diversas maneiras de concebê-lo e aplicá-lo sem uma devida sistematização metodológica como é no *American Tribal Style*.

O tribal – maneira como nos referimos usualmente quando optamos por não falar o nome todo em inglês – tem como fato gerador a necessidade de uma expressão subjetiva distinta dos fundamentos que compõem uma dança em grupo. O foco aqui é o desenvolvimento de uma assinatura individual onde a pessoa possa expressar sua fusão da maneira que quiser.

Dessa forma, e diante das problemáticas trazidas nos itens anteriores, começo as turmas iniciantes trazendo a estruturação básica de movimentos do ATS selecionados por mim como pertinentes para habituar as alunas com uma nova sistematização corporal.

Nesse estilo, seguindo a sistematização trazida por Carolena Nericcio, há passos determinados para serem ensinados em cada nível de ensino, como um regramento metodológico. Entretanto, como as aulas são de *Tribal Fusion*, opto por transmitir o ensino de movimentos que gradualmente serão ensinados com uma presença corporal mais consciente que não necessariamente seguem a ordem trazida pelo ATS.

Início com a conscientização postural e as extremidades dos membros inferiores e superiores, por serem partes corporais que as pessoas possuem mais entrosamento de se movimentarem diariamente: mãos, pés, braços e pernas. Em contrapartida, na sistematização do ATS e em diversas aulas de *Tribal Fusion* os profissionais optam por ensinar, também, movimentos sinuosos, ondulações abdominais e outros passos que são realizados pelas regiões e musculaturas mais profundas e com extrema ausência de sensibilidade nos corpos que iniciam a dança, via de regra.

Durante os primeiros anos de sala de aula, ensinava desta maneira. O resultado era uma dificuldade não só de realizar as movimentações complexas, mas, também, de manter o corpo verticalizado sem desequilibrar ou canalizando tensionamentos nos membros ao entorno como forma de compensação da ausência de estruturação e novos comandos a partir do centro do corpo.

Ao mesmo tempo, também percebi que iniciar pelas extremidades em direção ao centro possibilita uma comunicação direta com as aproximações cotidianas dos movimentos realizados no dia a dia com os ensinados em sala de aula. Assim, dissipa-

se um pouco do distanciamento diante da técnica nova e a conscientização se perdura quando as alunas retornam aos seus cotidianos.

Dessa maneira, a abordagem para ensinar um novo movimento se dá através de três etapas em que elas dançam junto a mim como uma tentativa de copiar o movimento sem a utilização de espelho. Logo após isso, dançamos em frente ao espelho visualizando o resultado após o treino de fluência e, finalmente, explico os fundamentos para a realização do movimento.

A escolha de ensinar os detalhes anatômicos e motores ao final se dá por razões que se relacionam com a instrumentalização das alunas a lidarem com a despreocupação diante do erro - primeiramente -, com a espontaneidade de terem contato com os trejeitos advindos de suas configurações corporais naquele momento e, principalmente, com a importância de se conectarem com novas sensações antes de receberem um novo sistema de movimentações. Como início dançando virada de costas para que elas tentem imitar meus movimentos, as percepções relatadas são de tranquilidade e maior facilidade para internalizar a movimentação, tendo em vista que há uma experimentação inicial e não uma cobrança onde o acerto ou o perfeccionismo são os objetivos.

Ao chegarmos ao momento da utilização do espelho para que elas visualizem o que estavam fazendo, há uma dificuldade muito grande com questões de direção de lateralidade e a sensibilidade motora perde grande parte da qualidade de refinamento, tendo em vista que a primazia da visão junto a distorção trazida cotidianamente da autoimagem se potencializam – como investigou Feldenkrais (1977). É bastante comum nas aulas de muitos estilos de dança a utilização do espelho durante todo o tempo de aula. Entretanto, percebo que a tendência a manutenção da ausência sobre o corpo se fortalece quando adicionada, também, as comparações entre as demais alunas e a própria professora, dando continuidade a atmosfera de disputa trazida pela sociabilidade do capital junto a conjuntura patriarcal e, também, a primazia do sentido da visão distorcendo a amplitude dos demais sentidos e acirrando a lógica de fragmentação sensorial. Todavia, a utilização do espelho durante um período curto como um recurso de observação das transformações da auto imagem é um caminho válido.

Ao ensinar, finalmente, a técnica a partir de uma abordagem cinesiológica<sup>14</sup> contando com uma prévia sensibilização anatômica realizada durante o aquecimento, as alunas vão aprendendo a utilizar artisticamente os instrumentos que carregam consigo em sua dimensão corporal e, assim, se apropriam ainda mais de uma consciência até então estranhada e sem perspectiva de emprego do uso do corpo de uma forma que não fosse automatizada para acompanhar o metabolismo cotidiano.

Durante o avanço das aulas e mediante a segurança em realizar os movimentos memorizados e executados de maneira consciente, a base para criação das fusões vai sendo constituída e, aos poucos proponho maneiras de alterar criativamente os movimentos aprendidos a partir de ações próprias de cada aluna. Tal momento também é gradual, mas realizado com maior espontaneidade e autenticidade diante das várias estimulações criativas realizadas ao longo da primeira parte da aula em que há o contato com uma forma de dança livre.

O novo sistema corporal aprendido vai se unindo as experimentações vivenciadas durante o aprendizado da base e já aprimoradas de maneira menos enrijecidas com relação a forma em que ocorriam no início das aulas. A tendência a deitar no chão ao chegar na sala de aula já se torna uma ação advinda de uma escuta interna de espreguiçamento para transportar o corpo para os estágios de aprendizado com grande parte das tensões dissipadas, a criatividade já alcança uma maior amplitude de formas, ângulos, velocidades e variações de tónus, a postura já estrutura a possibilidade de motricidades profundas e o senso de coordenação motora também se aprimora.

Ao longo do avanço dos meses e anos – no contexto que ultrapassa esse estudo de campo específico e que pude verificar ao longo dos oito anos de profissão -, as alunas alcançam uma individuação que reflete não somente nos estilos que cada uma projeta sobre suas danças, mas, também, em uma relação de autocuidado que se estende para seus cotidianos e um desenvolvimento de aptidões e curiosidades para descobrirem caminhos novos. Um relato interessante foi o que ocorreu na confraternização de fim de ano de 2018 onde estimulei que a troca de presentes por meio da brincadeira “amigo oculto” fosse a partir de itens feitos por elas mesmas como forma de desenvolvimento da criatividade. Houve desenhos, artesanatos, doces e

---

<sup>14</sup> Estudo dos movimentos do corpo humano.

escritos poéticos que refletiam talentos deixados na fase da infância, ou até mesmo, nunca conhecidos antes.

Muitas repercussões acontecem diante da aquisição da consciência sobre o próprio corpo. Dentre elas, destaco o relato de uma aluna que realizou apenas quatro aulas de uma oficina que desenvolvi e que abordava somente a conscientização pelo movimento sem o ensino de alguma técnica estilística específica. Essa aluna trabalhava no setor de recursos humanos de uma rede de restaurantes, em que seu trabalho era administrar algumas outras lojas, pois diante da função que exercia não havia outros funcionários capacitados. Frente a isso, fazia seis anos que não tirava férias e teve somente alguns episódios de folga que não duravam mais do que dois dias. As horas extras não remuneradas eram recorrentes e seu esgotamento, também. Assim, ao iniciar a aula e responder as perguntas que realizei sobre as condições sensoriais dos cinco sentidos, sua resposta foi que não sabia me dizer qual a sensação atrelada a eles por que pela primeira vez depois de muito tempo ela estava lembrando que tinha um corpo e que até então nunca havia pensado em observar conscientemente seu olfato, condição da visão, sensação dos músculos ou qualquer outro elemento sobre seu próprio corpo. Ao longo das aulas que frequentou, suas reações eram manifestas sob a forma de lágrimas, sentimentos de surpresa e relatos que refletiam um despertar após anos de abandono de sensibilidade. No intervalo semanal da quarta para a quinta aula, recebi uma mensagem em que ela me agradecia todas as experiências que vivenciou com muita emoção, junto a notícia de que não poderia mais frequentar as aulas porque havia percebido que estaria perdendo a oportunidade de realizar coisas que sempre quis caso se conformasse em apenas trabalhar no emprego que estava. Se matriculou em uma faculdade e a última notícia que recebi era que estava com um projeto de trabalho com fotografia, que era uma atividade que tinha grande apresso junto a uma maior autonomia com seus horários de trabalho na mesma empresa por ter constituído uma empresa jurídica individual prestadora de serviços que, segundo me relatou, lhe garante maior qualidade de vida do que no vínculo anterior. Além disso, está cursando dois cursos de graduação – presencial e a distância – que tanto planejava começar.

Contudo, há situações onde as práticas de consciência corporal não são bem recebidas, também. Já ocorreram poucas situações de alunas que tiveram contato com aulas particulares e não sentiram uma compatibilidade com a abordagem de

sensibilização. As justificativas relatadas eram que não se sentiam bem diante do que estavam sentindo e percebendo, como uma reação de fuga diante dos sinais do que o próprio corpo estava comunicando.

Dessa maneira, a experiência corporal é atravessada por inúmeras reações que podem variar, inclusive para quem busca permanecer nas aulas. Em alguns momentos pode ser uma grande alegria, em outros pode ser curioso e, também, sofrido. Entretanto, busco sempre ressaltar que um acompanhamento psicoterápico especializado para a busca de uma organização das novas percepções é fundamental, tendo em vista os limites da prática que realizo.

Assim, compreendo que a contribuição das práticas somáticas para transmitir o estilo de dança *tribal fusion* se alinha com os fundamentos que originaram seu surgimento: anseios identitários para a construção de uma expressão corporal e artística, pautados em uma base étnica que demanda elementos que ultrapassam a mera aptidão para realizar movimento. Além disso, quando atingida a comunicação de base – ATS – o desafio começa a surgir no momento em que a projeção de uma identidade fortemente condicionada pela sociabilidade encontra os estímulos de criatividade.

Ao longo do desenvolvimento desse trabalho, foi possível perceber que a apropriação dos recursos corporais junto as propostas de criação foram capazes de fornecer elementos de acesso a uma criação com características mais autênticas e amplas no aspecto da construção de uma subjetivação estética que seja condizente com elementos que compõem as alunas, tendo em vista que é bastante recorrente no campo das performances a reprodução de composições que não há um vínculo de conexão consciente entre personagem e bailarina.

Finalmente, ressalto que o *Tribal Fusion* junto a abordagem de práticas somáticas apresentou-se como um caminho que possui grandes potencialidades capazes de permitir desestranhamentos progressivos da dimensão corporal humana e, também da possibilidade de desenvolvimento de uma das dimensões da personalidade através da expressão pelo movimento. A abordagem de transmissão de uma base que desafia os aspectos de condicionamentos corporais cotidianos, propondo outras dinâmicas de movimento, permite ampliar o esquema das condições corporais motoras e, também, um encontro com uma auto imagem mais aprofundada.

Além disso, a criação de novas formas para modificar a base constituída através do ATS permite o confronto com o desafio da autenticidade e da afinação de uma assinatura individual, cujo acesso se torna mais amplo de possibilidades quando a consciência corporal é capaz de se comunicar com a consciência das memórias corporais, dos padrões de movimento e construir novas formas de desenvolverem uma motricidade que traduz, ao fim, uma ampliação da personalidade engendrada pelo cotidiano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desfecho dessa análise deixa muitas questões abertas, mas, ao mesmo tempo, que figuram como muitos pontos de partida para o desenvolvimento de aprofundamentos analíticos posteriores. Considero que tal encerramento conduz a caminhos bastante frutíferos no que concerne a produção de conhecimento. Por vezes, algumas leituras deixam questões em aberto que acabam por resultar em interpretações conclusivas pessimistas e descrentes quanto a apropriação do objeto. A intenção aqui, mesmo com os pontos mencionados, foi transmitir uma maior nitidez sobre um problema que atravessa não só a vida no sentido abstrato, mas a própria materialidade imediata onde ela se processa: o corpo.

O objeto de estudo se faz muito peculiar por ser vivo e dinâmico. O corpo é a eterna condição de existência dos seres humanos, para além das estruturas e configurações sistemáticas que podem ser modificadas, transformadas radicalmente ou até mesmo desconstituídas para surgirem outras novas. A condição corporal não se trata de uma eventualidade pretérita ou algo já superado durante o decurso histórico. Trata-se de condição material de existência.

Ainda vivenciamos as repercussões analisadas na escrita e, inclusive, é possível nos afetarmos diretamente a partir dela. Escrever sobre esse tema foi uma prática extremamente desafiadora porque partimos de uma observação que compartilha de maneira imediata as percepções e verificações expostas. Isto é, estudar um “objeto vivo” e, ainda, a partir de uma perspectiva que se preocupa com o debate da consciência a respeito da sensibilidade é estar suscetível a diversos atravessamentos que submetem o autor a um exercício que ultrapassa concatenações meramente intelectuais.

É preciso dizer que estar disposta a compreensão do aprofundamento em reivindicar a esfera da sensibilidade humana, por vezes tornou o exercício de análise muito difícil. Quando o corpo começa a ser percebido e atendido, após uma relação recorrente de apagamento dos sintomas que indicam as necessidades orgânicas e subjetivas, produzir sob o compromisso de datas, cronogramas e, ainda, com um trabalho paralelo ao da pesquisa que não obteve custeio através de bolsa, torna-se um grande desafio.

A partir do estudo do corpo e de sua historicidade sob uma teoria crítica da sociabilidade do capital, muitos diagnósticos foram possíveis: esse trabalho foi escrito em um mestrado de dois anos, paralelamente a um curso de pós graduação em consciência corporal, sem apoio estudantil – bolsa de financiamento de pesquisa – e em meio a uma rotina de trabalho docente onde o tempo em sala de aula era manejado ao tempo de criação artística e do próprio plano de aula, funções orgânicas básicas e, finalmente, ao trabalho de leituras e escrita dessa pesquisa. O paradigma de corpo estranhado, “útil” e pouco desenvolvido no aspecto da sensibilidade também era o meu próprio corpo. Ao dissecar o estudo, fui alargando, também, a percepção sobre minha própria subjetividade. Em diversos momentos os anseios dos sentidos, das emoções e do aspecto sensível, atravessavam a tarefa de escrever, estar focada e concentrada.

Pude perceber que promover a escuta da dimensão sensível não é algo simples nem tampouco imediato. Atravessamos gerações em que o aspecto do afastamento do desenvolvimento da personalidade foi interposto por comportamentos socialmente determinados e impressos na condição corporal cotidiana. Ao dar início a uma escrita crítica e que considerou os pontos que trouxemos a tona, iniciei um processo de objetivação corporal que respondia em minha vida cotidiana de maneira primariamente reativa. E assim também pude perceber todas as pessoas que estiveram em contato com as práticas propostas de sensibilização do corpo, tanto em minhas aulas quanto com meus colegas de pós-graduação ou pessoas que me relacionei e que também se atentam a isso – principalmente entre pessoas do meio artístico -. Existe um processo onde se desperta, se reorganiza e, ao mesmo tempo, se convive cotidianamente com os mecanismos que retroalimentam o refazimento dos estranhamentos.

Desse modo, percebi que a escolha teórica desse trabalho foi muito acertada diante do que se passava nos aspectos de minha subjetividade. Em outros campos da epistemologia, a temática da corporalidade é tratada sob uma perspectiva que, por vezes, aborda a relatividade em se discutir os aspectos da sensibilidade de uma forma meramente denunciativa, por vezes indicando a alienação como algo imanente e sem uma abordagem estrutural onde possamos vislumbrar o mínimo de apreensão objetiva deste “objeto vivo”. Ou seja, todas as sensações despertando junto a uma teoria que é capaz de abrir ainda mais janelas e não ligar os pontos para uma compreensão

minimamente ordenada, poderia ter sido uma tarefa um tanto caótica. A relativização em tais campos epistemológicos é por vezes levada a abstrações irrazoáveis que representam um descolamento da realidade e afastam o debate das subjetividades de um mínimo de sobriedade para a construção de uma teoria revolucionária. É claro que não busquei uma expectativa de positivar uma dinâmica viva e complexa. Como leciona Marx, o concreto é a síntese de muitas determinações e estas são possíveis de serem apropriadas para articular as relativizações que forem necessárias.

Assim, a intenção desse trabalho foi extrair uma base analítica objetiva e estrutural que foi capaz de verificar condições socialmente determinadas, a fim de apontar um horizonte emancipatório do desenvolvimento do gênero *para si*. Compreendemos aqui que ao partir de um entendimento que desconsidere as repercussões objetivas que operam efetivamente como condicionantes sociais, há uma tendência de desvio para uma distorção pela via da naturalização dos comportamentos humanos. Como mencionamos ao longo da escrita, a categoria do estranhamento manifesta-se de formas completamente atípicas, particulares, com traços da formação social que os sujeitos recebem e extremamente heterogêneas. Entretanto, o que objetivamos aqui foi ilustrar como percebemos essa categoria se manifestando nos dias de hoje na dimensão corporal.

O recurso de partir de uma análise teórica materialista sobre esses fenômenos foi justamente para trazer uma nitidez maior, uma clareza sobre pontos de nebulosidade que nos impedem de nos apropriarmos desses problemas e integralizar condições objetivas e subjetivas para uma apreensão da totalidade da questão. Por outro lado, é possível dizer que no campo da teoria marxista, a discussão em torno das subjetividades é pouco desenvolvida se a comparamos com a produção, hoje predominante, da pós-modernidade. Diante da extrema ênfase no subjetivismo, a teoria pós-moderna possibilita partir de uma concepção que cinde o indivíduo e o aparta das relações sociais. Nesse sentido, incorre no erro de negligenciar as determinações sociais formativas das individualizações. O marxismo, diferentemente do que muitos supõem, comporta reflexões decisivas sobre a subjetividade. Estas permitem colocar o problema do estranhamento corporal em dimensões mais amplas e profundas. Nesse sentido, vão para além dos limites das teorias pós-modernas que, em sua grande maioria, se fecham em considerações atinentes quase exclusivamente

aos aspectos da subjetividade desatrelada de uma inter-relação com o cenário objetivo.

O estudo da realidade é algo muito complexo. A própria palavra “realidade” é algo que deve receber um tratamento muito delicado, pois a formação sensorial fragmentada nos coloca diante de determinações que nos fazem partir de uma compreensão parcializada do entorno e de nós mesmos. Mas ao mesmo tempo, essa complexidade e relatividade na determinação do objeto não nos deixou conduzir a abstrações extremamente ficcionais e irrazoáveis. A análise da realidade aqui se faz a partir de um olhar sobre elementos que afetam concretamente a relação do ser humano com o mundo.

A partir disso, o que se propôs como finalidade desse trabalho, principalmente a partir da escolha da análise sobre a via da corporalidade, foi identificar um processo de afastamento do ser humano de suas grandes potências enquanto gênero e como isso se inter-relaciona com as condições corporais socialmente engendradas, apontando a necessidade urgente para que os sujeitos se apropriem de uma consciência física e sensível do corpo e compreendam que não se transforma objetividade sem transformação subjetiva, e vice-versa.

O recurso de compreender a discussão dos autores que pesquisam o corpo e que foram tratados no capítulo três, pôde nos fornecer bases capazes de identificar uma inconformidade entre a relação do ser humano com a consciência sobre o próprio corpo. Todavia, não foi possível verificar um aprofundamento dos autores sobre a análise das bases que condicionam os problemas identificados, figurando como produções teóricas e práticas que parecem se pautar em um cunho meramente denunciativo, ainda que propositivo no sentido prático do trabalho de conscientização. Nesse sentido, esse trabalho se empenhou em preencher essa lacuna localizada nas teorias que tratam sobre o tema da corporalidade a fim de fornecer bases para complementar a dimensão complexa de problemas facilmente identificados por quem trabalha com consciência corporal, mas não aprofundados no que toca a gênese constitutiva do estranhamento.

Acerca de práticas e ações interventivas diante de um problema identificado, muito se discute no sentido de transformar as estruturas sociais e rearranjar o cenário objetivo para a modificação de comportamentos, costumes, ações. Minha graduação

foi em Direito, e durante o curso pude perceber que ainda era muito incipiente a compreensão da complexidade que consiste em regulamentar a realidade a partir de postulados jurídicos. Para além do que se estabelece como regramentos externos, existem dinâmicas subjetivas que ocorrem em um campo com sérias distorções e ausências de consciência, que é o próprio corpo dos seres humanos. Dessa maneira, modular leis, discutir direitos sociais, pensar em políticas públicas ou quaisquer outras intervenções, sem haver uma consciência de si, é partir de condições meramente imaginárias e formalistas ao tratar de possibilidades que atinjam níveis efetivos de transformações sociais.

Assim, reafirmo que é de grande urgência fortalecer um pensamento que proponha uma efetiva transformação que agregue não somente o que se pode articular externamente, mas, também, que integre e potencialize os sujeitos sociais a estarem aptos para manejarem tais transformações. Nesse sentido, a sobriedade de analisar a realidade em sua totalidade - objetiva e subjetivamente - é justamente para que se construa um olhar nítido do ponto em que estamos para qual ponto queremos chegar.

Essa dissertação foi escrita em um programa de pós-graduação em Serviço Social. Propor políticas sociais, públicas e almejar um horizonte de transformação social sem pensar em formas de intervenção prática sobre a esfera subjetiva humana - por vezes conduzindo tal atuação a outros profissionais como psicólogos ou médicos - é parcializar a concepção de intervenção na realidade. É possível realizar um trabalho sem atravessar as competências de profissionais especializados na intervenção sensível dos indivíduos, e assim tive a intenção de demonstrar no capítulo quatro em que dissertei sobre minha experiência como professora de dança.

A intervenção que embasou o estudo de campo desse trabalho não parte da prática de uma assistente social. Entretanto, só foi possível que fosse realizada a partir das bases extraídas na especialização dessa área, onde o mapeamento de uma análise histórica-social se uniu as abordagens práticas realizadas durante as aulas. A produção teórica que foi articulada nesse campo das ciências humanas aplicadas, representa uma grande importância enquanto produção epistemológica crítica e, ao mesmo tempo, propositiva num sentido emancipatório.

Durante o confronto com as questões que se apresentavam na prática profissional de professora de dança, em diversos momentos foi possível contradizer circunstâncias naturalizadas que partem, na verdade, de uma nítida ilustração do estranhamento projetado sobre a dimensão corporal, tal como alguns argumentos que situam a aptidão para realizar movimento na esfera de talentos natos que podem existir ou não em algumas alunas, nas frustrações diante de dificuldades que são interpretadas como incapacidades impossíveis de serem transformadas em habilidades e, também, de concepções advindas de reificações cotidianas condutoras de estranhamentos que se impregnam na esfera subjetiva, limando as possibilidades de conceber as condições corporais como potência, mas sim, interpretando-as como restrições.

O que concluímos é que apesar de qualquer janela que possa ser aberta para várias outras discussões, a questão da relação do ser humano com o próprio corpo é um ponto que carece urgentemente de ser observado e passar por práticas interventivas. Não me refiro a uma maneira compulsória de intervir, mas sim, no desenvolvimento de uma pedagogia sensorial de caminhos e instrumentalidades em que as pessoas saibam manejar a dimensão de suas próprias corporalidades, que é ocultada diante das dinâmicas que são socialmente engendradas.

É necessário sobrepor a reatividade corporal primária a uma atividade de percepção consciente e sensível, que conduza a escolhas cada vez mais isentas dos condicionamentos. É preciso fundar uma nova forma de viver para que não estejamos meramente resistindo cotidianamente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Gerda. *Eutonia: um caminho para a percepção corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ANTUNHA, Elsa Lima Gonçalves. *Propriocepção: um conceito de vanguarda na área diagnóstica e terapêutica*. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v28n2/v28n2a15.pdf>> Acesso em: maio de 2019.

ASGARD, Aerith. *ATS vs. Tribal Fusion*. Disponível em <<http://aerithtribalfusion.blogspot.com/2013/07/ats-vtribal-fusion.html>> Acesso em: maio de 2019.

BRICE, Rachel. *Rachel's lineage*. Disponível em <<http://www.rachelbrice.com/rachels-lineage>> Acesso em: maio de 2019

CALAZANS, J.; CASTILHO, J.; e GOMES, S. *Dança, Educação e Movimento*. São Paulo: Cortez, 2008.

CAMARGO, Giselle Guilhon Antunes (org). *Antropologia da Dança I*. Florianópolis: Insular, 2013.

CAMPOS, Álvaro de. *Arquivo Pessoa*. Disponível em <<http://arquivopessoa.net/textos/521>> Acesso em: setembro de 2019.

EL BALADI, Nadja. *Pequeno histórico da dança tribal*. Disponível em <<http://nadiaelbalady.blogspot.com/2012/12/pequeno-historico-da-danca-tribal.html>> Acesso em: maio de 2019.

ESPINOSA, Natália. *Bailarinas do mesmo ventre*. Disponível em <<http://aerithtribalfusion.blogspot.com/2013/10/bailarinas-do-mesmo-ventre.html>> Acesso em: maio de 2019.

\_\_\_\_\_. *Jamila e o legado Salimpour*. Disponível em <<https://congressotribal.com/2018/01/29/jamila-e-o-legado-salimpour/>> Acesso em: maio de 2019.

FELDENKRAIS, Moshe. *Consciência pelo Movimento*. São Paulo: Summus, 1977.

IASI, Mauro. *Ensaio sobre consciência e emancipação*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

IDANÇA. *Idança.Doc com Angel Vianna*. Youtube, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0KnBfbeGfvY&t=97s>> Acesso em: março de 2018.

IMBASSAÍ, Maria Helena. *Consciência Corporal: Sensibilidade e consciência no mundo contemporâneo*. In: CALAZANS, J.; CASTILHO, J.; e GOMES, S. *Dança, Educação e Movimento*. São Paulo: Cortez, 2008.

JOHNSON, Don. *Corpo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

LABAN, Rudolph. *Dança Educativa Moderna*. São Paulo: Ícone, 1990.

\_\_\_\_\_. *Domínio do Movimento*. São Paulo: Summus, 1978.

LE BRETON, David. *Antropologia dos Sentidos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LUKÁCS, György. *Para uma Ontologia do Ser Social. Vol.2*. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MILLER, Jussara. *A escuta do corpo: Sistematização da Técnica Klaus Vianna*. São Paulo: Summus, 2016.

PIÑEIRO, Rebeca. *História do tribal parte 1*. Disponível em <<http://blogcampodastribos.blogspot.com/2013/07/historia-do-tribal-parte-1.html>> Acesso em: maio de 2019.

\_\_\_\_\_. *História do tribal parte 3*. Disponível em <<http://blogcampodastribos.blogspot.com/2013/11/historia-do-tribal-parte-3.html>> Acesso em: maio de 2019.

PORTELINHA, Ruthia. *Flamenco, o ritmo da Andaluzia*. Disponível em <<https://bercodomundo.com/2019/02/flamenco-o-ritmo-da-andaluzia.html>> Acesso em: maio de 2019.

PRIBERAM. Dicionário de língua portuguesa. Disponível em <<https://dicionario.priberam.org/dessensibiliza%C3%A7%C3%A3o>> Acesso em: maio de 2019.

RAMOS, Enamar. *Angel Vianna: A pedagoga do corpo*. São Paulo: Summus, 2007.

ROCHA, Andressa. *O que é flamenco?* Disponível em <<http://flamencobrasil.com.br/2008/04/o-que-e-flamenco/>> Acesso em: maio de 2019.

TEIXEIRA, Leticia. *Consciência do Movimento*. In: CALAZANS, J.; CASTILHO, J.; e GOMES, S. *Dança, Educação e Movimento*. São Paulo: Cortez, 2008.

VIANNA, Klauss. *A dança*. São Paulo: Summus, 2005.

VILANOVA, Cintia. *Puja – o reverenciamento a dança do ATS*. Disponível em <<https://cintiavilanova.com.br/2016/12/18/puja-o-reverenciamento-a-danca-do-ats/>> Acesso em: maio de 2019